

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
PSICOLOGIA

Eliana Mendonça Vilar Trindade

**FILHOS DE BACO:
ADOLESCÊNCIA E SOFRIMENTO PSÍQUICO
ASSOCIADO AO ALCOOLISMO
PATERNO**

Tese aprovada, como requisito parcial para a obtenção do Título de Doutor em Psicologia, pelo Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília – UnB.

Orientador (a): Prof.^ª Dra. Liana Fortunato Costa

Brasília
2007

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

Eliana Mendonça Vilar Trindade

FILHOS DE BACO:
ADOLESCÊNCIA E SOFRIMENTO PSÍQUICO ASSOCIADO
AO ALCOOLISMO PATERNO

Data de defesa: 15 de junho de 2007

Banca Examinadora:

Presidente: Prof^ª. Dra. Liana Fortunato Costa
Universidade de Brasília/IP/PCL

Membro: Prof^ª. Dra. Maria de Fátima Olivier Sudbrack
Universidade de Brasília/IP/PCL

Membro: Prof. Dr. Maurício da Silva Neubern
UniCEUB

Membro: Prof^ª. Dra. Ondina Pena Pereira
UCB

Membro: Prof^ª. Dra. Júlia Sursis Ferro Nobre Bucher
UNIFOR UnB

Membro: Prof^ª. Dra. Maria Aparecida Penso
UCB

Aos meus pais, grandes pioneiros da Capital Federal, Mônica e João Mendonça (in memoriam), pelo grande legado, pela pureza inerente aos corações mineiros e pela eterna saudade...

Ao meu marido Alberto e aos meus filhos Marina, Gabriela e Matheus pela convivência sublime e por representarem a grande alegria da minha vida

.

AGRADECIMENTOS

A muitas pessoas, este momento representa uma oportunidade de agradecimento e de reverência.

Esta tese proporcionou múltiplos resgates de toda uma trajetória profissional e existencial, em que muitos me influenciaram e me agregaram valores, idéias e sentimentos. Alguma falha de memória seria desculpável e, desde já, agradeço a todas as pessoas as quais sou muito grata, incluindo “às que já se foram”...

Agradeço, especialmente:

1. Aos meus pacientes Alcoolistas e familiares, pela imensa fé com que encaram a luta cotidiana;
2. Às Instituições Acadêmicas e Assistenciais:

Ao Hospital Regional de Sobradinho/SES, no qual trabalhei durante 13 anos, local de realização desta pesquisa. Na verdade, este hospital representou importante cenário para o desenvolvimento do PISAS (Programa Integrado de Saúde do Alcoolista de Sobradinho) e especialmente para mim significou uma grande fonte de aprendizagem e de crescimento pessoal.

À Escola Superior de Ciências da Saúde: pela grande oportunidade de poder estar contribuindo para o processo de consolidação desta escola, no contexto da Secretaria de Saúde do Distrito Federal.

À Universidade Católica de Brasília: por ter sido uma grande fonte de aprendizagem e ensinamentos, o que inclui os grandes amigos conquistados entre estudantes e colegas de profissão.

3. Aos meus orientadores (acadêmicos e/ou existenciais) e amigos:

À Prof^ª. Liana Fortunato Costa, minha querida orientadora, por ter tido o grande mérito de me fazer acreditar em mim mesma. A sua contribuição foi inestimável, aliás crucial, já que através de sua seriedade, competência, disciplina e dedicação conseguiu me compreender e me respeitar . Este respeito amigo permitiu que, apesar dos estilos pessoais bastante singulares, ocorresse a conclusão da tese, e efetivação de uma grande parceria.

À Prof^ª. Maria Fátima Sudbrack, por ter participado na forma marcante de minha trajetória profissional, como mestre e parceira, e por ter sido, inclusive, a grande idealizadora do PISAS (Programa Integrado de Saúde do Alcoolista de Sobradinho), programa comunitário, cenário deste estudo.

À Prof^ª. Júlia Ferro Bucher, grande e saudosa amiga, eterna mestre e orientadora de meu mestrado. A sua inteligência, vivacidade, dinamicidade e jovialidade marcaram-me, desde a graduação até o mestrado, foram fontes de grandes realizações e aprendizados.

Ao grande mestre Dr. Richard Emil Bucher (*in memriam*), por ter sido historicamente meu grande mestre, e por ter nos transmitido como legado, sua grande paixão por uma Psicanálise e Psicologia mais socializada e comprometida com a realidade de nosso País.

Ao Prof. Gary Lawson, pelas inestimáveis contribuições durante meu estágio no Bela Vista Hospital e na USIU (United States International University) em San Diego na Califórnia.

Ao Prof. Dênio Lima, meu orientador de doutorado (não concluído) nas Ciências da Saúde, pelos grandes ensinamentos e pela sua grande delicadeza no trato com os pacientes adolescentes.

À Prof^ª. Maria Rita Garbi Novaes, pela amizade nascida e fortalecida no contato cotidiano e pela grande parceria, criatividade e eficiência.

À Prof^ª. Maria Aparecida Penso, por minha grande admiração e pelo grande acolhimento na Universidade Católica de Brasília.

À Psicóloga Henriette Ahrens, pela grande competência, com que realiza grandioso trabalho internacional em prol do tratamento da AIDS e pelas contribuições perspicazes para o texto final desta tese. A amizade não respeita a distância inevitável, já que essa cidadã do mundo, agora residindo em Nova Iorque, continua sendo grande irmã, solidária e presente na vida de minha família.

Aos estagiários de Psicologia do PISAS, pela participação fundamental nesta pesquisa, a toda equipe técnica do PISAS, à assistente social Maria Antonieta e a psiquiatra Terezinha.

Às revisoras e diagramadoras desta tese Soraia Figueredo do Carmo, Kátia Cristina Priess Dias e Maria dos Milagres Gomes da Silva pela competência e delicadeza.

Às queridas amigas e companheiras de magistério na ESCS/FEPECS,

Hélcia Oliveira Almeida, Estela Versiani, Vânia de Araújo Pereira e Maria Dilma Alves Teodoro pelo carinho, admiração e afinidade de atuação na área de Saúde Mental.

Aos Gestores e Professores da ESCS/FEPECS: Antonio Carlos De Souza, Mourad Belaciano, Luiz Massaro Watanabe e Ana Márcia Guardard pelas grandes contribuições à educação médica e pelas oportunidades e incentivos fundamentais para o desenvolvimento de meu trabalho.

4. À minha família e amigos:

Ao meu pai (*in memoriam*), por ter curado tantas pessoas, inclusive a mim. Quem conheceu o memorável ortopedista João Mendonça, passou a admirá-lo, seja: pelo seu grande carisma, pelo seu humanismo, pela sua humildade e perseverança ou pela sua capacidade indescritível de trabalho. Sempre será a minha luz, o meu norte, como um mito vivo e tenaz, continua vivendo entre nós.

À minha mãe, Mônica Mendonça, pela imensa dedicação à família. Pode ser, que sua grande jovialidade esteja associada à arte, de tornar as coisas simples em especiais. certamente sua vivacidade e musicalidade sempre tenham trazido uma sonoridade encantadora para nossos encontros e festas. É admirável a maneira

como se dedicou plenamente à nossa família e como sempre ultrapassou os desafios inerentes ao ciclo vital. Com tudo isto me ensinou a ser feliz.

Ao meu irmão Aristides, pela inteligência e força heróica de superação dos desafios da vida. Sua amizade, além de preciosa, é fruto de nossa grande e eterna identificação.

Ao meu irmão e compadre Augusto, pelo carinho e pelos grandes ensinamentos. Suas conquistas nos enchem de orgulho.

Ao meu companheiro Alberto, pela eterna admiração, por todas as nossas afinidades, pela preciosidade de nossa união e pelo eterno carinho.

À minha filha Marina, pela sua poesia, por sua capacidade infinita de criar e filosofar, pela sua paixão pelo conhecimento.

À minha filha Gabriela, pela alegria contagiante, pela perspicácia, pela riqueza de sua afetividade, e por seu sorriso magnífico.

Ao meu filho Matheus, pela simpatia contagiante, pela sua visão madura da vida coroada por um finíssimo senso de humor.

A toda a minha família mineira, além da saudade, trago o grande legado de nossas tradições, de nossos encontros e da força de nosso sangue, em especial faço homenagem ao meu tio Viriato Magalhães e a meus primos Márcio Augusto e Leonardo, enfim a todos.

Ao meu amigo Erich Nemer Ribeiro, por sua grande generosidade e inestimáveis contribuições para a efetivação deste trabalho.

À minha querida amiga Lourdes Marques, pela felicidade de nossos encontros, por sua grande vivacidade e pelos grandes incentivos inerentes a sua visão altamente especial e otimista da vida...

À minha querida Elza Pereira, antiga companheira de luta cotidiana, eterna protetora e cuidadora de nosso lar. Sem dúvida, seu tempero e dedicação transformaram nossa vida e sem ela este trabalho não seria concluído.

À minha querida amiga de infância Claudia Mariza Silva de Aquino, por estar presente em todos os momentos de minha vida.

Ao meu amigo de infância, o promotor paraibano Valério Bronzeado, por tantas oportunidades de trocas intelectuais e pela feliz coincidência que significa a Paraíba, sua terra natal e de meu marido, e pelo cenário associado a infinitos momentos de lazer.

À Psicanalista paraibana Marta de Lourdes Aragão, querida cunhada, por sua vasta cultura e inúmeras sugestões em termos de referências para meu trabalho.

Ao sociólogo e amigo Agop Kayan, pela sua imensa dedicação à causa de proteção da adolescência e da infância, durante sua gestão como representante da UNICEF no Brasil e por nossas tantas afinidades.

ROMANTISMO

*Quando a verdade toda é descoberta
Falta uma cousa ainda à alma ansiada,
A ciência humana é uma porta aberta
Que dá para outra porta, que é fechada.*

*A razão não completa quem nós somos,
Quem sentimos não cabe em compreender-se.
A esperança que fomos*

*Não sei quem és quando não sofro. Choro
E os meus olhos de instinto te vão ver
E qualquer cousa do meu ser melhora
Que sofre mas é digno de sofrer.*

*Eu não sei se a verdade é o pensamento,
Ou se sentir é quem nos mostra a nós.*

Fernando Pessoa

RESUMO

Trindade, E. M. V. (2007). Filhos de Baco: adolescência e sofrimento psíquico de filhos de alcoolistas. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, Brasília-DF.

Esta tese é o resultado de um estudo qualitativo baseado na Epistemologia Qualitativa e tem como foco central três grandes complexidades humanas: o sofrimento, a família e a Patologia, aqui representada pelo alcoolismo paterno. O objetivo principal foi o de delinear novas compreensões sobre o sofrimento psíquico de filhos de alcoolistas adolescentes, levando em conta a subjetividade destes adolescentes. A análise do discurso e das falas dos adolescentes permitiu explicitar as nuances dos processos de subjetivação do sofrimento através de uma Epistemologia de construção e não de resposta. A fecundidade da Epistemologia Qualitativa ficou patente no decorrer da pesquisa, já que enriqueceu o processo de análise qualitativa do sofrimento de filhos de alcoolistas, por meio da interpretação de configurações de sentido emergidas da análise dos relatos dos sujeitos do estudo. Durante a análise foram emergindo alguns padrões de sentido através do diálogo com os adolescentes. Foram utilizados os seguintes instrumentos no estudo: Questionário de Identificação do Sujeito, Questionário Fechado de Família, Instrumento Aberto de Família e Instrumento de Completamento de Frases. Os indicadores elaborados por meio de análise construtivo-interpretativa levaram à construção de três zonas de sentido acerca da configuração subjetiva do sofrimento de filhos de alcoolistas, denominadas: “Buscando Compreender o Sentido do Sofrer”; “Investimento no Eu Pessoal: A Configuração da Subjetividade de Adolescentes Filhos de Alcoolistas”; e “A Gênese Familiar do Sofrimento de Adolescentes”. O estudo forneceu subsídios para uma melhor compreensão de aspectos qualitativos do sofrimento de filhos de alcoolistas por meio de um olhar não focado na patologia e nos problemas vividos por este grupo. Neste sentido, a análise das falas permitiu a elaboração de críticas ao modelo biomédico predominante na literatura especializada, cujo enfoque patologizante aponta predominantemente para aspectos deficitários de adolescentes filhos de alcoolistas. A teoria sistêmica e o conceito de resiliência mostraram-se úteis, na medida em que colocam em evidência recursos de saúde, presentes na vida desses adolescentes. O foco na adolescência de famílias pobres carrega uma relevância social e é abrangente, pertinente e estratégico, já que aborda uma fase crucial da vida em termos de escolhas. O sofrimento é visto como realidade humana inexorável e que pode ser conotado positivamente, significando uma condição estruturante e incitante de ações humanistas e de mudanças na qualidade das relações humanas. Observou-se que o processo de individuação em adolescentes filhos de alcoolistas mostrou-se difícil. A tônica no medo retardou o processo e mostrou-se diferenciada em função do gênero. Os meninos expressaram mais o medo e insegurança em relação à própria vida e ao futuro e as meninas expressaram mais o medo e insegurança em relação às suas ligações afetivas. Observou-se que além da ausência de um perfil típico para estas famílias, o sofrimento familiar mostrou-se associado à falta de redes sociais e ao forte estigma social do alcoolismo. A conotação positiva do sofrimento representa condição essencial para o desenvolvimento da saúde psíquica de adolescentes filhos de alcoolistas e para a construção de contextos resilientes.

Palavras-chave: filhos de alcoolistas, família, adolescência

ABSTRACT

Trindade, E. M. V. (2007). Filhos de Baco: adolescência e sofrimento psíquico de filhos de alcoolistas. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, Brasília-DF.

The thesis is the result of the qualitative study based on the Qualitative Epistemology. It is centered in three important human complexities: suffering, family and Pathology; the latter here represented through paternal alcoholism. The main objective of the study is to indicate new ways of understanding children of alcoholics, taking into account the subjectivity of these specific adolescents. An analysis of the adolescents' speeches allowed explicitation of teenagers processes of suffering through a construction Epistemology and not of answer. The fecundity of Qualitative Epistemology become patent during the research, and already making the process more clear by using a qualitative analysis of the alcoholics' children suffering, through the interpretation of the reports of the subjects. Patterns of meaning were emerging from the dialogue with the adolescents during the analysis. The following instruments were used in the study: Questionnaire for the Personal Identification, Closed Questionnaire for the Family and an Open Tool Asking the Adolescents to Finish Sentences. The indicators developed throughout the process of constructive and interpretative analysis lead to three zones of meaning and helped to describe the subjective suffering of sons and daughters of alcoholics. These zones are: "Exploring the Meaning of Suffering"; "Investment in the Ego: the Configuration of the Subjectivity of Adolescents whose Parents are Alcoholics and "The Genesis of the Suffering in the Family". The study helped to better understand the qualitative aspects of suffering of sons and daughters whose parents are alcoholics by not focusing on the pathology and the problems of this group. In this sense the analyses of the adolescents' discourse allowed the development of criticism of the biomedical model, still dominant in literature. This model emphasizes the pathological aspects, stressing predominantly deficiencies in adolescent development. The systemic theory and the concept of resilience have shown to be useful as they stress health resources, present in the lives of the studied adolescents. The focus on adolescence in low income families is of social relevance and, at the same time strategic, as this phase is a crucial turning point for choices in life. Suffering is seen as an inexorable human condition which has a potential positive meaning, here understood as a structuring condition and inciting humanistic actions and change in the quality of human relations. It was observed that the individuation process in adolescents alcoholics' children seems to be difficult. The tonic of the fear delays the process and it is shown differentiated in function of the gender. The boys expressed more the fear and insecurity in relation to the own life and to the future and the girls expressed more the fear and insecurity in relation to their affectionate connections. It was observed that besides the absence of a typical profile for these families, the family suffering was shown associate to the lack of social nets and the fort social stigma of the alcoholism. The positive connotation of the suffering represents essential condition for the development of the adolescents alcoholics' children psychic health and for the construction of resilient contexts.

Key-Word: Alcoolist's sons, Family and Adolescence

Sumário

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO	17
1.1 O impacto do alcoolismo paterno na vida relacional e na psicodinâmica de seus filhos e familiares: refletindo sobre a patologia	18
1.2 A importância da abordagem sistêmica para a compreensão da função paradoxal do sintoma alcoolismo	22
1.3 A transmissão do alcoolismo no contexto familiar: reflexões críticas acerca da existência de perfil de “famílias alcoólicas”	22
1.4 Transcendendo a epistemologia da patologia: reflexões sobre o sofrimento psíquico de filhos de alcoolistas.....	23
1.5 Adolescentes filhos de alcoolistas e o desafio da construção de novas compreensões teóricas e humanísticas desses indivíduos	25
1.6 Reflexões acerca do referencial epistemológico adequado ao estudo da subjetividade	28
1.7 O desafio de pensar a adolescência de forma contextualizada e reveladora da fenomenologia da sociedade contemporânea	30
1.8 Hipótese de trabalho.....	34
1.9 Objetivo do trabalho.....	35

1.9.1 Estruturação e capítulos da tese	38
CAPÍTULO 2 – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA: A CONSTRUÇÃO DO OBJETO E ORIENTAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS.....	40
2.1 A crise da ciência moderna: reflexões sobre outras saídas históricas tais como a hermenêutica e a fenomenologia	41
2.2 Antecedentes da epistemologia qualitativa	43
2.3 Princípios teóricos da epistemologia qualitativa.....	45
2.4 O conceito de subjetividade	48
2.5 A importância da interpretação e da hermenêutica na construção da pesquisa e na delimitação do objeto	50
2.6 A construção e delimitação do objeto e a metodologia de trabalho.....	51
2.7 Aproximação do pesquisador ao campo de pesquisa e aos sujeitos – percurso profissional: quem é o pesquisador?.....	52
CAPÍTULO 3 – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA – A COMPREENSÃO DO SOFRIMENTO: UMA PERSPECTIVA PSICOLÓGICA E INTERACIONAL.	56
3.1 Um olhar reflexivo sobre o sofrimento humano	57
3.2 Dor e sofrimento humano: a medicalização da vida	57
3.3 Um olhar que contempla trechos da história do pensamento ocidental no que tange à vivência do sofrimento	61

3.4	A subjetivação do sofrimento e aspectos relevantes da perspectiva existencialista no que tange à vivência da dor	62
3.5	O conceito de adolescência: um olhar histórico	65
3.6	Refletindo sobre o conceito da adolescência no contexto de pobreza e exclusão social.....	68
CAPÍTULO 4– METODOLOGIA.....		72
4.1	A delimitação do campo e do objeto de pesquisa: a aproximação do pesquisador da realidade investigada	72
4.2	O cenário de realização da pesquisa e a história do pias	74
4.3	A história das motivações da pesquisadora diante do estudo e a crescente elaboração do problema	78
4.4	Sujeitos.....	80
4.5	Instrumentos.....	84
4.6	Procedimentos.....	87
4.7	Estratégias de construção das informações: análise dos dados.....	91
CAPÍTULO 5 – ANÁLISE DOS RESULTADOS		94
5.1	O questionário de identificação do sujeito (anexo 1).....	

	94
5.2 O instrumento fechado de família (anexo 1).....	94
5.3 No que tange ao instrumento aberto de família (anexo 2).....	95
5.4 Instrumento de complemento de frases (anexo 3).....	95
5.5 Considerações preliminares e etapas do processo.....	95
5.6 Observações preliminares do instrumento fechado de família (questionário de identificação pessoal)	99
5.7 Observações preliminares do instrumento aberto de família.....	102
5.8 Primeira zona de sentido – buscando compreender o sentido do sofrer	105
5.8.1 Sofrimento existencial.....	106
5.8.2 O que está por vir? o adolescente e o medo do futuro	115
5.8.3 O sofrimento diante do medo do próprio pai e da violência.....	119
5.8.4 Segunda zona de sentido – investimento no eu pessoal: a configuração da subjetividade de adolescentes filhos de alcoolistas	125
5.8.5 Os processos interpessoais e comunicacionais como ferramenta para a construção de uma subjetividade	129
5.8.6 Subjetividade e resiliência	131
5.8.7 A Carência afetiva impedindo o desenvolvimento da subjetividade.....	

	134
5.8.8 A importância da elaboração dos conflitos na adolescência: individuação <i>versus</i> individualização.....	137
5.8.9 Subjetividade e gênero	141
5.9 A importância das redes sociais e da escola para a construção da subjetividade	151
5.9.1 Terceira zona de sentido – a gênese familiar do sofrimento de adolescentes...	153
5.9.2 A disfuncionalidade do sistema familiar e o desafio de mudança	155
5.9.3 A expressão do sofrimento na família.....	157
5.9.4 O alcoolismo paterno e a vivência da paternidade.....	160
5.9.5 A importância da figura materna na manutenção da homeostase familiar	163
5.9.6 Os papéis vivenciados pelos filhos nestes sistemas	165
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	168
REFERÊNCIAS.....	187
ANEXOS.....	199

INTRODUÇÃO

“Sofrimento e impotência – foi isso que criou todos os transmundos e, mais, a breve loucura da felicidade que só o grande sofredor experimenta”

Nietzsche

Nesta tese, o objeto de investigação tem como foco principal de análise três grandes temas reveladores da complexidade humana: o sofrimento, a família e a patologia, aqui representada pelo alcoolismo paterno. Não tenho a pretensão de exaurir a questão, nem gostaria de estancar minhas dúvidas, durante este percurso. A tese pretende refutar paradigmas vigentes, já que a desconstrução de idéias parece ser inevitável, durante as vicissitudes inerentes a um longo e complexo percurso. A triangulação formada pelo sofrimento vivido por filhos de alcoolistas, o seu contexto relacional (familiar e/ou social) e o alcoolismo paterno nos mostra a extensão de nosso desafio.

Tal objeto de estudo será investigado a partir do referencial sistêmico, que concebe o alcoolismo presente em um dos membros como um sintoma denunciador dos desequilíbrios do sistema familiar, surgindo quando a família apresenta dificuldades no seu processo de desenvolvimento ao longo do seu Ciclo de Vida (Bowen, 1974; Costa, 2004; Halpern, 2000; Steinglass, 1977). Também Knight (1987) enfatizou o papel dos fatores familiares na etiologia do alcoolismo, descrevendo o impacto de um pai passivo e de uma mãe dominadora.

A abordagem sistêmica do alcoolismo surge a partir de evidências clínicas, tais como: a constatação de que o sintoma dos pacientes alcoolistas reaparecia ao voltar para a casa, a complexidade dos vínculos do sujeito alcoolista com sua família de origem, a interação do indivíduo na sua relação de casal. A abordagem sistêmica ganha impulso na década de 50, período de ascensão do pensamento sistêmico. Com uma perspectiva sistêmica, todas as pessoas que

compõem a unidade familiar têm um papel na maneira como a família se relaciona, como se relacionam os membros com cada um dos outros e na forma como, finalmente, o sintoma irrompe (Bowen, 1974). Visto como um sintoma, o alcoolismo representa uma disfunção no contexto familiar total.

1.1 O impacto do alcoolismo paterno na vida relacional e na psicodinâmica de seus filhos e familiares: refletindo sobre a patologia

É importante ressaltar a multiplicidade de modelos explicativos do alcoolismo, que oscilam desde modelos médicos pautados em um olhar mais científico e classificatório, modelos psicológicos que buscam inspiração na psicanálise e mais recentemente na teoria sistêmica até modelos abertamente moralistas, leigos e depreciativos da figura do bebedor. Há tantos pontos de vista quanto tipos de pessoas examinando o problema do alcoolismo, segundo Bauer (1982). O alcoolismo só foi reconhecido como uma doença específica no século XIX. Era a época da Revolução Industrial e o hábito se espalhava em proporções epidêmicas. Neste estudo, o modelo utilizado como referência será o modelo da interação familiar, o que não exclui radicalmente contribuições de outros olhares.

A literatura mostra por meio de inúmeros trabalhos (Bowen, 1974; Furtado & Laucht & Schmidt, 2002; Gordon Barnes, 1977; Steinglass, 1977) a influência do alcoolismo paterno na vida relacional e na psicodinâmica de seus filhos e familiares. A literatura traz dados interessantes referentes à função paterna e drogadição em famílias disfuncionais.

As vicissitudes sofridas pelo século XX deslocaram o pai e sua função na família, tornando a passagem pela adolescência ainda mais difícil do que já é, segundo Sonia Alberti (2004). Esta autora salienta que, ao contrário do que alguns imaginam, o sujeito adolescente precisa muito de seus pais. “De uma forma um pouco paradoxal à primeira vista, a presença dos pais junto ao adolescente é fundamental, antes de mais nada, para que ele possa desempenhar sua função de separação” (Alberti, 2004, p. 10).

Penso & Sudbrack (2004), em um estudo fundamentado na perspectiva transgeracional e numa abordagem dinâmica/sistêmica, analisaram a função do uso de uma substância psicoativa na regulação do equilíbrio relacional da família, e concluíram que algumas características são comuns a todos os sujeitos estudados: o abandono, principalmente por parte das mães; a rejeição paterna seguida da ausência da “lei do pai” e de filiação; a tentativa de resgate do pai perdido, excluído ou desconhecido pela identificação com o lado negativo destes pais: alcoolistas, usuários de droga, farristas.

Embora não represente o principal eixo, e de não estar previsto em um modelo sistêmico é válido conhecer aspectos relevantes referentes a características psicológicas do alcoolista, já que estes aspectos acabam delineando os padrões interacionais entre alcoolistas e seus filhos, bem como a vivência da paternidade. Certos traços de personalidade aparecem vinculados ao alcoolista, como por exemplo: regressão emocional, imaturidade, instabilidade, ansiedade, insegurança e fraqueza de ego segundo o psiquiatra brasileiro Sonenreich (1971).

Trata-se, segundo Alonso Fernandes (1991), de sujeitos dependentes, tímidos e fugidios, com medo de tomar iniciativas e de assumir responsabilidades onde a fantasia pode se apresentar como fonte de satisfação ou como refúgio possível de frustração das aspirações intelectuais. Deste modo, o álcool funcionará como um mecanismo de fuga do indivíduo devido ao seu sentimento de inadequação, encoberto por ideais de grandeza, certo perfeccionismo e exibicionismo, apresentados em face de sua auto-imagem negativa, segundo Nascimento (2000).

Segundo Pena-Alfaro (1993), o caráter alcoólico estaria ligado a algumas características, tais como: vulnerabilidade, hipocondria, intemporalidade, autodestrutividade, amoralidade, supermoralidade.

Se pensarmos em todos estes traços, humores negativos e mitos, associados à vivência temporal, às vivências emocionais e existenciais do alcoolista, fica fácil perceber que ser filho de alcoolista é uma condição de grande dor, sofrimento, constrangimento e vergonha social. Jacques Miermont e colaboradores (1973) falam da multiplicidade de papéis que os filhos de alcoolistas são convidados a vivenciar nessas famílias: substituto parental para os irmãos e irmãs mais novos;

substituto marital coligado em uma cumplicidade edipiana com o genitor não alcoologista; vítima de violências incestuosas; mediador e conselheiro; terapeuta familiar para o casal sempre em crise.

A patologia neste estudo está, portanto, associada ao alcoolismo paterno, que não representa meu foco de investigação, mas, por outro lado, representa aspecto fundamental da realidade dos sujeitos deste estudo. Para que eu possa compreender a dimensão do pathos, neste estudo, se faz necessário um olhar transcendente, que relativize afirmações oriundas do modelo biomédico, bem como de seu viés patologizante. Desta forma, aponto a limitação da categoria conceitual de doença extraída do modelo biomédico, pois não alcança a magnitude antropológica, social e filosófica inerente à subjetividade dos alcoolistas e de seus filhos.

O alcoolismo, embora não represente nosso foco central, tem sido uma das maiores preocupações da saúde pública no mundo, estando associado a diversos outros problemas como: mortes no trânsito, desentendimentos familiares e afetivos, separação de casais, sendo, também, companheiro inseparável de homicídios, espancamentos de crianças e mulheres, deserção do trabalho, da escola, etc. Sem falar, que o álcool é a droga cujo uso mais aumenta no país. São numerosas as tentativas para se compreender o alcoolismo. Alguns autores acreditam que suas causas estão associadas a um complexo conjunto de fatores biopsicossociais (Bertollote, 1987).

Ao observarmos nossa sociedade contemporânea, é fácil perceber a existência de um grande temor em relação ao álcool, mas por outro lado também se identificam fortes mecanismos de perpetuação de seu consumo, segundo Martine Xiberras (1989). Em seu livro “A Sociedade Intoxicada”, esta autora sublinha a dimensão dionisiaca da nossa sociedade, denunciando como na pós-modernidade o indivíduo deixa gradativamente a posição de senhor de si mesmo e de seu percurso histórico inserido em uma sociedade cada vez mais presentista e passiva. “O mundo da droga surge-nos como um domínio situado nos confins do real, cheio de difíceis segredos de penetrar, e do qual, uma vez franqueado o limiar, é ainda mais difícil se libertar” (Xiberras, 1989, p. 13).

Como na orgia Dionisiaca, o vinho significa magia, transformação, fantasia, êxtase, prazer e gozo; neste sentido a presença do deus Baco é visível em nossa “Sociedade Intoxicada” (Xiberras, 1989). Segundo Pena-Alfaro (1993), a patologia seria o meio pelo qual os mitos penetram em nossa vida e tornam-se concretos. É fundamental compreender a dimensão mitológica inerente ao uso de álcool para esta análise de nosso contexto social.

“Dionísio purificado revela a impureza da loucura, da infâmia que ela aflige e a libertação que ela provoca e proporciona aos homens as cerimônias báquicas e a dádiva do vinho, um fármaco; no sentido de ser o que acalma as angústias dos pobres humanos, ele traz a dádiva do sono, esquecimento dos males cotidianos e não há outro remédio para seus males” (Pena-Alfaro, 1993, p. 61).

No livro “O Homem Embriagado”, Bernard Lecoœur (1992) traz uma reflexão em prosa poética sobre o pathos inerente à embriaguez. Assim como o adolescente em sua constante busca do novo e de autonomia, o homem embriagado também busca uma alteridade, infelizmente por meio de fuga da própria realidade e de si mesmo, e de ruptura temporária com as normas estabelecidas:

“O vinho é um parceiro silencioso, que não denuncia a castração do amor que o embriagado lhe confere, guardando, dessa forma, a promessa de um gozo solicitado. No auge de seu desaparecimento, de seu desvanecimento, quando seu corpo e sua palavra divagam, o homem embriagado entrega ao outro o cuidado de promover uma presença pura, livre das contingências da pessoa” (Lecoœur, 1992, p. 23).

Se considerarmos a questão do gênero, segundo Pena-Alfaro (1993), é interessante notar que existe em nosso contexto social uma clara associação mitológica entre ingestão de álcool, virilidade e poder. Os homens acabam encontrando no álcool uma fonte de reforço e confirmação de sua masculinidade fragilizada. O processo de construção da identidade masculina acaba comprometendo também a função paterna e deve ser contemplado em nossas reflexões.

Nossa sociedade tenta em vão negar a presença dos mitos, mas é preciso reconhecê-los e redimensioná-los no processo de compreensão da subjetividade dos filhos de Baco, até porque estes mitos perpassam a construção da subjetividade na adolescência, já que, segundo Cardoso (2006), a adolescência é um momento privilegiado de transição entre o passado e o futuro.

1.2 A importância da abordagem sistêmica para a compreensão da função paradoxal do sintoma alcoolismo

Para Murray Bowen (1961), o sintoma do beber excessivo ocorre quando a ansiedade familiar é alta. O processo de beber para diminuir a ansiedade acaba aumentando a ansiedade familiar em resposta a este beber, e criando uma espiral, podendo gerar um colapso ou este um padrão crônico de funcionamento do sistema familiar. Na perspectiva sistêmica, o sintoma de um dos membros da família é compreendido como fenômeno relacional com uma função no e para o sistema familiar, surgindo quando a família apresenta dificuldades no seu processo de desenvolvimento ao longo do ciclo vital. O sintoma, ao mesmo tempo em que regula o sistema, também denuncia suas dificuldades em enfrentar crises específicas e indica a necessidade de mudança no funcionamento familiar, devendo ser compreendido como uma busca de solução para as dificuldades vividas.

Steinglass (1977) descreveu as conseqüências adaptativas do beber, as quais reforçam o beber e estabilizam um sistema cíclico estável centrado nas interações diferenciais da família como função da sobriedade e da intoxicação. Para este autor, a família se converte em uma família alcoólica, quando o alcoolismo chega a ser um componente inseparável da trama da vida familiar. Partimos do pressuposto de que o alcoolismo, no que se refere a muitas famílias, é um estado capaz de converter-se em um princípio organizador central, ao redor do qual se estrutura a vida familiar.

1.3 A transmissão do alcoolismo no contexto familiar: reflexões críticas acerca da existência de perfil de “famílias alcoólicas”

Vários autores têm proposto uma variedade de disfunções estruturais que caracterizam famílias com um membro alcoólico. Alguns dos problemas citados são: rigidez de fronteiras (Anderson & Henderson, 1983; Steinglass, 1977); a falta de coesão do casal (Gorad, 1971; Wilson & Oxford, 1978); e a presença de alianças transgeracionais (Boszormenyi-Nagy & Spark, 1976).

A transmissão do alcoolismo no contexto familiar, segundo Trindade (1994), ancora-se em cinco fatores de risco agravantes: o nível de disfunção familiar, os lutos familiares cronificados, as lealdades transgeracionais, o padrão de rituais familiares e fatores inerentes ao próprio subsistema

filial e a cada indivíduo. Segundo Steinglass (1989), nestas famílias se dá uma ênfase muito grande na estabilidade em curto prazo da vida da família, em detrimento de todos os outros temas.

Ullman (1994) indica a presença de determinados fatores sistêmicos associados a uma maior predisposição familiar no processo de transmissão da doença. Steinglass (1989) afirma que existiriam dois tipos de famílias alcoólicas: no primeiro, o alcoolista e o comportamento de ingestão de álcool são tolerados pela família, no segundo este comportamento é considerado inaceitável e não é permitida a sua interferência nas atividades e rituais familiares. É identificada uma incidência significativamente maior de continuidade intergeracional no primeiro tipo de família.

Para Paupitz (1987), a família alcoólica é marcada por uma série de jogos psicológicos e todos se envolvem na progressão da doença. O lar do alcoólico se movimenta na base de desempenhos neuróticos e excêntricos, onde o pai vive super-reagindo ao agente químico, a mãe super-reagindo ao dependente químico e os filhos vão apresentar alguns papéis de ajustamento ou repulsividade ao sistema familiar em crise.

Steinglass (1989) afirma que, assim como uma dinastia de família pode construir-se em torno do poder econômico ou político, também pode construir-se ao redor do alcoolismo. Desta forma, as identidades de família alcoólica, que sobrevivem intactas, ao longo de múltiplas gerações, podem produzir identidades dinásticas alcoólicas que exigem a lealdade de todos, e cada um dos membros da família, e, de maneira interativa, influem sobre as expectativas de conduta.

1.4 Transcendendo a epistemologia da patologia: reflexões sobre o sofrimento psíquico de filhos de alcoolistas

Nos últimos vinte anos ou mais muito tem sido escrito acerca de filhos de alcoolistas na literatura científica, clínica e popular. A necessidade de construir um olhar crítico diante deste universo é intensa, já que é observada a presença de inúmeras controvérsias e generalizações não fundamentadas em evidências empíricas. É patente a existência de uma base genética para o alcoolismo. Entretanto, não existem resultados conclusivos que afirmem que esta base genética é preditiva de alcoolismo. Muitos filhos de alcoolistas não se tornam alcoolistas e muitos alcoolistas

não possuem pais alcoolistas, segundo Ullman (1994). Isto indica a importância da realização de pesquisas qualitativas, que contemplem a complexidade de fatores que envolvam o contexto familiar de alcoolistas e a subjetividade dos filhos de alcoolistas.

A literatura (Costa, 2004; Hill & Gauer, 1998; Penso & Sudbrack, 2004) acaba por confirmar o grande sofrimento psíquico de filhos de alcoolistas. Recentemente se observa uma discussão mais intensa sobre o papel dos fatores genéticos na transmissibilidade intrafamiliar do alcoolismo (Merikangas, 2000; Rutter & Silberg & Simonoff, 1999; Wilson & Crowe, 1991).

A revisão bibliográfica, realizada para concretização dos objetivos deste estudo, evidenciou a presença de inúmeros trabalhos sobre filhos de alcoolistas, enfocando, sobretudo, a psicopatologia e a questão da transmissibilidade familiar de comportamentos aditivos (Chassin, 1977; Sher, 1997; Shuckit, 1997; Steinglass, 1977). Nestes estudos, pode-se observar uma predominância naquilo que Nancie (1997) denomina de Epistemologia da Patologia.

Neste sentido, alguns autores (Felsman & Vaillant, 1987; Nancie, 1997) tecem críticas à abordagem hegemônica que prioriza o modelo de doença, denunciando inclusive a falta de palavras e termos presentes elucidativos dos recursos de saúde presentes nesses contextos e a capacidade de adaptação desses sujeitos, "... a linguagem clínica raramente inclui o processo de adaptação saudável" (Felsman & Vaillant, 1987, p. 352).

A limitação de linguagem que possa corresponder ou capturar uma série de características fundamentais para a criação de um novo modelo de compreensão das experiências de vida e do funcionamento psicológico dos filhos de alcoolistas representa fato marcante que justifica a busca de novas perspectivas metodológicas para estudos com filhos de alcoolistas.

É fundamental pensar nos filhos de alcoolistas adolescentes como sujeitos autônomos, que sofrem em decorrência das múltiplas experiências associadas ao adoecimento do pai, mas preservam a capacidade de gerir e lidar com os desafios inerentes à adolescência. A idéia é superar a linha de pensamento reducionista que acaba por abordar filhos de alcoolistas apenas como indivíduos problemas ou como grupo de risco.

A dimensão da saúde, da mudança e da criatividade é inerente à adolescência, já que toda construção psíquica e social implica em riscos, em autonomia e em participação ativa. Segundo Cruz (1999), na modernidade há a fenomenologia da adolescência, comportamentos grupais, angústias, revoltas, entretanto, cada sujeito responderá e elaborará esta fase conforme sua estruturação psíquica, ou seja, responderá enquanto sujeito singular, autônomo, fruto de uma constituição e romance familiar particular.

1.5 Adolescentes filhos de alcoolistas e o desafio da construção de novas compreensões teóricas e humanísticas na abordagem desses indivíduos

Observa-se, entretanto, que filhos de alcoolistas têm sido identificados como um grupo de risco psiquiátrico. Vários estudos desenvolvidos por psiquiatras têm fornecido evidências de um elevado risco para o desenvolvimento de problemas comportamentais e dificuldades escolares entre os filhos de alcoolistas (Sher, 1991, 1977).

Furtado & Laucht & Schmidt (2002) afirmam que filhos de pais com problemas psiquiátricos são considerados um grupo de alto risco para a ocorrência de problemas no desenvolvimento emocional e de maior risco para diagnósticos psiquiátricos. Em seu estudo prospectivo e longitudinal com 219 crianças acompanhadas desde o nascimento até 11 anos de idade, este autor encontrou resultados que indicam um elevado risco de um curso evolutivo desviante dos filhos de alcoolistas, na forma de maior risco para problemas de comportamento de modo geral e, mais especificamente, maior risco para transtornos expansivos (compostos principalmente por transtornos de conduta). Nesse estudo, foram examinadas as variáveis sociodemográficas, os fatores de risco biológico e psicossocial, a frequência e gravidade dos sintomas psiquiátricos e a frequência de transtornos expansivos e introversivos.

É importante ressaltar que, embora a experiência e observação clínica, bem como os achados empíricos corroborem os resultados da literatura citada, identificam-se grandes contradições e algumas conclusões precipitadas nesses estudos. É necessário advertir a respeito dos graves problemas metodológicos desses estudos, já que faltam estudos longitudinais prospectivos e de

cunho qualitativo. Com um olhar mais crítico no que tange à dimensão epistemológica do conhecimento produzido, afirmamos que o fenômeno estudado não se deixa apreender por meio de lógica positivista, simplista e quantitativa. Como expressou Ratner (1997), citado por González Rey (2004, p. 100): “Os suportes do positivismo metodológico podem ser chamados atomismo, quantificação e operacionalismo”.

Embora possamos visualizar trabalhos que assumem uma lógica sistêmica, a grande maioria assume uma perspectiva disjuntiva, sendo visivelmente contaminados pela força do modelo médico, que enfatiza diagnósticos e os processos de saúde e doença (Edwards, 1987; Ramos, 1990). Recentemente se observa uma discussão intensa sobre o papel dos fatores genéticos na transmissibilidade intrafamiliar (Merikangas & Avenevoli, 2000).

O estudo de Elizabeth Hill e de Gustavo Gauer, publicado em 1998, se propõe a realizar uma análise semiótica de relatos em filhos de alcoolistas, concluindo que as seqüelas decorrentes das vivências familiares perduram durante longos períodos. Os resultados sugerem que a baixa auto-estima, a grande dificuldade de alcançar intimidade nas relações e uma visão de mundo marcada pelo medo restringe sobremaneira a vida desses indivíduos.

Em linhas gerais, os estudos que adotam o modelo das ciências médicas (Edwards, 1987; Shuckit, 1984) não elucidam a dinamicidade dos processos interacionais, principalmente no que diz respeito à vivência da paternidade do alcoolista e à subjetividade desses adolescentes. Estudos sistêmicos não se focalizam na subjetividade dos adolescentes, mas sim no desequilíbrio e na deformação de papéis assumidos pelo grupo filial nesses sistemas (Stanton, 1985).

Steinglass (1977) dividiu os trabalhos da literatura, numa perspectiva teórica metodológica, em quatro grandes grupos:

- A) Casamento alcoólico.
- B) Experimentação com técnicas de terapia de grupo.
- C) Aplicação de novos conceitos da terapia familiar para o alcoolismo.
- D) Técnicas mais tradicionais da terapia familiar no tratamento do alcoolismo.

De forma geral, observa-se uma tendência no sentido de uma superação da criação de tipologias e categorizações, como recursos teóricos.

No que tange a contribuições importantes acerca do tratamento familiar de alcoolistas, Steinglass (1977) alerta para quatro grandes dificuldades existentes, em decorrência da predominância do modelo médico focado no indivíduo. Ele reflete sobre o tratamento descrevendo o risco de uma visão causal linear, da dificuldade de apreensão da pluralidade dos níveis do contexto, o risco de abordagens moralistas e a dificuldade de clareamento dos objetivos terapêuticos.

Maria de Fátima Sudbrack, ao escrever o prefácio do livro “E Quando Acaba em Malmequer?”, publicado recentemente por minha orientadora Liana Fortunato Costa, descreve com síntese a importância e riqueza de aprendizados oriundos de experiências com famílias de baixa renda e nos alerta para a importância de não reproduzirmos uma ideologia repressora “de polícia” diante desses sistemas familiares. Costa (2004) enfatiza o grande potencial de mudança dessas famílias. Todo o enfoque utilizado no livro é embasado no pressuposto de que o próprio cliente é o especialista, e por isso devemos escutá-lo verdadeiramente.

Costa (2004), ao lidar com o tema da violência intrafamiliar, acaba por trazer em seu livro relatos e correlações importantes entre violência e alcoolismo paterno. Com grupos multifamiliares, pode-se observar que, na dinâmica de muitas famílias, é patente o grande poder que a mulher tem dentro de casa, centralizando a direção da expressão da violência. Esta autora afirma que os maridos muitas vezes são colocados em espaço periférico de interação, e o relacionamento afetivo mais intenso se passa entre mães e filhos. A mãe muitas vezes “salva” o filho do pai bêbado, ou escolhe estar com um filho em detrimento do abandono de outro filho traficante.

É no campo relacional que podemos visualizar todo um universo plural e singular de configuração das subjetividades desses sujeitos, o que muito nos ajuda no sentido de compreendermos melhor o funcionamento psíquico e social, bem como o sofrimento desses adolescentes. Grosso modo, as significações do sofrimento de filhos de alcoolistas surgem na medida em que consideramos suas relações intrafamiliares, sociais e culturais.

A maioria dos estudos enfatiza a disfuncionalidade dessas famílias e não valoriza o potencial de saúde e mudança dessa realidade. Ao considerarmos o conceito de subjetividade, assumimos uma perspectiva de enfatizar a mudança. Como ressalta González Rey (2003), no prefácio de seu livro “Sujeito e Subjetividade”, a definição do tema da subjetividade tem a pretensão de gerar visibilidades sobre processos da psique humana e da sociedade que têm sido subestimados até o presente momento, tanto na construção teórica quanto no desenvolvimento de práticas e políticas sociais.

1.6 Reflexões acerca do referencial epistemológico adequado ao estudo da subjetividade

O objeto de estudo em pauta será delineado a partir do referencial da proposta epistemológica de González Rey. As grandes contribuições desse autor (1997, 2003, 2004) no delineamento de uma Epistemologia Qualitativa nos fornecem subsídios no processo de construção de alternativas metodológicas e na escolha de abordagens mais adequadas ao estudo de fenômenos complexos, como é o caso da subjetividade. Entendemos que o momento teórico da pesquisa, apesar de ser distinto do momento metodológico, está diretamente correlacionado e intrincado com a etapa empírica. Segundo González Rey (2002):

“O metodológico está integrado por todas as idéias, métodos e técnicas que definem a especificidade de como abordar nosso objeto de investigação. A teoria vai expressando sua consistência através de uma inter-relação constante com a realidade, de onde simultaneamente se expressam e incorporam elementos que devem progressivamente ser assimilados através de uma lógica interpretativa ao objeto” (González Rey, 2002, p. 27).

Esta afirmação de González Rey (2002) ilustra nossa proposta de pesquisa, já que nosso ponto de partida teórico é norteado pela Epistemologia Qualitativa, e a nossa via metodológica utiliza o método qualitativo proposto pelo mesmo autor.

Nesse sentido, o trabalho se baseará em relatos de filhos de alcoolistas extraídos do questionário de completamento de frases elaborado por Fernando González Rey (2002). Os

adolescentes, neste instrumento, foram convidados a escrever sobre a própria vivência subjetiva referente a múltiplos temas, tais como: sonhos, medos, o futuro, o casamento, o lazer, a escola e a leitura, a família etc. Ressalto que devemos encarar o instrumento de coleta de dados apenas como um indutor adequado para a construção de nossas percepções. Neste sentido, González Rey (2002) afirma:

“Os instrumentos representam um continuum dentro da pesquisa durante a qual se relacionam uns com os outros e dão lugar a indicadores sustentados pelas relações entre conteúdos procedentes de instrumentos diferentes. Nessa estratégia de pesquisa, o instrumento nunca constitui um fim em si mesmo, isolado do curso geral da pesquisa e dos processos que se desenvolvem nela” (González Rey, 2002, p. 84.).

Considerando aspectos relevantes da Epistemologia Qualitativa de González Rey, vale ressaltar um aspecto relevante de seu pensamento desenvolvido em sua obra “Pesquisa Qualitativa em Psicologia”, publicada em 2002, na qual a pesquisa qualitativa deve implicar no desenvolvimento de um diálogo progressivo e organicamente constituído, como uma das fontes principais de produção de informação. Seria precoce, portanto, neste momento introdutório, delinear as futuras nuances do processo de investigação científica.

González Rey (2002) critica a lógica descritiva predominante na Psicologia contemporânea, onde o pesquisador sente-se muitas vezes possuidor de método científico objetivo. Ao aplicar um teste, acredita que são suficientes apenas algumas regras para a obtenção de um diagnóstico da personalidade acabado e “científico”. O autor nos alerta que, para passarmos da lógica descritiva para uma lógica configuracional, temos de romper com uma série de atitudes e expectativas muito frequentes na Psicologia. Popper (1959) afirma que na história da ciência na lógica o que mais interessa não é a “lógica da descoberta”, mas a lógica da criação, da alternativa, da transformação, da esperança infinita. Esta superação representa nossa meta e desafio.

Pedro Demo (1996) traz uma definição interessante de pesquisa, conceituando-a como diálogo inteligente com a realidade e definindo diálogo como fala contrária, entre atores que se encontram e se defrontam. Este autor alarga definitivamente os horizontes da pesquisa quando a

compreende como “capacidade de elaboração própria” (p. 31), o que permite que ela se condense numa multiplicidade de horizontes no contexto científico.

A construção da pesquisa a partir da interpretação do material empírico buscará respeitar a abrangência do processo de pesquisa e a multiplicidade inerente à realidade pesquisada e se inspirou na proposta da Epistemologia Qualitativa, que entende a análise em uma perspectiva de um conhecimento construtivo-interpretativo, a partir da construção de indicadores e da emergência de Zonas de Sentido (González Rey, 1997, 2002). Neste processo deve-se recorrer à memória do pesquisador, e provavelmente deve acontecer um diálogo com a perspectiva sistêmica e transgeracional. A reflexão de cunho filosófico irá se restringir à influência de autores existencialistas e fenomenólogos.

Para respaldar a necessidade de diálogo entre teorias no processo de construção da tese buscamos o próprio pensamento de González Rey (2002), quando ele afirma que a teoria não representa uma dimensão supra-individual capaz de tornar algo sagrado, mas uma ferramenta do pensamento a ser questionada; o que, por sua vez, conduz a novas idéias.

1.7 O desafio de pensar a adolescência de forma contextualizada e reveladora da fenomenologia da sociedade contemporânea

No complexo mundo da globalização, onde múltiplas e desconexas são as informações, solicitações e exigências, as pessoas vivem de modo mais cruel uma enorme insegurança quanto às próprias possibilidades. Nada mais parece organizado em suas vidas e as expectativas nem sempre vão ser atendidas, ao mesmo tempo em que se avolumam numa proporção assustadora. Segundo Costa Lins (1999), essa falta de perspectiva quanto ao futuro gera uma necessidade de auxílio dos adultos, muito forte, em contraste com uma maior autonomia esperada durante a adolescência, criando um paradoxo difícil de ser percebido.

Na tentativa de contextualizar a adolescência, a autora ainda afirma:

“A sociedade não oferece ao jovem atrativos para que alcance a maturidade, não lhe mostra uma vida adulta estimulante e interessante o suficiente para seu ingresso nela; pelo

contrário, tudo parece retê-lo nesta adolescência. A sociedade pós-moderna está marcada pelo companheirismo, isto é, pela falta de hierarquia entre seus componentes” (Costa Lins, 1999, p. 190).

Nesta mesma linha, o sociólogo Zigmund Bauman, intelectual que vivenciou os horrores do século XX, nos revela com lucidez características de nosso mundo atual, onde, segundo ele, tudo é ilusório, onde a angústia, a dor, a insegurança causada pela vida em sociedade exigem uma análise paciente e contínua da realidade e do modo como os indivíduos são nela inseridos. Este autor nos alerta:

“Qualquer tentativa de aplacar a inconstância e a precariedade dos planos que homens e mulheres fazem de suas vidas, e assim explicar essa sensação de desorientação exibindo certezas passadas e textos consagrados, seria tão fútil quanto tentar esvaziar o oceano com um balde” (Bauman, 2004, p. 9).

Bauman (2005) denuncia o processo crescente de privatização da esfera pública numa sociedade marcada pela atitude evasiva, pela versatilidade e pela volatilidade, onde o amor é líquido, pois destituído de vínculo, e onde a vida consumista favorece a leveza e a velocidade:

“Pobres daqueles que, em razão da escassez de recursos, são condenados a continuar usando bens que não mais contêm a promessa de sensações novas e inéditas. Tais pessoas são os excluídos na sociedade de consumo, os consumidores falhos, os inadequados e os incompetentes, os fracassados – famintos definhando em meio à opulência do banquete consumista” (Bauman, 2004, p. 68).

Sem dúvida, esse autor consideraria os alcoolistas como indivíduos excluídos, inadequados e incompetentes no atual contexto social. Esses indivíduos famintos, sem dúvida, compartilham afinidades com os sujeitos estudados nessa tese adolescentes carentes residentes na cidade-satélite de Sobradinho.

Neste sentido, Forbes (2005) ressalta o processo de horizontalização da sociedade, vendo-o como uma fragilização das instâncias formais de controle social, desde a família que perde a capacidade de elaboração, formação e conformação de valores. Com o enfraquecimento das instâncias informais de controle social, portanto, deixamos de responder a algo que está fora de nós. O processo de socialização da personalidade se fragiliza, levando a um isolamento das pessoas e das famílias. Forbes (2005), ao refletir sobre os excluídos, afirma:

“Todas as sociedades produzem estranhos, mas cada espécie de sociedade produz sua própria espécie de estranhos e os produz de sua própria maneira, inimitável. Os estranhos são as pessoas que não se encaixam no mapa cognitivo, moral ou estético do mundo e geram a incerteza” (Forbes, 2005, p. 27).

Enfatizo a necessidade de pensar de forma contextualizada o adolescente e sua família como um ser-aí, sendo-no-mundo e sendo-no-mundo-com-os-outros. Desta forma procuramos compreender a experiência vivida dos adolescentes estudados, inseridos nesta sociedade excludente, por uma ótica que não separe, fragmente, por meio de uma sistematização excessiva dos dados. O saber vivido nos revela com mais nitidez a complexidade e singularidade da existência destes jovens.

Sílvia Tubert (1999, citado por Benjó, 2000), ao pensar a questão da adolescência, ressalta a importância de pensarmos acerca do lugar que a sociedade destina ao adolescente e dos modelos e ideais culturais que se lhe oferecem. O adolescente tem de suportar transformações físicas e psicológicas que o obrigam a responder a exigências tanto sociais quanto biológicas e psicológicas, nas quais tem de resolver conflitos de dependência e independência, adotar uma identidade pessoal e ser aceito no grupo ao qual pertence. Sendo assim, cabe assinalar que a literatura afirma que o adolescente encontra-se em situação de vulnerabilidade (Tubert, 1999, citado por Benjó, 2000).

Por outro lado, a literatura contemporânea (Benjó, 2000; Taber, 1999) também enfatiza o aspecto dinâmico, o potencial de saúde e a grande autonomia associados ao período da adolescência. O adolescente deve ser visto, portanto, como um cidadão. Segundo Beatriz Taber (1999), cidadão corresponde ao sujeito capaz de contrair livremente obrigações. O cidadão é um possuidor de direitos, os quais lhe permitem ser tratado como um membro pleno de uma sociedade de iguais. Segundo esta autora, adolescência e cidadania encerram conceitos de peso não desde sempre, mas desde a modernidade, amplamente difundidos no século XX e mais precisamente em sua segunda metade. A juventude em si seria uma construção social de nossos tempos modernos.

O adolescente, sem dúvida, possui grande capacidade para superação dos seus problemas. A minha experiência clínica e a literatura contemporânea (Alberti, 2004; Costa, 2004; Penso, 2004) indicam que o potencial e o pendor para saúde devem ser despertados no adolescente, e a

atualização de todos seus potenciais é uma questão estratégica implicando na responsabilização de diversos atores sociais e familiares.

A experiência clínica me levou a considerar os seguintes aspectos:

1. Filhos de alcoolistas não devem ser encarados como futuros alcoolistas, já que este enfoque evidencia uma ideologia médica e determinista. Busco romper com o pensamento vigente e estereotipado pelo senso comum que se repete na frase “filho de peixe, peixinho é...”.
2. O sofrimento psíquico desses adolescentes não tem necessariamente efeitos desorganizadores para sua personalidade e para sua existência. O sofrimento pode ser útil em termos existenciais e psicológicos.
3. A imensa criatividade, inventividade, flexibilidade e resiliência são características que podemos apreender no contato com adolescentes.
4. Sem querer reproduzir ideologias, não devemos em nossa atuação nos deter em mitos. A superação, por exemplo, do “O mito da juventude feliz”, denunciado por Henry Chabrol (1990), nos leva a lidar com os adolescentes de uma forma mais pontual, empática e próxima.
5. Trabalhar com população carente nos obriga a repensar nossos valores e a romper com visões classistas e estereotipadas tão costumeiras em nossas práticas profissionais. Acreditamos que, em meios sociais de exclusão e pobreza, parece que as máscaras inerentes à classe média e alta são desnecessárias e as emoções são reveladas com maior clareza.

Em meu estudo enfatizo a importância do desenvolvimento de grande tolerância a incertezas e a indefinições, inerentes a esta fase do ciclo vital.

Dada a dramaticidade do cenário existencial e social estudado, é importante afirmar que necessitamos, de fato, de uma mudança de paradigmas, que não se restrinja apenas a questões teóricas e metodológicas, mas acabe por influenciar toda nossa forma de lidar com o ser humano.

Farei, portanto, o caminho inverso proposto pela atual tendência epistemológica evitando esta crescente medicalização da vida e patologização do sofrimento. Busco o avesso de todo esse processo; dessa forma o sofrimento é novamente pensado como fenômeno existencial. A

singularidade e a não-normatização do sofrer foram resgatadas por uma metodologia qualitativa onde durante a pesquisa os significados foram emergindo. O significado ou os grandes espaços lógicos ou, como diz González Rey (2003), as grandes zonas de sentido foram emergindo a partir de um diálogo vivo entre os sujeitos adolescentes e a pesquisadora.

Para concluir este momento introdutório, no qual tentei fornecer uma visão panorâmica dos conceitos e metodologias utilizados, acredito que representa uma vantagem o embasamento e a delimitação do trabalho por meio de uma Metodologia Qualitativa, já que a mesma está fortemente amparada em uma reflexão epistemológica do conhecimento. Não deveríamos funcionar como joguetes teóricos, inconscientes de nossas crenças e paradigmas. Por outro lado, o risco de nossa metodologia, diríamos, reside nos riscos de interpretação não fundamentada ou pretensiosa. Busquei apenas aproximações, onde as singularidades bem como a complexidade do objeto foram realçadas.

Como hipótese de trabalho, já que é impossível trabalhar sem um norte, procuro apresentá-la a partir da minha observação do atendimento de alcoolistas e familiares, no programa de recuperação no cenário da rede pública brasiliense, denominado PISAS (Programa Integrado de Saúde do Alcoolista em Sobradinho), onde acabei por me deparar clinicamente com algumas evidências ou indicadores desse sofrimento, a ser descritos posteriormente.

1.8 Hipótese de trabalho

Hipótese

1. O sofrimento de adolescentes filhos de alcoolistas se expressa como processo existencial associado ao adoecimento do pai, e apresenta múltiplas significações considerando o gênero do adolescente.

A partir desta Hipótese, este estudo busca trazer contribuições que promovam outro nível de compreensão da dinâmica psíquica, familiar e existencial de filhos de alcoolistas, visando reverter lacunas e vieses metodológicos presentes nas abordagens existentes.

É importante assinalar que a construção desta hipótese não fere os pressupostos da pesquisa qualitativa, na medida em que, conforme afirma González Rey (2002), “as hipóteses são momentos do pensamento do pesquisador comprometidos com o curso da pesquisa, as quais estão em constante desenvolvimento. As hipóteses não têm uma definição funcional na pesquisa qualitativa” (González Rey, 2002, p.74).

González Rey (2002) aborda a questão do levantamento de hipóteses que funcionaria como uma diretriz para a construção do trabalho. Este autor tece comentários, no sentido de esclarecer as grandes diferenças existentes entre a pesquisa quantitativa tradicional e a pesquisa qualitativa. Segundo o autor, a pesquisa qualitativa não exige a definição de hipóteses formais, pois não se destina a provar nem a verificar, mas a construir, não requer a explicitação do que vai ser provado, pois freqüentemente isso não se conhece em princípio.

Ciente de que a simples reflexão acerca da presença de doenças psiquiátricas em filhos de alcoolistas não gera uma compreensão da complexidade dos processos aí inseridos, nasce a motivação de mudança, tanto em termos da demarcação e compreensão do objeto quanto da metodologia empregada. A proposta não visa realizar uma epidemiológica demarcadora de fatores de risco presentes em um grupo de indivíduos. Respeitando estes pressupostos, dois grandes objetivos representam o eixo de meu trabalho:

1.9 OBJETIVO DO TRABALHO

OBJETIVOS DO TRABALHO

1. Buscar indicar novas compreensões sobre o sofrimento psíquico de filhos de alcoolistas, tendo como foco a subjetividade do adolescente.

2. Enfatizar e analisar o processo de subjetivação do sofrimento em adolescentes filhos de alcoolistas, utilizando aspectos relevantes da perspectiva existencialista por meio da interpretação das configurações de sentido emergidas nos relatos escritos dos sujeitos do estudo.

Na verdade, a proposta de uma investigação qualitativa é bastante ousada, pois busca realizar um diálogo rico entre a subjetividade do pesquisador e a realidade que se apresenta de forma plural, multifacetada, idiossincrática e complexa. A partir de minha aproximação da realidade, o desafio é o de como conhecer melhor os adolescentes sujeitos deste estudo. Passarei a discutir questões sobre as quais levantarei diversas hipóteses, que serão construídas e reconstruídas ao longo da pesquisa.

O universo clínico foi o grande motor para a elaboração deste estudo. Com a mão na massa, tinha de encontrar uma forma de compreender o objeto de investigação. Quais as múltiplas representações do alcoolismo para um grupo de adolescentes e, mais do que representações, quais elaborações e significações atribuídas aos múltiplos fenômenos presentes na vida deles? Foi observado durante estes primeiros anos de atuação no PISAS que os adolescentes filhos de alcoolistas compareciam pouco ao hospital. Eles não gostavam de estar no hospital.

Devo referir-me também aos percalços e vicissitudes deste grande desafio. Por estar muito próxima de temas médicos, trabalhando com muitos médicos, acabei por tentar buscar respostas no contexto da saúde. Cursei todas as disciplinas do Doutorado nas Ciências da Saúde na UnB, o que sem dúvida ampliou o meu olhar acerca dos aspectos sociais e epidemiológicos referentes ao alcoolismo e aos processos de saúde e de doença. Por outro lado, buscava outra epistemologia e não acreditava na absolutização dos resultados gerados por instrumentos e escalas utilizadas nos estudos da área. A busca de estandarização, de mensuração, de replicação, ou seja, todos os ideais positivistas de uma ciência natural não me elucidavam o problema, já que estes resultados não me

ajudavam a compreender a realidade estudada e apenas contribuía para uma simples categorização ou para rotulação de um grupo de pacientes. Este desvio de rota ajudou-me a consolidar mudanças epistemológicas e paradigmáticas e a aprofundar-me em uma visão mais complexa de tais fenômenos.

Portanto, defino como meu objeto de estudo: “As configurações de sentido emergidas de práticas discursivas presentes em adolescentes filhos de alcoolistas e as nuances dos processos de vivência e enfrentamento do sofrimento existencial gerado pelo alcoolismo paterno”.

A questão que me propus a estudar nessa opção foi: Como os adolescentes enfrentavam e vivenciavam questões tais como: o alcoolismo paterno, o futuro, o prazer, a tristeza, o casamento, a escola e quais os sentidos e significações que eles atribuíam ao sofrimento associados ao enfrentamento de tais questões.

Essa questão principal foi desmembrada em diversas questões específicas:

1. Como as representações sociais desses adolescentes acerca de alcoolismo, doença e saúde influenciam suas estratégias de enfrentamento dos problemas?
2. Quais as configurações de sentido associadas ao sofrimento psíquico presente na vida e nas relações desses adolescentes?
3. Qual o papel e significado da escola na vida desses adolescentes?
4. Como a violência presente na vida familiar e no contexto social se infiltra no padrão relacional, no padrão comunicacional e na visão de mundo desses adolescentes?
5. Como as múltiplas formas de vivenciar o sentimento de tristeza, presente no sistema familiar de alcoolistas, influencia no olhar do adolescente diante da vida e do futuro?
6. Qual a qualidade do vínculo estabelecido entre esses adolescentes e seus pais e como o alcoolismo interfere na dinâmica desses sistemas familiares?
7. Como as vulnerabilidades psíquicas e o fator gênero interferem nos processos decisórios desses adolescentes?

Um objetivo geral para este estudo foi definido para viabilizar um diálogo entre o pesquisador e a realidade que pudesse contemplar todas as questões já citadas. O objetivo geral do trabalho fica definido como: a compreensão e problematização do sofrimento existencial vivenciado por adolescentes filhos de alcoolistas oriundos de contexto de pobreza e as explicitações e análise das conexões e sentidos possíveis inerentes a este processo.

1.9.1 Estruturação e capítulos da tese

No sentido de organização, a tese foi dividida nos seguintes capítulos:

1. Capítulo 2 – Reflexões Epistemológicas: explicitando o sentido da proposta de Fernando González Rey

Discuto a minha opção epistemológica pelo pensamento pós-moderno, descrevendo como se constituiu minha escolha de proposta epistemológica norteadora da apreensão da realidade. Opto por realizar a fundamentação teórica de meu trabalho através da leitura da proposta epistemológica de González Rey. A leitura e compreensão dos seguintes autores foi fundamental para realização desta etapa: Pedro Demo, Edgar Morin, Luiz Alfredo Garcia Rosa, Luiz Cláudio Figueredo, entre outros.

2. Capítulo 3 – A compreensão do sofrimento: Uma perspectiva psicológica e interacional

Apresento a revisão bibliográfica sobre os seguintes temas: sofrimento em adolescentes, filhos de alcoolistas, famílias alcoólicas, adolescência e pobreza. O principal referencial teórico se baseia na Epistemologia Qualitativa e na Teoria Familiar Sistêmica, privilegiando aspectos transgeracionais da família. A adolescência será pensada de forma contextualizada em contextos sociais de pobreza.

Focalizo as reflexões nos aspectos filosóficos, sociais, psicológicos do sofrimento na adolescência. Busco, por meio de leitura plural e histórica, compreender os múltiplos significados do sofrimento humano. O existencialismo tem se mostrado como perspectiva filosófica importante no

processo de elucidação do sofrimento contemporâneo, na medida em que rompe com a tradição filosófica de privilegiar uma determinada forma de racionalidade como via de acesso à verdade. O existencialismo pode ser considerado como doutrina filosófica que centra sua reflexão sobre a existência humana considerada em seu aspecto particular, individual e concreto.

3. Capítulo 4 – A delimitação do objeto de pesquisa e metodologia

Neste capítulo, descrevo o processo de delineamento de meu objeto de estudo e intervenção, bem como aspectos metodológicos. Apresento os procedimentos metodológicos utilizados para dialogar com a realidade. Todos os passos utilizados na metodologia, incluindo a etapa etnográfica, a implantação do programa de tratamento do alcoolismo, o levantamento do perfil dos alcoolistas membros do programa, a formação de matrizes grupais, a familiarização com o contexto, a problematização da realidade, a utilização de instrumentos, o treinamento com profissionais de saúde e com professores da rede pública, a realização de oficina de treinamento para familiares de alcoolistas etc.

Posteriormente, tento explicitar todo o processo de pesquisa, incluindo suas fases, estratégias, interrupções e vicissitudes. Os sujeitos e instrumentos utilizados são descritos. A história da pesquisa, bem como a história de envolvimento do pesquisador com o tema são repensados, com o intuito de tornar claro o eixo e o cenário da pesquisa.

4. Capítulo 5 – Análise dos resultados

Este momento, análise dos resultados, representa o ponto importante de um grande caminho, já que após a apresentação dos sujeitos, instrumentos e metodologia, passo a construir o quebra-cabeça. O sentido emerge de todo um processo interpretativo da realidade estudada e também construída através do diálogo instalado e inerente à pesquisa qualitativa. Os sujeitos vão cedendo lugar a um modelo de compreensão que vislumbra certo sentido e inteligibilidade ao sofrimento vivenciado por adolescentes filhos de alcoolistas.

CAPÍTULO 2

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA – A CONSTRUÇÃO DO OBJETO E ORIENTAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS

“... Devemos manter uma luta crucial contra as idéias, mas somente podemos fazê-lo com a ajuda de idéias”

Edgar Morin

Neste capítulo, tratarei de explicitar a proposta de González Rey, considerando seus antecedentes históricos e seus principais conceitos, já que esta abordagem teórica funciona como meu principal instrumento de aproximação e de reflexão acerca da realidade estudada. Neste estudo, o foco acontece na Epistemologia Qualitativa, na qual a produção científica consiste em uma forma de aproximação e diálogo com o real, numa proposta de conhecimento construtivo-interpretativo (González Rey, 1993, 1997, 2002, 2003).

A Epistemologia Qualitativa mostra-se capaz de orientar a construção de alternativas metodológicas e a escolha de abordagens mais adequadas ao estudo de fenômenos complexos, como é o caso da subjetividade, segundo González Rey (2002).

Fundamentalmente a visão de González Rey rompe com dicotomias históricas, presentes na Psicologia, e nos abre novos espaços lógicos de reflexão. Sua abordagem implica em mudanças radicais na produção do conhecimento, em que o metodológico deve ser acompanhado de permanente reflexão epistemológica. No livro “Subjetividade e Sujeito” (2003), este autor praticamente desconstrói de forma brilhante os grandes pilares da Psicologia contemporânea. Com um olhar crítico e lúcido ele explicita com síntese os grandes nós epistemológicos da Psicologia contemporânea. Ao final deste percurso, antigas dicotomias são superadas e novos conceitos embaixadores do conhecimento psicológico surgem gradativamente, bem como nossa concepção de ciência. Neste sentido, Demo (2001b) traz uma definição esclarecedora do que vem a ser um

conhecimento científico: “... Científico não é o que foi ‘verfificado’ – nem os positivistas de orientação popperiana acreditam nisso –, mas o que vem a ser ‘discutível’” (Demo, 2001b, p. 33).

2.1 A crise da ciência moderna: reflexões sobre outras saídas históricas, tais como a hermenêutica e a fenomenologia

A crise da ciência moderna representa foco importante de minhas reflexões. Neste contexto, é possível pensar as diferentes tentativas de superação da visão positivista, empreendida por algumas escolas da Psicologia que, de forma indireta, também contribuíram para o desenvolvimento da Epistemologia Qualitativa. Outras saídas históricas serão abordadas neste capítulo, tais como a Fenomenologia e a Hermenêutica, importantes dívidas teóricas de González Rey.

A abordagem de González Rey resgata o respeito imprescindível no trato com o humano, seja na pesquisa, seja na clínica. Este autor acaba por ressuscitar a dimensão humana enquanto eixo norteador do processo de investigação na Psicologia. Sua ontologia recria novas imagens do humano. O homem em seus sucessivos processos de subjetivação viaja através de novos sentidos e pode se ancorar em sua própria singularidade e subjetividade, que não está dissociada do mundo. Recria a imagem de um homem não mais solitário ou determinado pelas circunstâncias, mas um homem em construção interagindo com uma rede de sentidos e de significações.

Onde situar o psíquico? As dimensões histórica, econômica e política são dimensões inerentes à constituição do psíquico. Em meu estudo, considero como eixo de análise importante a reflexão acerca da condição de pobreza e de exclusão econômica desse grupo, já que a questão social representa dimensão constitutiva da subjetividade. Para González Rey (2002), o aspecto subjetivo dos fenômenos sociais não se define pela ação imediata do social sobre a população. As estruturas de sentido são características de cada um dos momentos da subjetividade social e segundo este autor representam formas de subjetivação do social, do econômico e do político. Em um português mais simples e direto, cada um sente a realidade à sua maneira e os sentidos e significados atribuídos à mesma variam em função do processo de apropriação desta realidade. O alcoolismo paterno pode ser pensado como forma de espetáculo social crônico e epidêmico que assume novos

sentidos e denunciam múltiplas facetas da subjetividade individual que também sintetiza e denuncia múltiplas nuances da dimensão social.

Como Demo (2001a) explicita, “todo olhar é culturalmente plantado, mas diminui se apenas conseguir ver dentro de seu contexto cultural. Não há futuro sem passado, porém, o futuro precisa ser mais que o passado” (p. 38).

Cada um pode ser autor de sua história, pois é livre para construir novos sentidos no processo de construção da subjetividade individual. Segundo González Rey (2002), é a existência da singularidade pessoal que representa a maior resistência à subjetividade social dominante. Como bem expressa Guattari (1996, conforme citado por González Rey, 2002):

“A subjetividade circula em conjuntos sociais de diferentes dimensões: é essencialmente social, e adotada e vivida por indivíduos em suas existências particulares. O modo pelo qual os indivíduos vivem esta subjetividade oscila entre os extremos: uma relação de alienação e opressão, em que o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e de criação em que o indivíduo se reapodera dos componentes da subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização” (Guattari, 1996, citado por González Rey, 2002, p. 45).

A citação de Guattari é importante e facilita a compreensão do conceito de subjetividade. Ele expressa com clareza como os processos de singularização são parte irredutível da subjetividade. Para viabilizar uma crítica inicial dos conceitos utilizados na área, numa tentativa de melhor entendê-los, irei percorrer os caminhos necessários para compreensão da genealogia dos conceitos. Faço agora uma breve descrição e delimitação histórica da Epistemologia Qualitativa.

A Epistemologia Qualitativa pode ser apresentada como uma forma diferente de fazer ciência. Na proposta de González Rey (1997), a Epistemologia Qualitativa representa a mudança de uma epistemologia de resposta para uma epistemologia de construção, onde o aparato instrumental é substituído por uma aproximação metodológica construtiva, com o propósito de investigar um “objeto” diferente marcado pela subjetividade (González Rey, 1997). Neste momento, após algumas considerações iniciais, tento justificar minha escolha epistemológica, bem como compreender as vicissitudes e antecedentes históricos da proposta de González Rey, buscando decifrá-las.

2.2 Antecedentes da epistemologia qualitativa

Os antecedentes da proposta epistemológica de Rey citados pela literatura são: o marxismo, a epistemologia francesa, a teoria da complexidade e os trabalhos de Feyerabend (1988), que, na linha de renovação metodológica, afirma que em ciência “tudo vale”. Para ele, na verdade, não existe uma entidade monolítica chamada “ciência”, sendo impossível uma “teoria da ciência” ou mesmo um “método científico”.

“É claro que a idéia de um método estático ou de uma teoria estática da racionalidade funda-se em uma concepção demasiado ingênua do homem e de sua circunstância social. Os que tomam do rico manancial da história, sem a preocupação de empobrecê-lo para agradar a seus baixos instintos, a seu anseio de segurança intelectual (que se manifesta como desejo de clareza, precisão, objetividade, verdade), esses vêem claro que só há um princípio que pode ser defendido em todos os estágios do desenvolvimento humano. É princípio: tudo vale” (Feyerabend, 1988, p. 27).

A marca deste autor consiste na afirmação da liberdade do pesquisador frente à experiência. Para ele, os problemas científicos devem ser resolvidos e abordados nas próprias circunstâncias em que surgem. A influência de Feyerabend na obra de González Rey é perceptível, ambos optam por enfatizar uma postura ética frente à ciência, relativizando a questão metodológica.

A Psicologia soviética constituiu-se numa outra via em direção ao desenvolvimento da investigação qualitativa em Psicologia, o que inclui as grandes contribuições da abordagem marxista e da teoria de Vygotsky para a Psicologia. A presença do marxismo na Psicologia soviética foi marcada por diferentes momentos ao longo do tempo. Uma das contribuições do marxismo foi em relação à representação da psique. Conforme González Rey (1997) destaca, para os pesquisadores russos a principal via na constituição da psique é representada pelo social, compreendido como processo cultural.

Segundo La Taille (1992), a abordagem sócio-histórica de Vygotsky enfatiza a relação entre o indivíduo e a cultura, exaltando a grande autonomia do sujeito, na medida em que a dimensão cultural funcionaria como um grande, dinâmico e constante palco de negociações, em que seus membros estão em constante processo de recriação e reinterpretação das informações, conceitos e significados. Esta influência é nítida na obra de González Rey (1997).

No esforço de descrever sucintamente os antecedentes históricos da Epistemologia Qualitativa, vale à pena reconhecermos a importância das pesquisas qualitativas realizadas pelos antropólogos no século XIX. Nesse contexto, a investigação etnográfica surgiu para dar conta de muitas informações, que não podiam ser quantificadas, presentes nos estudos em comunidades. O modelo etnográfico, que tinha como intenção o estudo das culturas humanas, trazia como proposta a introdução do investigador no campo, a partir da pesquisa participativa (González Rey, 1997).

González Rey não é o único a refletir acerca da importância da natureza qualitativa do conhecimento, e, neste sentido, Pedro Demo (2001b) argumenta em prol da pertinência da pesquisa qualitativa, afirmando: “É justo certamente que, em se tratando de realidades particularmente dinâmicas e não-lineares, o método preferencial seja o qualitativo de cunho dialético” (p. 107).

Conforme Demo (2001b), ao longo da história a produção do conhecimento esteve profundamente vinculada aos parâmetros do positivismo. Com base no empirismo, o modelo positivista se concentrou nos aspectos metodológicos e nas técnicas de investigação, depositando no “método”, e não nas “idéias”, toda a responsabilidade de uma produção científica.

“A pesquisa qualitativa acusa o cansaço da pesquisa positivista, não só porque esta tripudiou sobre a ditadura do método, como, sobretudo, porque inspira simplificações grosseiras de uma realidade intensamente complexa” (Demo 2001b, p. 107).

A psicanálise, por seu valor heurístico, deve ser citada como outro antecedente histórico da Epistemologia Qualitativa. A psicanálise representou, inegavelmente, uma forma diferenciada de produzir conhecimento, no momento em que introduziu o caráter interpretativo, singular, dinâmico, e reforçou o papel do sujeito como produtor do conhecimento. No esforço em conhecer o objeto da Psicologia como uma dimensão interna do sujeito, caracterizado pelos conflitos inconscientes, Freud traçou um caminho próprio, contraditório, diferenciado e divergente ao positivismo (González Rey, 1997).

É importante assinalar que a Epistemologia Qualitativa implica em importante deslocamento do “centro de gravidade” da produção de conhecimento do plano empírico para o teórico. Como se existisse um grande marco macroteórico que nos “guiasse” assinalando a realidade através de

indicadores de sentido que passam a doar significados aos eventos. Nossos eventos referem-se à vida de adolescentes filhos de alcoolistas, seu cotidiano, suas necessidades e frustrações, seus sonhos e pesadelos.

Outro movimento importante que nos deparamos através deste olhar histórico foi o humanismo, que ao reconhecer a atividade diferenciada do indivíduo irredutível a padrões universais combateu o “reducionismo biologicista freudiano”, dando maior destaque à singularidade do sujeito (González Rey, 1997). Neste sentido, os trabalhos de Carl Rogers (1961) e de Maslow (1968, citado por Gonzalez Rey, 1997) são referências dignas de nota.

Dentre os autores humanistas, Allport destaca-se pela proposição de um novo caminho metodológico para o estudo da personalidade. Inconformado com a padronização e rigidez dos instrumentos utilizados nos testes de personalidade, sentiu a necessidade de desenvolver outras formas de busca de informações sobre o objeto de estudo (Gonzalez Rey, 1997).

Rey (1997) enfatiza, como uma das principais contribuições da Gestalt, a introdução de uma perspectiva metodológica mais consistente em relação àquelas apresentadas anteriormente. A Gestalt ressalta a importância das observações não somente relativas ao tópico a estudar, mas a consideração de todas aquelas que aparecem ao longo da investigação a que estejam relacionadas com o tópico em questão. A Gestalt permite uma maior abertura do investigador ao fenômeno estudado, onde o problema é inseparável dos processos que surgem no contexto da investigação.

A multiplicidade de antecedentes históricos explica a minha impossibilidade de esgotar o tema, já que são muitas e variadas as influências que nortearam a proposta de Rey.

2.3 Princípios teóricos da epistemologia qualitativa

O termo qualitativo pode gerar imprecisões ou mesmo confusões conceituais em decorrência da inseparabilidade entre qualitativo e o quantitativo, ou seja, da dimensão intensa e extensa do fenômeno. A possibilidade de investir nas idéias do pesquisador representa um resgate da autonomia do momento teórico, que não guarda mais proporcionalidade com o momento empírico. O desenvolvimento de idéias é ressaltado na Epistemologia Qualitativa como o responsável pela

construção do conhecimento. Assim, o status das idéias e da produção teórica ganha destaque, o que representa uma característica importante na produção do conhecimento. Nossas idéias convergem para o nosso objeto, que é representado pelo valor do sofrimento na vida de adolescentes filhos de alcoolistas.

Segundo González Rey (2002), a Epistemologia Qualitativa se apóia em três princípios de importantes conseqüências metodológicas. Estes são:

1. O conhecimento é uma produção construtivo-interpretativa, isto é, o conhecimento não é uma soma de fatos definidos por constatações imediatas do momento empírico.
2. O caráter interativo do processo de produção do conhecimento, onde é enfatizado que as relações pesquisador-pesquisado são uma condição para o desenvolvimento das pesquisas nas ciências humanas.
3. A significação da singularidade como nível legítimo da produção do conhecimento.

O ser humano tem a necessidade de dar sentido às suas experiências, visto o caráter interativo e subjetivo de nossa existência. A partir da interpretação, o investigador integra, reconstrói e apresenta indicadores produzidos durante a investigação. A interpretação é um processo de complexidade progressiva que se desenvolve pela significação do estudado. Assim, a construção teórica acontece a partir do momento que o investigador atribui sentido a diferentes manifestações concretas do estudado.

Para González Rey (2002), a pesquisa representa um processo constante de produção de idéias que organiza o pesquisador no cenário complexo de seu diálogo com o momento empírico. Sem dúvida, o pesquisador, durante este diálogo, interpreta a realidade. Como interpretá-la constitui empreitada fundamental que vai se delineando gradativamente através do método qualitativo de cunho dialético, já que estamos lidando com realidades dinâmicas e não lineares, onde a superfície não coincide com a complexidade do fundo, a delimitação aprofundada de conceitos representa etapa fundamental na compreensão mais aprofundada da Epistemologia Qualitativa.

O primeiro princípio refere-se ao papel da teoria na interpretação, que dever ser de um instrumento onde o investigador utilize durante todo o processo de investigação, como marco de referência para suas construções teóricas. Entretanto, fora do momento empírico, algumas construções teóricas se complexificam e assumem um caráter diferente da interpretação, sendo significativas para a produção de teoria. O investigador produz idéias o tempo todo, o que lhe dá capacidade de produzir estruturas teóricas além do empírico. Neste sentido, ocorre um salto qualitativo e não existe uma linearidade entre a teoria e a dimensão empírica.

Segundo Demo (1996), interpretar é preciso, porque a realidade nunca é evidente, porque a comunicação nunca é unívoca, interpretar é inevitável. Para González Rey (1997): “O momento interpretativo da construção teórica nas ciências sociais é permanente, e a relação do subjetivo com o objetivo constitui uma condição para a configuração progressiva da objetividade do conhecimento” (p. 8).

O segundo princípio da Epistemologia Qualitativa relaciona-se com a dimensão interativa inerente à pesquisa qualitativa. Neste sentido, o inusitado, o imprevisto, representa os elementos inerentes às relações entre investigador e os sujeitos estudados. Momentos informais que surgem durante a comunicação também são momentos produtores de informação relevante para a produção teórica (González Rey, 1997).

O terceiro princípio da epistemologia qualitativa, proposta por González Rey, defende a singularidade como uma fonte legítima do conhecimento científico. A singularidade se constitui como realidade diferenciada na história da constituição subjetiva do sujeito, representando uma forma única de ser. Esse princípio tem uma repercussão direta sobre a questão do número de sujeitos a estudar, que segundo Rey deve ser definida pelas necessidades de conhecimento que aparecem durante a investigação.

As necessidades de informação durante a pesquisa podem determinar o aumento gradativo do número de sujeitos estudados. A informação expressada por um único sujeito pode representar um momento especial na produção do conhecimento sem a necessidade de repetição em outros sujeitos para ser legitimados. Neste sentido, lembro Demo (1998) quando ele afirma que o reino da pura

quantidade ou da pura qualidade é ficção conceitual. “A própria qualidade total está enredada nesta trama complicada. É comum bastar-se com quantidades insatisfatórias...”. (Demo, 1998, p. 8).

Demo (1998) nos alerta para o risco dos usos e abusos de pesquisas qualitativas, enfatizando a importância do formalismo e da sistematização, e da necessidade de uma compreensão mais aprofundada da idéia de qualidade e de quantidade.

2.4 O conceito de subjetividade

A Epistemologia Qualitativa é capaz de orientar a construção de abordagens mais adequadas no estudo de fenômenos complexos, como é o caso da subjetividade.

Para compreendermos a estrutura do pensamento de González Rey, não podemos esquecer da importância do conceito de subjetividade, pois, segundo este autor (2003):

“O conceito de subjetividade abre uma ‘zona de sentido’ na construção do pensamento psicológico, orientada para significar a organização complexa do sistema de sentidos e significações que caracteriza a psique humana individual e os cenários sociais que o sujeito atua. A subjetividade representa uma construção teórica de valor ontológico, ao passo que é um conceito orientado para gerar visibilidade sobre as formas da realidade que o conceito delimita” (González Rey, 2003, p. XI).

González Rey (2003) enfatiza que o desenvolvimento da subjetividade, no entanto, não responde a uma simples preferência teórica, mas sim à tentativa de reconceituar o fenômeno psíquico em uma ontologia própria, específica do tipo de organização e processos que o caracterizam. Esta tentativa não pode ser teoricamente acometida sem uma mudança epistemológica e metodológica que apóie a produção desse conhecimento, orientado para uma realidade de caráter sistêmico, dialética e dialógica.

Segundo González Rey (2003), o conceito de subjetividade pode ser definido como um complexo e pluridimensional sistema, afetado pelo próprio curso da sociedade e das pessoas que a constituem dentro do contínuo movimento das complexas redes de relação que caracterizam o desenvolvimento social. O conceito de subjetividade permite a compreensão dos diversos processos de subjetivação. Sabemos que o sentido exprime as diferentes formas de percepção e interpretação da

realidade em complexas unidades simbólico-emocionais. Trata-se de conceito instigante e que nos convida a investigar os complexos processos da realidade nos quais o homem está envolvido, cenários múltiplos das criações humanas, eternas fontes de sentido.

Segundo Morin (2002b), o sentido não se deixa apreender facilmente. A verdade não é dada, e o processo de construção do sentido abarca a dimensão emocional do homem. Qual seria uma ética adequada ao cientista preocupado em manter o rigor científico e salvaguardar a ciência de possíveis ruídos? A ditadura do método impõe grande rigor no momento metodológico da pesquisa, o que restringe a amplitude da construção teórica. Não basta fazer uma reflexão epistemológica, mas a reflexão ética se impõe na medida em que a preocupação com a dimensão humana se mostra renovada através da Epistemologia Qualitativa.

Morin (2002b), em seu livro “Ciência com consciência”, denuncia a falta de responsabilidade do pesquisador perante a sociedade e o homem, o que decorre da concepção clássica de ciência que ainda reina em nossos dias. A ciência positiva separa fato e valor, ou seja, segundo Demo (2002), elimina de seu meio toda a competência ética e acaba por basear seu postulado de objetividade na eliminação do sujeito do conhecimento. Neste sentido, Demo (1998) acrescenta:

“Atualmente, o debate segue outros rumos, além dos já aludidos, por conta de questionamentos radicais que a metodologia científica pós-moderna vem fazendo aos paradigmas anteriores; pelo menos, em certa medida, as pretensões das ciências sociais e humanas estariam ganhando terreno, à medida que os métodos matemáticos e naturais cedem às dificuldades notórias de captar fenômenos mais qualitativos, geralmente visualizados sob a ótica do caos estruturado, não-linearidade e complexidade da realidade, não-equilíbrio etc.” (Demo, 1998, p. 1).

A ética da compreensão pede que se compreenda a incompreensão, segundo Edgar Morin (2002a). Ainda segundo ele, a ética da compreensão pede que se argumente, que se refute em vez de excomungar e anatematizar.

2.5 A importância da interpretação e da hermenêutica na construção da pesquisa e na delimitação do objeto

A realidade é múltipla e polissêmica. A palavra introduz a dimensão do equívoco. A vida implica inevitavelmente na realização de interpretações. O que fazer com o viés inevitável decorrente da interferência da subjetividade do observador diante do mundo? O que é passível de interpretação? Sabemos que por detrás do discurso aparente geralmente simbólico e polissêmico esconde-se um sentido que convém desvendar. As ciências humanas operacionalizaram múltiplas técnicas de análise das comunicações. Os dados representam um universo de vivências e sentidos a serem trabalhados dentro de nosso enfoque epistemológico.

González Rey (2002) nos permite, com sua proposta metodológica qualitativa, a efetivação de um diálogo fecundo com a realidade estudada, permitindo ao pesquisador maior liberdade mesmo que através dos riscos da atividade interpretativa, que constantemente se nutre das evidências empíricas. Neste sentido, o significado dos instrumentos na pesquisa se modifica.

De forma radicalmente diferente da ótica positivista onde muitas vezes os instrumentos se convertem em um fim em si mesmos, dada a capacidade atribuída a eles, para produzir resultados finais; eles, neste novo contexto epistêmico, passam a representar, segundo González Rey (2002), “uma ferramenta interativa, não uma via objetiva geradora de resultados capazes de refletir diretamente a natureza do estudado independentemente do pesquisador” (González Rey, 2002, p. 80).

Se considerarmos a História, confirmaremos que a prática da interpretação é muito antiga, remontando à hermenêutica, como arte de interpretar os textos sagrados. A interpretação dos sonhos, antiga ou moderna, a exegese religiosa (em especial a Bíblia), a explicação crítica de certos textos literários, até mesmo de práticas tão diferentes como a astrologia ou a psicanálise resultam de um processo hermenêutico.

Durante a análise das entrevistas com os adolescentes, a proposta é avaliar os múltiplos sentidos atribuídos pelos mesmos a eventos importantes da vida, como, por exemplo, a família, o casamento, o futuro, os prazeres, os limites, a escola e a leitura. Gostaria de considerar a

singularidade das entrevistas na medida em que é criticável a generalização de conteúdos subjetivos. Cada indivíduo traz sua história, sua marca, sua subjetividade e suas perspectivas. Alguns indivíduos acabam funcionando como porta-vozes do grupo, expressando conteúdos relevantes e pertinentes, conseguindo apreender o que não está dado nem explicitado.

Acreditando na possibilidade de uma compreensão do sofrimento não como psicopatologia, mas como aspecto inevitável da existência, busco compreendê-lo a partir de referenciais fenomenológicos-hermenêuticos e promover de certa forma uma relativa despatologização do sofrimento e da tristeza entre adolescentes. A proposta é denunciar a crescente medicalização da vida e silenciamento imposto por este modelo. A necessidade de dar sentido às expressões humanas se deve ao caráter interativo subjetivo do sujeito humano. A partir da interpretação, o investigador integra, reconstrói e apresenta indicadores produzidos durante a investigação. A interpretação é um processo de complexidade progressiva que se desenvolve pela significação do estudado. Assim, a construção teórica acontece a partir do momento que o investigador atribui sentido a diferentes manifestações concretas do estudado.

2.6 A construção e delimitação do objeto e a metodologia de trabalho

O meu objeto de investigação são os próprios adolescentes e como cotidianamente eles vivem e conferem um novo sentido para o mundo. Não são objetos mensuráveis, controláveis, já que se trata de sujeitos ativos e interpretadores do mundo. A reinterpretação acontece, neste nosso empenho, de interpretar todos aqueles que constantemente interpretam o mundo. Todo diálogo implica em uma escuta e neste sentido nos ateremos, em alguns momentos, a alguns aspectos oriundos da literatura e tentarei viabilizar na pesquisa o diálogo empático crucial na clínica de adolescentes.

Por meio de metodologia qualitativa, a proposta é a de buscar a identificação dos núcleos de sentido norteadores na identificação de zonas de sentido e de categorias de análise que possam surgir ao longo do trabalho. Em termos de instrumentos metodológicos, a utilização de um questionário, composto por questões abertas e fechadas, mostra-se fundamental na coleta de nossos

dados. Ao completar frases, o adolescente pode expressar todo seu universo subjetivo. Neste sentido, quem fornece os parâmetros do estudo é o próprio sujeito pesquisado, já que é ele quem sabe de si, é ele o grande especialista. A interpretação dos questionários representa possibilidade de apreensão de aspectos importantes da subjetividade dos adolescentes. Esse processo será descrito posteriormente, já que constitui etapa metodológica importante deste estudo.

O processo de apreensão e aproximação teórica de meu objeto não se dará de forma linear nem simplista. Como a característica mais essencial do fenômeno psíquico é a sua estrutura intencional, afirmamos que nossos objetivos coincidem com a tarefa universal da Psicologia Fenomenológica, que é a de investigar sistematicamente suas intencionalidades elementares. Em uma perspectiva fenomenológica, a experiência não se reduz ao modelo dicotômico que contrapõe sujeito e objeto, do qual partem muitas teorias sociais. Uma abordagem centrada na experiência permite reconhecer dimensões importantes do sofrimento que escapam tanto aos estudos desenvolvidos segundo a ótica biomédica (ou por ela influenciados) quanto aos trabalhos psicológicos tradicionais. Não faz parte de minha proposta compreender isoladamente sintomas ou psicopatologias presentes e diagnosticáveis neste grupo estudado.

2.7 Aproximação do pesquisador ao campo de pesquisa e aos sujeitos - Percurso profissional: quem é o pesquisador?

Ao observar, enquanto psicóloga clínica, os desafios cotidianos inevitáveis da vida moderna associados a um contexto social excludente no Distrito Federal, surgiu o interesse de investigar a vivência existencial dos filhos de alcoolistas residentes em Sobradinho.

Segundo Rubem Alves (2002), o saber nos dá meios para viver, enquanto a sabedoria nos dá razões para viver. O interesse pela análise do sofrimento psíquico desses adolescentes surgiu em decorrência da possibilidade ou da necessidade de busca de compreensão dos múltiplos meios e razões escolhidos por esses adolescentes no enfrentamento dos desafios impostos pela vida.

Sendo psicóloga hospitalar desde 1994 e terapeuta de família desde 1996, sempre convivi com problemáticas familiares graves. A intervenção em famílias à beira de rupturas me permitiu

acreditar na força e no potencial de saúde das mesmas em momentos cruciais. A proximidade com contextos de pobreza fortaleceram-me no sentido de conhecer melhor a dimensão humana que sem tantas máscaras se apresentava desnuda nestes contextos.

A dramaticidade gerada pelo alcoolismo me mobilizou, e durante 12 anos coordenei um programa clínico e sociocomunitário no Hospital Regional de Sobradinho. O interesse atual pelo estudo com filhos de alcoolistas deve-se à busca de novas perspectivas. O enfoque preventivo deve centrar-se nas novas gerações. Os adolescentes resistem sabiamente em frequentar hospitais, pois os mesmos são muito tristes.

Não estava claro para mim como deveria estudar o sofrimento de filhos de alcoolistas, já que nosso programa de recuperação hospitalar não conseguia atingir diretamente esses jovens. A intensidade da demanda é indescritível na rede pública. A prevalência crescente do alcoolismo, aliado ao grande estigma social da doença, constitui um quadro desumano que tentei minorar naquele hospital, através da abordagem sistêmica. A pós-graduação na Universidade de Brasília me permitiu buscar diretamente a compreensão do sofrimento de um grupo de adolescentes filhos de alcoolistas. Acreditando na necessidade de fornecer subsídios técnicos e teóricos para os inúmeros profissionais engajados na interrupção da transmissão de patologias familiares, tais como o alcoolismo, busquei aprofundar o conhecimento dessa realidade.

Meu grande propósito é realizar uma compreensão mais profunda do universo psíquico, subjetivo e relacional de um grupo de jovens residentes na periferia do Distrito Federal. Para compreender, devemos escapar a sistemas classificatórios e dicotômicos. Nestes contextos, a tristeza é facilmente patologizada, estratégias criativas de sobrevivência em condições adversas são rapidamente classificadas como doença, formas diferenciadas de estar e perceber o mundo são silenciadas e medicalizadas por uma sociedade narcótica.

Ao pronunciar a palavra depressão, já bastante assimilada pelo senso comum, não é possível compreender o que se passa dentro de uma pessoa ou no seu mundo vivencial. Sem dúvida, ao centrarmos nossa atenção exclusivamente em diagnósticos, escapa-nos totalmente o significado das vivências, das decepções, da singularidade, o colorido subjetivo emocional das histórias e da história

de vida, dos sonhos ou mesmo da ausência dos sonhos. Vislumbra-se uma enorme tendência à medicalização, à patologização da dor e da tristeza, a cronificação das pessoas que passam a definir suas próprias identidades a partir desses diagnósticos médicos “oficiais” ou sociais. Neste sentido, durante esta tese irei dar uma vista-d’olhos neste cenário médico ainda tão hegemônico e propulsor de ideologias e discursos. Não se trata de fazer correlações entre patologias distintas, tais quais o alcoolismo paterno e a depressão de filhos adolescentes. O estudo pretende superar propostas correlacionais simplistas. Não se trata de pensar através de causalidades lineares, mas buscar a construção de uma consciência crítica e atualizada do fenômeno sofrimento neste contexto.

É importante enfatizar que não irei me restringir neste trabalho a noções de doença, de disfuncionabilidade, de depressões e de distúrbios psiquiátricos designados pela nosografia psiquiátrica. Todas estas expressões já assimiladas pela cultura popular expressam uma forte ideologia de controle e de exaltação do saber médico. O discurso médico traz idéias do tipo “ele tem a quem puxar”.

Estudos com filhos de alcoolistas acabam encontrando fortes vulnerabilidades genéticas fundamentais na transmissão transgeracional da doença (Merikangas & Avenevoli, 2000). Tentaremos refletir sobre este discurso, já que ele se infiltra em muitos ambientes, inclusive no acadêmico. Certamente, não somente fatores genéticos, mas também fatores sociofamiliares estão freqüentemente associados com o surgimento de problemas psiquiátricos. Irei resgatar a legitimidade do discurso dos próprios adolescentes, tão carentes de bons interlocutores ou mesmo de ouvintes habilidosos. Compreender a sutileza da fala desse grupo, a ideologia proclamada ou velada, a dor, a solidão, as esperanças e desesperanças.

Em minha tese de mestrado, estudei a repetição do alcoolismo através das gerações. Sem querer polemizar a influência da genética nesta enfermidade, explorei outra dimensão etiológica. Através do estudo das genealogias familiares, pude visualizar verdadeiras dinastias de alcoolismo, bem como o casamento entre famílias “alcoólicas”. Como se existissem tentáculos familiares que vão sempre buscando aprisionar um novo alcoolista, seja através da consangüinidade, seja através

da filiação. Nesta tese, tento resgatar alguns aspectos e temas já estudados no mestrado com novos enfoques, mas repito a temática.

Passo agora a delimitar tal temática, quando se faz necessário uma compreensão psicológica do fenômeno estudado, o sofrimento. É ousado buscar conhecimento acerca do sofrimento, seja pelo caráter inusitado de tal empreitada, seja pela proximidade imposta pelo objeto de reflexão com a filosofia e até mesmo com a teologia, seja pelo risco de dispersão, seja pela universalidade de tal temática, seja pela esperança inerente à busca de uma maior compreensão do sofrimento do outro.

CAPÍTULO 3
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA – A COMPREENSÃO DO SOFRIMENTO:
UMA PERSPECTIVA PSICOLÓGICA E INTERACIONAL

“A dor é uma das coisas mais importantes de minha vida”

Marguerite Duras

Meu percurso neste capítulo compreende uma breve conceituação do sofrimento humano, a partir de múltiplas perspectivas, bem como da reflexão de sua importância enquanto via de análise da subjetividade e das relações humanas na sociedade contemporânea. O sofrimento se impõe enquanto objeto de estudo, na medida em que não se deixa traduzir ou reduzir pelo conceito de doença, nem como fenômeno inevitável do destino, nem como forma de expiação de culpa, nem como consequência inevitável do pecado. Através de breve revisão da conceituação e posturas diante do sofrimento humano, a proposta é ampliar a reflexão passando a contemplar múltiplas perspectivas além da psicológica e melhorar nossa compreensão do sofrimento presente na vida dos adolescentes pesquisados.

“Sofrer” é um vocábulo que tem muitos sentidos. Segundo Ferreira (1999), significa padecer, atormentado por etc. Para explorar o sofrimento de um sujeito, podemos perguntá-lo acerca de suas emoções e de sua vida. Trata-se, sem dúvida, de vivência altamente subjetiva, condicionada por aspectos psíquicos, sociais e culturais. Quando pensamos em psicopatologias, o sofrimento é facilmente identificado na melancolia, na ansiedade, nas fobias etc. Por outro lado, ao buscar compreender as emoções, saímos do terreno patológico e buscamos inspiração na própria filosofia. A emoção pode ser definida como toda afeição da alma, acompanhada pelo prazer ou pela dor.

3.1 Um olhar reflexivo sobre o sofrimento humano

Daniel Calahan (1988) definiu sofrimento como sendo a experiência de impotência com o prospecto da dor não aliviada, situação de doença que leva a interpretar a vida vazia de sentido. Sem dúvida, quando ligado a situações de enfermidade física, o sofrimento é muito mais amplo do que a dor, implicando visivelmente em diminuição da qualidade de vida.

A maneira como cada pessoa se comporta diante do sofrimento ou se cuida depende de convenções sociais; cada cultura possui uma linguagem própria do sofrimento e cada grupo constrói expectativas específicas sobre os motivos do sofrimento e, portanto, das práticas de alívio desse sofrimento.

3.2 Dor e sofrimento humanos: a medicalização da vida

Flagramos no momento atual uma crescente “medicalização” da vida, onde a medicina, segundo Jeammet (2000), pode ser trazida para substituir o sistema enfraquecedor de valores morais individuais. A longevidade atual presente nas sociedades urbanas não imunizou o ser humano do sofrimento. O perfil epidemiológico da população, a alta prevalência de doenças crônicas, a medicalização da vida, as condições sociais precárias e a ideologia narcótica agravam o quadro.

Cassel (1991) afirma que o sofrimento ocorre quando existe a possibilidade de uma destruição eminente da pessoa, continua até que a ameaça de desintegração passa ou até que a integridade da pessoa é restaurada novamente de outra maneira. Para este autor, dar um significado à condição sofrida freqüentemente reduz ou mesmo elimina o sofrimento a ela associado. Desta maneira, Cassel (1991) nos faz refletir sobre a importância da transcendência como via de restauração da integridade perdida, após a experiência de desintegração da personalidade.

Vale enfatizar que a utilização da filosofia se dá como uma das múltiplas possibilidades de articulação. Faço apenas alguns recortes, onde, através do foco no sofrimento, posso me nutrir com o pensamento de alguns filósofos existencialistas. O tema do sofrimento representa tema inexorável

e significativo em nossa existência. Heidegger (1926/1989), ao afirmar que só os homens existem e as coisas são, marca a importância do conceito de existência para o processo de compreensão do ser humano.

Japiassú (1996) traz definição elucidativa do existencialismo, que deve ser compreendido como qualquer filosofia que seja concebida e exercida como análise da existência, desde que, por existência, entenda-se o modo de ser do homem no mundo.

As emoções não são boas nem más, não são morais nem tampouco justas. O fato é que a dor, o sofrimento e o prazer existem e representam grandes focos motivacionais do comportamento humano. Apesar de a emoção humana ter sido historicamente vista como fonte de viés não só nos contextos familiares e profissionais, mas também pela ciência e pelas práticas de saúde, para Sartre (1983) a emoção assim como a náusea pode ser considerada como uma certa maneira de apreender o mundo.

Penha (2001), em seu livro “O que é o Existencialismo”, traz elementos elucidantes acerca do pensamento sartriano, nos lembrando que para Sartre a liberdade é o único fundamento do ser. Esta liberdade, entretanto, não é absoluta, já que o homem vive uma existência concreta, situada no tempo e no espaço, portanto condicionada, limitada pela sociedade com suas regras e convenções, as quais seus integrantes têm de se submeter. O sofrimento é inevitável, já que o homem precisa lidar com essas limitações, com a própria finitude da existência e muitas vezes com o absurdo ou com a falta de sentido dos acontecimentos.

Segundo Pessini (2002), o sofrimento suscita compaixão, isto é, empatia traduzida em ação solidária, e não somente uma exclamação anestesiadora de consciência: “que pena”, “que dó”. O sofrimento suscita respeito e igualmente nos infunde temor, medo, porque vemos como que num espelho nossa fragilidade, vulnerabilidade e mortalidade.

Nessa mesma direção de reconhecimento da persistência e da fecundidade ética do sofrimento, Arthur Schopenhauer (2006/1818) afirma que a presença inevitável da dor em nossas vidas aponta para “... a necessidade de termos tolerância, paciência, compaixão, amor ao próximo.

São coisas indispensáveis a todos os homens, e delas, portanto, somos todos devedores” (Schopenhauer, 2006/1818. p. 126).

Para Schopenhauer (2006/1818), a vida se traduz por um estado de necessidade e miséria, na qual cada um precisa lutar e disputar pela existência, razão por que nem sempre apresenta a expressão mais cordial.

A tese básica de sua concepção filosófica é a de que o mundo só é dado à percepção como representação: o mundo, pois, é puro fenômeno ou representação. “Da Vontade da vida provém todo o sofrimento, que é intrínseco à existência. Somente se aspira àquilo que não se tem; da falta do objeto desejado segue-se o sofrimento” (Schopenhauer, 2006, p. 14). Através desta breve revisão histórica da concepção filosófica da emoção com uma possível via de elucidação do sofrimento, fica patente a constante indagação acerca da racionalidade e da correção daquele que se deixa levar por elas.

Poderíamos inclusive pensar em um certo ranço estoíco em nossa maneira de lidar com as emoções e com o próprio sofrimento. Os estoícos, segundo Ivan Barbosa (2003), percebem as emoções como juízos levianos e fenômenos de estupidez e ignorância que consistem em achar que se sabe algo que não se sabe. Partem estes filósofos do pressuposto da perfeita racionalidade do mundo, assim as emoções seriam juízos errados, opiniões vazias e desprovidas de sentido às quais o verdadeiro sábio estaria imune. Talvez por isso ainda seja observável a grande vergonha em se expor o próprio sofrimento. Em nossa sociedade, o sofrimento pode ser visto como sinônimo de fracasso e fraqueza. O sofrimento provavelmente é uma experiência existencial inevitável, muito associada a múltiplas experiências negativas, inclusive à pobreza e ao próprio adoecimento, em nosso país.

Ao pensar acerca do significado do sofrimento, corremos o risco de contaminações sutis com modelos teóricos não explicitados e ideológicos. Pensar acerca do sofrimento é uma tentativa de refletir sobre o homem e sobre suas relações com a vida, com outros homens e com categorias transcendentais. Surgem questões de cunho filosófico e teológico, tais quais: Qual o significado da

vida, da morte e do sagrado para o homem sofredor? Quais valores ou ausência de valores estariam associados ao sofrimento em nossa sociedade? Como o sofrimento pode ser vivido e pensado em uma sociedade altamente narcótica? Quais os múltiplos significados assumidos pelo sofrimento entre os jovens estudados? Trata-se de questões que transcendem a reflexão psicológica e nos convidam a iniciar uma construção acerca da história e das múltiplas histórias de vida.

Muitas vezes é difícil conceber o sofrimento dissociado de outras vivências, como doenças, infortúnios, vazio existencial e intelectual, solidão etc. Clavreul (1983) comenta que os profissionais de Medicina têm dificuldade, pela própria formação, de apreender uma definição de sofrimento desvinculada de sintomas. Afirma que, no discurso médico, o sofrimento é sinônimo de dor, febre, opressão etc., ou seja, existe somente quando pode ser identificado como um sintoma que caiba na nosologia.

Este fenômeno é também perceptível na Psicologia, muitas vezes centrada na abordagem de distúrbios psicopatológicos, ou sofrendo forte influência da perspectiva psicanalítica onde o sofrimento psíquico é compreendido fundamentalmente como angústia. Nestes casos, o referencial teórico acaba por definir a priori o delineamento do sofrimento. A psicanálise, todavia, trabalha com o princípio da abstinência, onde o manejo da frustração é fundamental para o amadurecimento do analisando.

Maria Tereza Maldonado (2003) denuncia o que ela denomina de psicologia mal-entendida. Esta autora acredita que o uso popular de forma equivocada interpretou grande parte das teorias psicológicas como um reforço para não se frustrar as crianças e adolescentes, a custo de se criar traumas psíquicos graves. Uma dose de sofrimento, sem dúvida, pensado enquanto frustração dos anseios, é necessária na construção da maturidade e da própria subjetividade.

Por outro lado, em uma sociedade narcótica circula a idéia de que é insuportável lidar com a dor e todos evitam sistematicamente a vivência do sofrimento, e neste sentido surgem inúmeras maneiras de evitá-lo, tais como: o uso desenfreado de drogas e de medicamentos, as compulsões

alimentares, o consumo compulsivo de bens materiais. Uma fatia importante deste mercado acaba sendo dominada pela ideologia de medicalização da vida.

3.3 Um olhar que contempla trechos da história do pensamento ocidental no que tange à vivência do sofrimento

O sofrimento confere à existência uma conotação humana, pois somos os únicos seres conscientes dele. Os outros animais não conseguem atribuir um significado ao sofrimento.

Sem dúvida, compreender o sofrimento é buscar conhecer de forma mais profunda nossa existência. Em todas as áreas do conhecimento o tema é recorrente. Escrevem-se bibliotecas inteiras acerca desse assunto. É importante enfatizar que para escrever este capítulo, levo em conta uma pequeníssima massa desse material, mas procuro problematizar a questão, de forma a não ficar circunscrita à Psicologia.

O tema do sofrimento representa vivência inexorável e significativa em nossa existência. Em relação à universalidade e amplitude do tema, vale lembrar que os gregos já enfatizavam a importância do sofrimento, os cristãos cultuam nas igrejas a agonia de Cristo, muitos tentam esquecê-lo bebendo. Para elucidar esse aspecto, cito uma frase do sábio indiano Krishnamurti (1993), quando ele afirma que “O sofrimento e a tentativa de livrar-se dele são a parte que cabe a cada um de nós” (p. 120).

O sofrimento representa tema universal e experiência flutuante ao longo de nossa vida, e sua conotação é muito determinada pelo contexto histórico e cultural. Na contemporaneidade, o sofrimento é o sentimento mais estudado e discutido na literatura científica e na literatura popular de auto-ajuda. Um olhar histórico nos remete a múltiplas concepções de sofrimento.

A partir de um olhar histórico, segundo Bucher (2003), podemos citar alguns momentos importantes: a concepção dos gregos, a influência do teocentrismo na vivência da dor ao longo da idade média e as transformações ocorridas com o conceito a partir do século XIX, no qual o esboço do existencialismo já enfatiza a subjetivação dos sentimentos, culminando com a idéia que passa a

ser predominante: não mais a de um ideal de felicidade para todos, mas o próprio sentimento de felicidade e de sofrimento que cada um sente a respeito de estados e conteúdos os mais variados possíveis. Tanto a felicidade como seu avesso podem deixar de ser vinculados a um ideal ético, a uma metafísica, e identifica-se de modo pluralista e relativista pelos sentimentos e emoções individuais.

Ainda segundo Bucher (2003), um conceito de felicidade, secularizado e até certo ponto vulgarizado, predomina em nossos dias. Ela relata que essas idéias mantiveram sua vigência ao longo do século XIX, no qual desapontam novas áreas do conhecimento, como Psicologia e Sociologia. No século XX, as idéias empiricistas sobre a felicidade se consolidam com modificações. Em seu trabalho intitulado “A felicidade e o sofrimento na vivência das crianças e jovens brasileiros”, apresentado na VI Conferência Internacional Sobre Filosofia, Psiquiatria e Psicologia, a autora descreve a influência do processo histórico na vivência dos sentimentos. Esta autora salienta a relação existente entre felicidade e prazer, outro tema que já desponta no romantismo do século XVIII, no qual são exaltados a infelicidade, a dor e os estados de insatisfação e de perturbação, também estudados no século XX.

3.4 A subjetivação do sofrimento e aspectos relevantes da perspectiva existencialista no que tange à vivência da dor

Vale lembrar que minha argumentação neste capítulo é também fruto de reflexões e vivências, já que, como pesquisadora e clínica, estou diretamente intrincada no processo. Por que recorrer a autores existencialistas como recurso bibliográfico na compreensão do sofrimento? Nossa sociedade, apesar de ser bastante distinta da sociedade européia, berço do movimento existencialista, vive contexto de bastante penúria. Poderíamos falar que nossos jovens não conheceram o contexto tradicional de guerra, grande inspiração para Sartre; mas vivem, no cotidiano, situações extremas ocasionadas por morte violenta, violência verbal, instabilidade emocional e financeira, falta de perspectivas profissionais, tudo isto agravado pelas dificuldades paternas e, em nosso estudo, pelo alcoolismo paterno.

Sartre (1983), ao refletir sobre o tema da liberdade humana em sua obra “O Ser e o Nada”, conclui que existiriam três situações-limite na vida: a guerra, o sofrimento e a morte. O contexto sartriano é bastante diferente do nosso, basta pensar nos aspectos históricos, geográficos e culturais delimitadores de sua obra.

O tema da liberdade é recorrente na fala dos adolescentes e também é fundamental para compreensão da obra de Sartre. O livro do psicanalista brasileiro Jorge Forbes (2003), “Você quer o que deseja?”, aborda a angústia inerente ao processo de escolha, bem como a fragilidade das escolhas eleitas, demonstrando que nem sempre a vontade racional coincide com o desejo inconsciente. Jorge se refere às patologias prevalentes entre jovens na atualidade e inerentes ao fenômeno que ele denominou “o curto-circuito da palavra”: o fenômeno do fracasso escolar e das dependências químicas. Nestas disfunções, o indivíduo perde a liberdade de escolha e passa a agir dentro de um contexto de previsibilidade e normatização. Acontece uma vida mecanizada sem vitalidade, onde o sofrimento se manifesta por meio do fracasso escolar, da busca imediatista de prazer, na pressa de buscar algum tipo de gozo, independente do preço deste gozo rápido. A vivência dual e ambígua diante das próprias escolhas gera dificuldades, e o tema da liberdade e do aprisionamento é recorrente na literatura existencialista. Os romances de Sartre nos levam a pensar sobre a dificuldade de assumirmos nossas escolhas, tamanhas as responsabilidades impostas por estas escolhas.

Como já vimos, segundo Sartre (1983), a liberdade jamais assume dimensão absoluta em nossa existência, já que o homem vive uma existência concreta, situada no tempo e no espaço, portanto condicionada, limitada pela sociedade com suas regras e convenções, às quais seus integrantes têm de se submeter.

A poesia de um adolescente sujeito da pesquisa denuncia a importância da questão da liberdade diante da própria existência como aspecto de difícil digestão no período da adolescência:

“Tenho que libertar-me?

Aponte minha prisão, tudo ficará mais fácil.

Poderei escolher quais as algemas que mantenho,

E roer as cordas dos meus males.”

Para estancar esta breve reflexão acerca das emoções e do sofrimento humano, é fundamental apontar as profundas implicações éticas e científicas decorrentes da abordagem deste tema. Se pensarmos em profissionais de saúde, psicólogos, médicos, enfermeiros etc., e estudantes em formação, fica patente a necessidade de renovar atitudes e valores diante do sofrimento humano, o que sem dúvida pode nos ajudar a buscar com maior empatia e sensibilidade vínculos mais humanistas e dignificantes, em especial com o grupo dos adolescentes.

Para Victor Frank (1973), psicanalista austríaco, fundador da Logoterapia e profundo pensador do sentido da existência humana, a maturidade implica em aprendermos a sofrer. O que é isto? Quem poderia dominar tal saber? Para este autor, que vivenciou situações dramáticas inevitáveis no contexto europeu da Segunda Grande Guerra, o indivíduo adoece se não consegue encontrar um sentido para a existência, o que ele denomina de neurose noogênica, e neste sentido saber sofrer é estar sempre à procura de novos significados. A busca de novos significados implica em estar constantemente em relação com as pessoas.

Por que algumas pessoas se desesperam por motivos banais e outras conseguem administrar a vida em contingências radicais e dramáticas? Para Kierkegaard (1949/2003), o desespero humano começa com a agonia de não se poder acreditar que a situação vai ter um fim. Ele utiliza a morte para falar da agonia eterna do moribundo que não consegue morrer. Sua filosofia nos coloca uma questão central: o desespero se constituiria numa vantagem ou numa imperfeição? Para Kierkegaard (1949/2003), em só considerando a idéia abstrata, sem pensar num caso determinado, deveríamos julgá-lo uma enorme vantagem.

“... Sofrer um mal destes coloca-nos acima do animal, progresso que nos distingue muito mais do que caminhar de pé, sinal de nossa verticalidade infinita ou de nossa espiritualidade sublime. A superioridade do homem sobre o animal está pois em ser suscetível de desesperar. A do cristão sobre o homem natural, em sê-lo com consciência, assim como a sua beatitude está em poder curar-se” (Kierkegaard, 1949/2003, p. 21).

A Psicologia Clínica contemporânea tenta dar respostas a múltiplas demandas, tentando atenuar e abrandar de forma ética e humanista o sofrimento de pessoas que buscam nossa ajuda.

Neste momento, a proposta é conseguir interpretar o colorido existencial, emocional e interacional de adolescentes, objetos de nossa pesquisa.

Para questões relativas às implicações éticas e científicas do sofrimento humano não existem respostas definitivas. As atitudes diante do sofrimento, dos momentos relativos ao ciclo vital e da morte estão inseridas em um contexto histórico e cultural.

A formação de profissionais de saúde freqüentemente negligencia os aspectos subjetivos e filosóficos do sofrimento humano, já que de maneira geral busca-se uma solução imediata dos problemas ou uma medicalização e/ou narcotização do mesmo. A emoção humana tem sido historicamente vista como fonte de viés pela ciência e não como uma importante forma de apreensão do mundo e do próprio ser humano. Pensar o sofrimento é estar pronto para mudar, seja de atitude existencial, seja de base epistemológica, seja de consciência ética, enfim, estar menos temeroso diante da vida e da morte, e de todo o caráter inusitado e inesperado da existência.

A reflexão sobre o sofrimento representa tarefa inevitável ligada à compreensão do processo de adolecer, em nossa sociedade. A expressão “O mito da juventude feliz” foi cunhada por Chabrol (1990) com a intenção de denunciar toda a fragilidade escondida no universo psicológico dos adolescentes. Basta um olhar mais aprofundado e logo se percebe que por detrás de uma máscara de euforia o jovem muitas vezes se revela solitário e angustiado. Neste sentido, buscamos delimitar o conceito de adolescência como um grande foco deste capítulo.

3.5 O conceito de adolescência: um olhar histórico

A origem histórica do conceito de adolescência é recente. A idéia de adolescência como um estágio singular do desenvolvimento humano tem apenas cem anos. Entretanto, desde sua invenção, a adolescência revelou-se um conceito obrigatório e desafiador. Não faz sentido pensar a adolescência desconsiderando a realidade desta pesquisa, já que a adolescência não existe independentemente de um contexto social definido. Observa-se, na literatura contemporânea, uma

tendência à patologização de processos naturais que na verdade fazem parte de estratégias da sobrevivência e da tentativa de muitos adolescentes em manterem um frágil equilíbrio emocional.

Será feita breve revisão dos conceitos centrais, definidores da idéia de adolescência. A construção de uma fundamentação teórica para futuras reflexões no que tange à adolescência esbarra em múltiplos modelos teóricos e metodológicos. A abordagem psicanalítica focaliza mecanismos inconscientes intrapsíquicos e enfatiza a importância da superação de lutos, de conflitos e da construção de uma identidade adulta. Segundo Kalina (1976), os trabalhos clássicos sobre adolescência geralmente descrevem de forma exaustiva os fenômenos psicológicos que a caracterizam. “As contribuições da psicanálise enriqueceram notavelmente sua compreensão, especialmente os estudos de Anna Freud, Melanie Klein, Erik Erikson, Arminda Aberastury etc.” (Kalina, 1976, p. 18).

O termo “crise de identidade” foi cunhado por Erik Erikson (1963, 1968). Erik Erikson (1968) acredita que a principal tarefa da adolescência é o desenvolvimento da identidade do ego. Ele considera o conflito e a integração como partes inevitáveis da adolescência. A abordagem psiquiátrica (Rutter, 1979) enfatiza aspectos genéticos e psicopatológicos do próprio adolescente, localizando a patologia no indivíduo. A abordagem sistêmica mostra-se teórica e metodologicamente mais próxima dos pressupostos que tenho trabalhado. Sudbrack & cols (2003), em seu livro “Adolescentes e Drogas no Contexto da Justiça”, consegue flagrar a gravidade e complexidade do problema da dependência química e da grande vulnerabilidade inerente à fase da adolescência a este problema.

“A adolescência é uma fase de muita vulnerabilidade e de buscas de novas referências no mundo extrafamiliar. Cada vez mais cedo, crianças e jovens estão se iniciando no consumo de drogas, e recebendo fortes influências dos valores do tráfico em suas vidas, pautadas pela cultura da violência e pela lógica do combate” (Sudbrack & cols, 2003, p. 51).

Diante da complexidade e da diversidade de problemas já citados e inerentes à sociedade moderna, enfatizo que a perspectiva sistêmica demonstrou-se eficaz na compreensão e na abordagem de uma variedade de problemas dos adolescentes, e muitos estudos (por exemplo,

Fishman, 1988; Goldenberg & Goldenberg, 1985) que a compararam com outras abordagens provaram ser ela igual ou superior, em termos de resultados.

Faz-se necessária uma superação de uma visão estanque, muitas vezes encontrada na literatura contemporânea. É preciso ressaltar que ocorre um verdadeiro isolamento artificial do período da adolescência, em alguns autores. O indivíduo passa a ser visto de forma separada e fragmentada tanto no que se refere ao contexto quanto em relação à história de vida do próprio adolescente. Uma fase que, em suma, está em continuidade com a que precede e a que se segue.

Enfatizo o cuidado necessário quando o objetivo é refletir sobre a adolescência, já que devemos evitar atitudes preconceituosas, que expressam verdadeiros “estereótipos” do mundo adulto e que embaçam a visão correta da pessoa neste período da vida. Eva Blay (2000) afirma que o conceito de adolescência é ideológico. Segundo esta autora, o adolescente é um homem livre exigindo sua liberdade que ainda não conhece diante de três grandes desafios. Neste sentido, o adolescente teria três caminhos a trilhar: o do crescimento contínuo, do descontínuo e insurgente, e o tumultuado. A perspectiva histórica amplia nosso olhar.

Comentários de características distintas e inerentes a esta fase já ocorrem nos escritos egípcios, muitos séculos antes do cristianismo. Refletindo o interesse da filosofia grega pela natureza humana, Platão oferece conselhos acerca da socialização de crianças desde os primeiros anos até a vida adulta. Ele ressalta que durante os primeiros anos do desenvolvimento, mais do que em outras idades, as características de personalidade são engendradas pelos hábitos.

A preocupação com “idades da vida” reaparece em tratados pseudocientíficos da idade média (Áries, 1981). Não antes do século XIX era possível encontrar precursores do moderno conceito de adolescência enquanto período complexo e significativo da vida psicológica e social do indivíduo. A razão é o crescimento demográfico e cultural. A percepção da adolescência como estágio diferenciado depende no mínimo da existência de comunidades de jovens que compartilhem experiências acerca da mesma idade e estão isolados do mundo adulto.

De qualquer maneira, não parece suficiente definir a adolescência simplesmente pela puberdade e a maturação sexual, porque estas existem também no animal. O simples fato de ser adolescente implicaria em vivências de sofrimento para o adolescente e/ou para seus pais? O senso comum associa adolescência com crises e dificuldades.

Philippe Áries (1981) inclusive sustenta que o fenômeno atual da adolescência surgiu depois da Primeira Guerra Mundial. Desta forma, a “adolescência” aparece para satisfazer uma necessidade. É uma criação das forças sociais que operam em nossa cultura e do contexto social.

Após ter relativizado o significado da adolescência, bem como tentado contextualizar seu conceito, passo agora a buscar especificidades no que tange ao grupo de adolescentes sujeitos desta pesquisa.

3.6 Refletindo sobre o conceito da adolescência no contexto de pobreza e exclusão social

Este estudo foi desenvolvido em uma cidade-satélite de Brasília no Distrito Federal denominada Sobradinho. Sobradinho é uma região administrativa do Distrito Federal de 157.577 habitantes, sendo a quarta mais populosa da unidade federativa. Localiza-se a 22 quilômetros do Plano Piloto (área central do Distrito Federal), às margens da BR-020, sentido Brasília-Fortaleza. Além do núcleo da região administrativa, Sobradinho também conta com os mais de 100 condomínios horizontais que cercam a região, sendo que muitos deles se encontram no setor de condomínios. Pensar o fenômeno da adolescência nesta realidade implica em refletir acerca desse contexto de pobreza, exclusão social e violência urbana. Nesta cidade-satélite, dificuldades múltiplas são observáveis, tais como: a absoluta falta de lazer, a falta de perspectiva da população para mudar de vida, sentimentos de medo e apreensão em decorrência de freqüentes episódios de violência urbana, grande prevalência de alcoolismo e toxicomania.

No Distrito Federal, o Plano Piloto abriga a classe média e alta que historicamente não convive com a população da periferia residente nas cidades-satélites. O preconceito é explícito e permeia a queixa e visão de mundo dos adolescentes. O alcoolismo paterno apenas agrava uma

situação já existente. É nesse contexto que procuro trazer algumas idéias teóricas e clínicas acerca do processo de adolescência.

A realidade da pobreza está associada à vivência da exclusão, que é por demais dolorida e nítida, e difícil de ser negada. As causas do processo de exclusão são complexas dentro de uma sociedade por demais desigual e profundamente rica em termos raciais e culturais. Em Brasília, o mecanismo de exclusão respeita o espaço físico e geográfico da cidade. A arquitetura da cidade parece criar distâncias intransponíveis segregando grupos considerados inferiores. As cidades-satélites adquirem conotação pejorativa. São periféricas ao Plano Piloto, e os adolescentes aí residentes carregam, muitas vezes, o peso da exclusão e da marginalização.

É necessário pensar a adolescência dentro de seu contexto macrossocial. Em nosso país, um em cada três indivíduos encontra-se em situação de pobreza, ou seja, por volta de 54 milhões de pessoas amargam condições dilacerantes de vida, o que certamente afeta a perspectiva de nossos jovens. Outros dados do IBGE (1990) são alarmantes: 53,5% das crianças entre zero e 17 anos vivem em famílias com renda mensal até meio salário mínimo; 14,4% dos jovens entre 10 e 15 são analfabetos e 7 milhões e meio entre 10 e 17 anos trabalham com baixa remuneração (www.ibge.gov.br/hom/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/notasindicadores.shtm).

O V Levantamento sobre o Uso de Drogas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio em 27 Capitais Brasileiras, realizado pelo Cebrid (www.estudobiblico.com.br/drogas/CEBRID.htm), divulgado no final de maio, fornece estatísticas significativas no que tange à forte associação existente entre uso de drogas lícitas e ilícitas na adolescência. Este estudo mostra que a experiência com substâncias psicoativas legais ou ilegais é cada vez mais precoce entre os estudantes. A média de idade do primeiro contato com álcool e tabaco foi de 12,5 anos e 12,8 anos, respectivamente. Entre os que experimentaram maconha, o primeiro uso ocorreu, em média, aos 13,9 anos e, no caso da cocaína, aos 14,4 anos.

A estatística confirma a impressão de que as drogas pesadas raramente são a primeira escala na trajetória da dependência, o que indica que a prevenção deveria começar antes dos 10 anos e caminhar junto aos esforços de adiar o primeiro uso do álcool e tabaco (www.nacoa.org.br).

Outra novidade: a pesquisa desmente a idéia de que os solventes, vasto espectro de substâncias que englobam desde a gasolina dos automóveis até a cola de sapateiro e o esmalte de unha, são os preferidos dos meninos de rua ou de crianças pobres. Esses entorpecentes não conhecem fronteiras de classes sociais e são a droga ilegal que os estudantes mais experimentaram na vida. O Brasil revelou-se o campeão mundial no uso de solventes, com 15,4% de jovens que os utilizaram pelo menos uma vez.

Em comparação com levantamentos anteriores, pela primeira vez registrou-se uma redução na porcentagem de jovens que já experimentaram drogas, em capitais como Curitiba, Fortaleza, Porto Alegre e Salvador. Em outras cidades a tendência geral foi de estabilidade.

Pesquisas (Dryfoos, 1990) mostraram que, em cada quatro adolescentes (7 milhões de jovens), um corre risco por problemas tão graves que tem pouca chance de se tornar um adulto responsável. Essas crianças não estão adquirindo as habilidades necessárias à participação no sistema educacional ou ao cumprimento da transição para a força de trabalho. Elas não podem se transformar em pais responsáveis porque têm uma experiência limitada de vida familiar e não dispõem de recursos para criar seus próprios filhos.

Resumindo a pesquisa, Dryfoos (1990) afirma que:

“Uma nova classe de ‘intocáveis’ está surgindo no núcleo de nossas grandes cidades, na periferia social dos subúrbios e em algumas áreas rurais: jovens que são funcionalmente analfabetos, desligados da escola, deprimidos, propensos ao uso excessivo de drogas e à atividade criminal precoce e que acabam por ser pais de filhos não planejados e indesejados” (Dryfoos, 1990, p. 3).

É fundamental denunciar o isolamento e a desproteção existente na vida de muitos jovens, o que não fica evidente, pois carregamos um eterno mito da juventude feliz. Na verdade, a maioria dos adolescentes nunca teve ocasião de falar de seus problemas a alguém capaz de levá-lo a sério, capaz de ajudá-lo a se confrontar com a importância deles e a tornar suportável a sua expressão:

“Quando o interlocutor e o adolescente formulam juntos o que vai mal, o desconhecido terrível torna-se menos poderoso e, ao mesmo tempo, o adolescente pode começar a ter esperança de que alguém compreenda o que vai mal e ajudá-lo” (Laufer & Laufer, 1984, p. 50).

A literatura aponta para a grande vulnerabilidade dessa fase da vida. A gravidade do quadro do sofrimento na adolescência pode ser apontada pela presença de depressão, pelos riscos de suicídio e pela presença de seqüelas sérias na personalidade desses jovens, comprometendo o futuro emocional, relacional e profissional desses jovens.

Na poesia de um adolescente entrevistado ficam patentes grandes riscos e as dúvidas inerentes ao amadurecimento, na sociedade contemporânea:

“Queimam os livros
Deixem as traças roerem os livros
Talvez assim possamos salvar as novas cabeças,
Impedir nossas crianças de entrar no labirinto da vida.
Felizes ficarão, pastando alegres e se satisfazendo rentes ao chão
E não é a felicidade que importa? Não?
Pena que o céu azul fica do outro lado.
Do lado onde a terra não cheira a plástico.”

A vivência clínica bem como a literatura confirma que a adolescência e a fase inicial da idade adulta representam estágios críticos para o nosso desenvolvimento físico e psicológico, e se torna essencial que adolescentes e jovens adultos recebam orientações corretas da sociedade e da família, no sentido de serem assistidos e amparados durante esse processo.

CAPÍTULO 4

METODOLOGIA

“Pedimos somente um pouco de ordem para nos proteger do caos. Nada é mais doloroso, mais angustiante do que um pensamento que escapa a si mesmo, idéias que fogem, que desaparecem apenas esboçadas, já corroídas pelo esquecimento, ou precipitadas em outros, que também não dominamos. Perdemos sem cessar nossas idéias. É por isto que queremos tanto agarrar-nos a opiniões prontas”.

Deleuze e Guatari

Após concluir a busca de fundamentação teórica para nossas reflexões, passo a explicitar todo o processo de pesquisa, incluindo suas fases, estratégias, interrupções e vicissitudes.

4.1. A delimitação do campo e do objeto de pesquisa: a aproximação do pesquisador da realidade investigada

Com o objetivo de descrever todos os processos, estratégias e etapas vivenciadas durante a realização deste estudo, incluindo a própria formação técnica do pesquisador, é relevante conhecer a história de elaboração deste estudo. Sem dúvida, serão feitos alguns recortes importantes para a compreensão de todo o percurso. O nascimento desta pesquisa teve como cenário central a atuação clínica do pesquisador.

Esta pesquisa é o resultado de um estudo qualitativo, cujo principal objetivo é o de compreender a configuração subjetiva que está na base do sofrimento e das relações de adolescentes filhos de alcoolistas. Nesta pesquisa com um grupo de adolescentes filhos de alcoolistas, foi utilizada uma diversidade de instrumentos qualitativos, tais como: observação participativa, completação de frases, entrevista livre, Instrumento Aberto de Família, que nos possibilitasse

apreender e captar toda a disponibilidade e busca desses adolescentes no sentido de delimitar a sua própria identidade.

Segundo Gomes (1998, citado por Ramos, 2001), durante o processo de construção de sua identidade, o adolescente deseja ter um referencial que dê sentido a sua vida. Segundo Sônia Alberti (2004), os efeitos da falta de modelos passíveis de identificação para os adolescentes, na sociedade atual são devastadores. Os adolescentes não se sentem aptos para criar contribuições para a cultura. “Altamente democratizante, por permitir a qualquer um propor o que quer que seja, o discurso capitalista não dá nenhuma direção, não promove qualquer laço social” (Alberti, 2004, p. 68).

O desafio do estudo é gerar novas compreensões acerca dos referenciais utilizados por um grupo de adolescentes, respeitando-se o momento histórico e o contexto social marcado pela pobreza, pela falta de perspectivas sociais, pelos estigmas associados ao alcoolismo paterno e pela distância geográfica do Plano Piloto. As cidades-satélites de Brasília ficam distantes do Plano Piloto, apenas no sentido geográfico e não necessariamente no sentido social e econômico. Concordamos com Ramos (2001) quando ele assinala a notável influência da posição social do indivíduo, num mesmo momento histórico, nos padrões de comportamento e no modo de estruturação da adolescência.

A história deste estudo resgata a importância de um processo e de um trabalho comunitário, onde todos, equipe e pacientes, se sentiam muito vivos, abertos a novas vivências. A adolescência significava também esta abertura para a vida ou um possível e triste fechamento: estrangulamento de perspectivas. É fundamental, portanto, assinalar todas as vicissitudes do processo que dão um sentido novo ao ato de pesquisar. Neste sentido, a pesquisa se parece com a vida, com a fluência do existir. Como assinala Demo (1996), a qualidade de vida representa o próprio desafio de fazer história humana.

A qualidade de vida representa um produto e um processo, com determinado sentido para cada ser humano. Neste sentido, é importante lembrar o valor e a legitimação do caso singular no processo de pesquisa qualitativa. Poderíamos dizer que o processo de viver significa estar no mundo de maneira única, natural e construído culturalmente, constantemente interagindo, conhecendo,

produzindo, participando, compartilhando, sentindo, destruindo, reconstruindo, ensinando, aprendendo, morrendo. Neste sentido, concordamos com González Rey (2005), quando ele assinala que a legitimação do singular como fonte de conhecimento implica em considerar a pesquisa como produção teórica, entendendo por teórico a construção permanente de modelos de inteligibilidade que dêem consistência a um campo ou a um problema.

4.2. O cenário de realização da pesquisa e a história do PISAS

O estudo foi realizado no Hospital de Sobradinho (HRS). O PISAS (Programa Integrado de Saúde do Alcoolismo em Sobradinho) representou a via de aproximação com a realidade estudada. Como coordenadora do programa neste hospital, tive muitas oportunidades de refletir e de manter vínculos com pessoas de diferentes culturas, diferentes valores sociais e estratégias existenciais. A instituição hospitalar também representou local de grande riqueza para vivências profissionais e pessoais inéditas. O contato com a comunidade e a tentativa de fortalecer redes de encaminhamento para pacientes alcoolistas também provocaram grandes mudanças paradigmáticas, técnicas e epistemológicas em minha pessoa.

Nesta pesquisa, a fonte de indicadores de sentido baseou-se na análise de entrevistas, na aplicação de um questionário (vide Anexo 1), na aplicação de um Instrumento Aberto de Família (Anexo 2), no instrumento de completamento de frases (Anexo 3). A visualização das múltiplas configurações de sentido fornecidas por estas pistas, ou melhor, por estes indicadores de sentido, constituiu um processo complexo que será explicitado e descrito de forma didática em etapas.

Para iniciar, gostaria de contar a história de implantação do PISAS, já que ele constituiu o cenário de realização da pesquisa. O processo de implantação do PISAS foi coordenado pela Professora Maria de Fátima Sudbrack, e ocorreu no início do ano de 1994, conforme previsto em convênio efetivado entre a UnB (Universidade de Brasília) e a SES (Secretaria de Saúde do Governo do Distrito Federal). O hospital de Sobradinho é um hospital de médio porte, atendendo grande demanda da população da periferia de Brasília. Em média, passam pelo pronto-socorro do Hospital Regional de Sobradinho cerca de 800 pessoas. Esse hospital carrega em sua história uma

tradição acadêmica, no que se refere à realização de programas comunitários, bem como no desenvolvimento de atividades com fins acadêmicos.

A criação do PISAS coincidiu com uma proposta mais ampla de criação de programas de prevenção e tratamento das dependências químicas junto à Secretaria de Saúde. Enumeramos, a seguir os objetivos do PISAS:

1. Promover diagnóstico precoce do alcoolismo.
2. Desenvolver ações preventivas referentes à dependência química no hospital e nos centros de saúde.
3. Capacitar e treinar chefias e profissionais de saúde na abordagem de alcoolistas.
4. Pesquisa e formação de estagiários.
5. Promover tratamento hospitalar e pós-hospitalar para o alcoolismo, atendendo a comunidade de Sobradinho e os próprios profissionais de saúde.

Durante os anos iniciais de implantação do programa, observamos a grande resistência dos médicos para tratar alcoolistas, processo que pode estar relacionado com o próprio padrão de ingestão alcoólica e a bloqueios devido à falta de conhecimentos técnicos específicos e aos valores e preconceito diante desse grupo de pacientes. A baixa adesão dos pacientes alcoolistas gera sentimentos de frustração nos profissionais de saúde associados a uma sensação de perda de tempo.

Muitas limitações inerentes ao sistema de saúde atingiram inevitavelmente o programa. A equipe técnica contava apenas com uma psicóloga, pesquisadora e coordenadora do programa, com uma psiquiatra e uma assistente social do hospital. Tivemos também muitas dificuldades em termos de ampliar recursos e em termos de espaço físico, para a realização das diferentes modalidades de terapia e para a realização dos grupos de acolhimento: para alcoolistas, famílias e adolescentes. A falta de recursos materiais e humanos do programa, na verdade, reflete as dificuldades inerentes à rede pública hospitalar em Brasília, que por ser capital da República acaba tendo de dar conta de um contingente enorme de pessoas que vêm de outros estados.

É importante citar as principais atividades, oficinas, cursos ministrados e trabalhos apresentados em congressos subsidiados pela vivência profissional do PISAS. A análise desse percurso nos ajuda a compreender o processo de transformação da comunidade hospitalar, que enquanto instituição se mostrou aliada no processo de construção de redes e no enriquecimento do diálogo com a comunidade. Neste sentido, podemos pensar em uma prática clínica não alienada, nem tampouco alienante. A prática seguia uma abordagem sistêmica e se inspirava em trabalhos comunitários desenvolvidos em nosso país, como, por exemplo, os trabalhos desenvolvidos pelo psiquiatra Adalberto Barreto (1994). Em seu trabalho com comunidades faveladas na periferia de Fortaleza, este autor ressaltava que a grande descoberta nos grupos abertos era de que os melhores terapeutas estão na comunidade e que a presença do profissional de saúde serve apenas para suscitar essa dimensão terapêutica.

Durante 12 anos, pudemos realizar um trabalho intenso de construção de redes, marcado por encontros significativos, pela busca constante de contatos, de vínculos e de comunicação plena. A grande criatividade da comunidade para solucionar seus problemas era flagrada nos inúmeros cenários terapêuticos. Através dos grupos e de comemorações, a equipe técnica se aproximava gradativamente da comunidade e os papéis e funções ocupados por cada um no grupo eram intercambiáveis, o que mostrava a grande flexibilidade da maioria. Na verdade, por meio da empatia os grupos se constituíam em uma grande matriz grupal que parecia proteger a todos os membros de uma realidade bastante hostil. A proposta terapêutica era a de aproveitar o impulso de sobrevivência, a criatividade cotidiana e as estratégias de cada um e buscar novos padrões de enfrentamento da realidade. As queixas traziam temas como as limitações oriundas da pobreza, o sofrimento gerado pela exclusão social, o medo da violência urbana.

Alguns trabalhos, frutos da problematização de nossa prática, foram apresentados em congressos e se referiam às atividades desenvolvidas no PISAS, e também representam subsídios profissionais importantes em meu processo de elaboração deste estudo. Como coordenadora do PISAS, visando construir uma rede de multiplicadores de nossa proposta, organizei e realizei alguns treinamentos, tais como: Treinamento para Agentes Voluntários de Saúde da Coordenação Regional

da Asa Norte, realizado no ano de 1993; Treinamento para Professores da rede pública da Fundação Educacional do Distrito Federal, realizado no ano de 1995; e Treinamento para Equipe de Enfermagem da Clínica Médica do Hospital Regional de Sobradinho, realizado em 1998.

Um encontro importante com a comunidade de Sobradinho ocorreu logo na fase de implantação do PISAS, em setembro de 1995, e tinha como proposta repensar a abordagem do alcoolismo e incentivar estratégias mais eficientes de prevenção e enfrentamento do problema. Conversamos com a comunidade envolvendo neste diálogo alguns profissionais de saúde.

Outro momento significativo foi quando realizamos um curso para mães de adolescentes em agosto de 2002. Esse momento foi importante para a escuta e acolhimento das angústias de muitas mães causadas por preocupações múltiplas, relacionadas a drogas, sexualidade, relacionamento familiar, alcoolismo do cônjuge. Nesse momento, utilizamos um instrumento aberto onde as mães poderiam completar frases relacionadas à dinâmica de suas famílias.

Nossas reflexões nos levaram a iniciar um processo de pesquisa e de registro deste material. Alguns trabalhos foram apresentados nos seguintes congressos: VI Congresso Brasileiro de Alcoolismo, realizado em 1985; VIII Congresso Brasileiro de Alcoolismo, realizado em 1989; X Congresso Brasileiro de Estudos do Álcool e Outras Drogas, em 1993; e XI Congresso Brasileiro de Alcoolismo e Outras Dependências, realizado em 1995.

Esses eventos foram emblemáticos e centralizavam nossos focos de atuação, e buscavam refletir sobre a prática, sobre o perfil da clientela do PISAS, sobre o processo de transmissão familiar do alcoolismo, sobre a representação social do alcoolismo naquele contexto e naquele momento histórico, sobre mecanismos de avaliação de nosso trabalho, sobre o sofrimento da família de alcoolistas e sobre modalidades de terapia indicadas para os problemas.

O cuidado ético permeou o trabalho do PISAS, no sentido de disponibilizar várias modalidades terapêuticas, tais como terapia individual breve, terapia de grupo e de família, grupos de acolhimento e orientação; o que era importante já que a demanda de tratamento mostrava-se

altamente complexa. A multiplicidade de problemas, de dramas e a urgência de alguns casos nos convidavam a agir de forma flexível e pontual.

Na reunião semanal de supervisão, os casos eram discutidos e a interdisciplinaridade acontecia pelo menos no que tange ao nosso olhar diante dos pacientes. Era grande o fluxo de pacientes com história de transgressão, como tráfico de drogas. Muitas vezes, esses temas eram tratados no próprio grupo. O sigilo ético, o respeito ao sofrimento, a empatia, a aproximação da realidade social e cultural dos pacientes representavam a base de um possível laço social ou contrato terapêutico. Preocupações humanistas sempre representaram o grande legado do grupo e da equipe. A participação na pesquisa era então vista de forma natural por todos os membros do grupo.

Observávamos que os pacientes passavam a se sentir melhor ao ingressar no grupo, pois muitos passavam a exercer uma cidadania quase anulada pelas contingências sociais. Muitos passavam a ter uma participação ativa no programa, atuavam como voluntários e se sentiam envolvidos em uma proposta ampla e ambiciosa. Neste sentido, a doença deixava de ser o grande foco, o que era vital, já que sair do papel de doente representava uma grande melhoria para a auto-estima de alguns pacientes.

4.3. A história das motivações da pesquisadora diante do estudo e a crescente elaboração do problema

A motivação da pesquisadora se aprofundou na medida em que teve oportunidade de participar de vários congressos sobre alcoologia, de ministrar cursos para profissionais de saúde dentro e fora do hospital, de conseguir fortalecer a rede social que amparava o programa e, enfim, na busca de humanização da abordagem do alcoolista pobre no contexto de um hospital público. A realização de oficinas e de grupos abertos com as famílias dos alcoolistas representou uma rica fonte de reflexão acerca do significado do alcoolismo dentro da comunidade.

A atuação do psicólogo dentro do contexto hospitalar nos remete à questão da importância da reflexão teórica e prática acerca do significado dos processos de saúde e de doença em um determinado grupo da população. Esta reflexão não se restringe a teóricos da denominada

Psicologia da Saúde, mas representa via fecunda de reflexão dos paradoxos sociais contemporâneos. Como afirma González Rey (2004), em seu livro “Personalidade, Saúde e Modo de Vida”, as doenças expressam as contradições de uma sociedade e representam um espaço social privilegiado para estudar contradições que ainda não têm aparecido com total clareza nas representações conscientes da sociedade.

A estratégia clínica de focalizar a saúde e os recursos de cada indivíduo coincide com uma busca de despatologização das vivências tristes de adolescentes, que nos mostram grande criatividade diante da vida. Neste sentido, González Rey (2004) ressalta a importância de um trabalho social profilático capaz de gerar transformações nas relações sociais. O que possibilitaria reconhecer que o adolescente não é um mero ouvinte ou expectador deste mundo, mas, segundo Luz e Castro Silva (1999), deve ser reconhecido e valorizado como autor, realizador e criador de ações no mundo. Para isso ele deveria gostar de conhecer, de ter prazer em aprender e identificar-se como uma pessoa participante do mundo. Isto representou um grande eixo de investigação.

Alderguía (1981, citado por González Rey, 2004) analisa três fatores norteadores de uma nova perspectiva de trabalho profilático, destacando, entre eles, a mudança de orientação da patologia para a sanologia, cujos objetivos fundamentais são o fortalecimento do homem saudável e o vínculo entre o programa socioestatal e a responsabilidade de cada pessoa no fortalecimento da saúde.

González Rey (2004) denuncia a necessidade de nos aprofundarmos nos complexos problemas da saúde humana e ressalta a importância de construção de estudos que permitam articular fatores psicológicos e sociais na etiologia das doenças. Embora este estudo não tenha como foco a doença, ele busca contribuir para a construção de uma adolescência mais saudável, onde o adolescente possa tornar-se sujeito ativo e autônomo de seus projetos e possa ser ajudado no desenvolvimento de uma personalidade mais plena, ativa, capaz de determinar por si mesma seu relacionamento com a vida, com os pais, com o alcoolismo paterno, e de conseguir se envolver e se incluir nos diversos contextos sociais.

O fato é que o interesse em compreender melhor os mecanismos sutis que participam dos processos de saúde e de doença representaram a grande motivação deste estudo, ao mesmo tempo

em que existia a preocupação de contribuir para a compreensão dos processos de transmissão de patologias epidêmicas tais como o alcoolismo em uma determinada comunidade.

Sabemos que qualquer um pode adoecer e os estudos epidemiológicos procuram delinear o perfil de populações mais vulneráveis a determinados problemas de saúde pública. Os estudos epidemiológicos que tratam do proclamado risco de adoecimento em filhos de alcoolistas restringem-se à descrição da semiologia e dos sintomas identificados nessa população. Qualquer um pode adoecer, embora as vulnerabilidades sistêmicas, genéticas, sociais e psíquicas representem realidade específica e singular de cada indivíduo.

A elaboração de críticas mais consistentes ao proclamado determinismo genético no campo do alcoolismo também representou uma inquietação teórica fundamental para esta pesquisa e para minha prática clínica cotidiana. Nesse sentido, vale ressaltar os trabalhos de Jandira Mansur (1984) ao descrever a multiplicidade de tipos de vulnerabilidades ao alcoolismo. Aspectos sociais, culturais, psíquicos e biológicos são vias de adoecimento ou de construção de saúde.

4.4 Sujeitos

Os adolescentes sujeitos deste estudo eram filhos de pacientes do PISAS. Durante o ano de 1999, a partir do mês de março, foi iniciada a abordagem dos sujeitos da pesquisa. Foram entrevistados, inicialmente, na fase de levantamento de informações e triagem para os grupos, 182 adolescentes, sendo 95 meninas e 87 meninos, com faixa etária variando de 10 a 18 anos. Todos os adolescentes foram convidados a participar da pesquisa. É importante ressaltar que este grupo de adolescentes já tinha vínculo com o PISAS, em decorrência do tratamento dos pais. O Programa representava para eles uma esperança de mudança na vida familiar.

Os convites eram feitos durante o grupo multifamiliar e por telefone. Só foram entrevistados filhos de alcoolistas que concordaram em contribuir com a pesquisa e que compareceram ao hospital. O termo de consentimento livre e informado foi utilizado, já que representou um

importante momento para esclarecer de forma individualizada os adolescentes dos objetivos da pesquisa.

Os adolescentes foram entrevistados no período de outubro de 1999 até o mês de junho de 2000. Os entrevistadores estagiários voluntários de Psicologia foram treinados, no sentido de serem acolhedores, claros e objetivos no fornecimento das informações. Na primeira entrevista, eram coletados dados de identificação, através do preenchimento do questionário (Anexo 1), e o adolescente poderia explicitar suas expectativas de participar do grupo. Na segunda entrevista, foi aplicado o instrumento de completamento de frases (Anexo 3). O Instrumento Aberto de Família (Anexo 2) foi aplicado em uma reunião de grupo com os adolescentes já entrevistados no mês de junho de 2000. Em função da limitação de tempo e da falta de disponibilidade de horários, grande parte dos adolescentes não deu continuidade ao processo terapêutico em grupo.

Como já relatado, o hospital nunca atraiu os adolescentes. Durante esse ano acompanhei dois grupos com adolescentes, mas apenas consegui trabalhar na proposta de terapia de grupo com meninas; já que elegi a dimensão do gênero como importante para efetividade e dinâmica do grupo. Era muito difícil reunir os meninos para conversar em grupo. A melhor forma foi conversar, na maioria dos casos, individualmente com cada adolescente, e por isso o período de contato com eles precisou ser mais extenso. Esses grupos tinham como objetivo acolher os adolescentes e disponibilizar espaço, no contexto hospitalar, para elaboração de conflitos e para a busca de compreensão mais profunda de temas associados à vida deles, tais como: sexualidade, uso de drogas e álcool, escola e família. A construção de uma matriz grupal propiciou o aparecimento de sentimentos de coesão e de confiança mútua no grupo feminino.

O grupo pode ser descrito em termos de funcionamento como: aberto, de acolhimento e com frequência semanal. O único critério de inclusão era ser adolescente, que os pais estivessem se tratando no PISAS e manifestasse interesse em participar. Na verdade, esta etapa inicial da pesquisa foi fecunda e possibilitou o nascimento da pesquisa em termos de suscitar questões importantes. Decidi não trabalhar com todo esse universo de dados, mas apenas utilizá-lo como enriquecimento de meu olhar interpretativo diante da realidade.

Essa etapa inicial poderia ser conotada como etológica e exploratória, já que uma familiarização com esse grupo mais amplo de sujeitos despertou o interesse e curiosidade epistêmica diante da incrível capacidade de enfrentamento das situações. Alguns adolescentes traziam sempre a possibilidade de construção e de reconstrução de relacionamentos, de renovação e de mudança.

Com o intuito de verticalizar o conhecimento e interpretação da realidade, selecionei seis sujeitos e focalizei o trabalho de análise neste novo grupo. Esta mudança de estratégia foi importante, considerando que estes seis sujeitos me permitiram demonstrar o valor das experiências singulares contemplando a complexidade do sofrimento vivenciado por esses adolescentes. A existência de situações dignas de exemplaridade traz a possibilidade de integração entre a dimensão singular e a dimensão coletiva, entre a dimensão subjetiva e a dimensão social, entre o momento de construção teórica e o momento de contato com a realidade.

Esta escolha não comprometeu a qualidade do conhecimento a ser construído, já que houve a preocupação de respeitar alguns parâmetros considerados importantes na seleção dos sujeitos, tais como: a fase vivenciada da adolescência, a faixa etária e o sexo. Dentre estes seis sujeitos pude contar com meninos e meninas vivenciando diferentes momentos inerentes ao processo de adolecer. Vale lembrar a relevância e significação da singularidade como nível legítimo de produção do conhecimento e, como enfatiza Gonzalez Rey (2002):

“A singularidade foi historicamente desconsiderada quanto à sua legitimidade como fonte de conhecimento científico; mas na pesquisa da subjetividade adquire importante significação qualitativa, que impede de identificá-la com o conceito de individualidade” (Gonzalez Rey, 2002, p. 35).

Nesta ótica, o número de sujeitos deixa de ter uma significação fundamental, já que a proposta da pesquisa não é a de consagrar resultados que espelhem a realidade através de generalizações, mas sim de uma construção de sentidos que apresentem uma intelegibilidade significativa em termos teóricos e práticos. Neste sentido, Demo (2001b) afirma que “a rota qualitativa, sem desprezar a quantitativa, aposta em consensos possíveis e provisórios em torno da informação, tomando a sério o processo de reconstrução” (Demo, 2001b, p. 33).

O número total de seis entrevistados me permitiu agrupar os dados de identificação deste grupo. Os dados de identificação pessoal, tais como a profissão dos pais, o nível de escolaridade e o local de moradia são apresentados abaixo (tabela 1). Minha intenção foi de obter referências básicas sobre os dados pessoais dos sujeitos.

A faixa etária dos adolescentes foi delimitada entre 10 a 18 anos. A fase de pré-adolescência representa período de grande vulnerabilidade, já que era fácil observar as queixas de insegurança e de fragilidade diante dos problemas. Os medos, inibições, e o grande sentimento de vergonha e inadequação eram denunciados pela própria postura corporal de alguns e pela grande dificuldade de expressão dos conteúdos afetivos.

As respostas dos seis sujeitos não representaram a única fonte de inteligibilidade da pesquisa, já que o contato clínico intenso com outros adolescentes forneceu importantes subsídios para a construção de modelos de interpretação de nossos sujeitos. Todos os nomes dos sujeitos são fictícios, com a finalidade óbvia de preservar a integridade e individualidade dessas pessoas.

Tabela 1.1

Dados de Apresentação Pessoal

Sujeitos – adolescentes filhos de alcoolistas

Sujeitos	Data de nascimento	Idade	Data da pesquisa	Sexo	Nível de escolaridade	Endereço	Profissão do pai	Profissão da mãe	religião
Ronaldo	30-12-85	15 anos	20-6-00	Masc	Primeiro grau inc.	Planaltina	Pintor/1 grau inc.	Auxiliar Enfermagem	Católica
Rose	19-6-86	14 anos	28-7-00	Fem.	Primeiro grau inc.	Sobrad. II Zona urbana	Pedreiro/Analf ab.	Do lar/1 grau inc.	Católica
Vivian	17-2-83	17 anos	30-5-00	Fem.	Segundo grau inc.	Sobrad.Asse ntamento	Comerciante 1 grau inc.	Comerciante	Católica
José Arthur	6-8-88	12 anos	16-4-00	Masc	Primeiro grau compl.	Sobrad.Asse ntamento	Marceneiro/2 grau inc.	Doméstica	Católica

Ana Marta	30-7-87	13 anos	25-5-00	Fem.	Primeiro grau com.	Sobrad. Setor de Mansão	Funcionário público/2 grau completo	Funcionária pública	Católica
Luciano	12-9-83	17 anos	3-10-99	Masc		Zona Urbana Baixa	Fazendeiro/ter ceiro grau inc.	Autônoma	Católica

4.5 Instrumentos

Em consonância com nossa rota metodológica, recorri a vários recursos neste processo de produção de conhecimento junto ao grupo de adolescentes estudados. Para conseguir visualizar as múltiplas configurações de sentido busquei, através de uma lógica configuracional, realizar um longo diálogo com estes sujeitos. Os instrumentos representaram uma via de acesso aos indicadores de sentido.

Assim, ao iniciar o trabalho, novos indicadores apontavam novos rumos e, na medida em que surgiam novas hipóteses e indagações, se fez necessária a utilização de uma maior multiplicidade de instrumentos de apreensão da realidade. Foram utilizados os seguintes instrumentos de pesquisa: observação participante de grupos de trabalho, oficinas multifamiliares, o instrumento de completamento de frases e um questionário de identificação. Todos os momentos de contato e encontro com os sujeitos foram valiosos, já que representavam também uma fonte de apoio social para toda a comunidade, inclusive para a própria equipe. Neste sentido, nenhum instrumento pode ser considerado mais importante. Por outro lado, vale ressaltar a riqueza de informações fornecidas pelos instrumentos abertos. O grande objetivo que norteou a utilização destes instrumentos foi alcançar um clima de maior empatia e proximidade com os sujeitos; processo este denominado, segundo Demo (2001b), *standpoint epistemology*, “para indicar a importância de o analista se postar na pele do analisado. Ou seja, a preocupação epistemológica de entender o outro assim como o outro gostaria de ser entendido” (Demo, 2001, p. 32).

Isto posto, apresento, em seguida, a diversidade dos recursos utilizados na investigação.

O questionário estruturado (Anexo 1) foi elaborado especificamente para atender às necessidades deste estudo. As perguntas visam obter um perfil mínimo da família e do indivíduo, contendo perguntas abertas e fechadas que abordam os seguintes temas: endereço, idade, escolaridade e profissão dos pais, configuração familiar, representação social do alcoolismo, uso de drogas e álcool, renda, religião, entre outros dados.

Este questionário permite uma melhor visualização do contexto social e econômico estudado. Isto é importante, se considerarmos que em nosso país, a desigualdade social cria uma multiplicidade de culturas e de realidades. O ambiente social cria e elege sentidos próprios para alguns fenômenos. Este instrumento nasceu desta necessidade de conhecer um pouco mais detalhadamente este perfil social dos sujeitos estudados.

O instrumento aberto de família (Anexo 2) me foi fornecido durante o meu processo de formação em terapia de família no CEFAM (Centro de Estudos da Família) e permite a livre expressão de temas importantes, tais como: a vivência dos papéis familiares, a identidade familiar, os tabus, os conflitos, os recursos saudáveis da família, os mitos e lendas familiares. Como se oferecesse um olhar macro diante de nossa vaga idéia de família. Busca, manter uma visão binocular que contempla o todo sem perder de vista a riqueza dos detalhes de cada indivíduo.

O instrumento foi aplicado em junho/2000 em um grupo realizado com adolescentes, que já haviam sido entrevistados e que compareceram a uma atividade multiprofissional do PISAS. Este momento foi muito fecundo, apesar de contar com uma presença reduzida de adolescentes – 28 adolescentes –, na medida em que funcionou como grande elemento motivador para todos, tendo mobilizado um grande número de pacientes, familiares e profissionais. A oficina ocorreu no auditório do Hospital de Sobradinho. Alguns enfermeiros e médicos: clínicos gerais, ortopedistas, entre outros, participaram deste grande encontro. Como recursos didáticos e terapêuticos foi utilizada uma rica diversidade instrumental como dinâmica de grupo, aplicação de instrumento aberto de família (Anexo 2), além de apresentação de depoimentos, palestras expositivas e debates.

Um dos principais recursos utilizados para facilitar a expressão dos participantes foi o Instrumento de Completamento de Frases, desenvolvido por Gonzalez Rey (1997, 2002, 2004, 2005).

Tal instrumento consiste na apresentação de frases escritas incompletas, para que o sujeito as complete a partir daquilo que primeiramente emergir em sua mente ao ler a frase em questão. A quantidade de frases, a ordem de apresentação, bem como o conteúdo das mesmas são flexíveis e mutáveis, para que possam ser adaptados aos temas e objetivos das diferentes propostas de pesquisa.

Gonzalez Rey (2004) ressalta a importância deste tipo de recurso instrumental da seguinte forma: “O uso de instrumentos abertos facilita a expressão do sujeito em toda a sua complexidade e aceita o desafio que implica a construção de idéias e conceitos sobre a informação diferenciada que expressam os sujeitos estudados” (Gonzalez Rey, 2004, p. 81).

Especificamente nesta pesquisa, esse recurso instrumental consistia em frases incompletas, de conteúdo amplo e aberto para estimular a expressão livre dos adolescentes. As frases se alternavam em temas relacionados aos prazeres, às dificuldades, às emoções, aos medos, aos anseios, à escola, às contradições, ao amor, ao casamento, entre outros.

O objetivo da aplicação deste instrumento foi o de representar mais uma via de acesso ao universo e vivência dos adolescentes. A produção de indicadores que demonstrassem o sentido implícito na vivência dos participantes era tarefa necessária no processo de construção dos seus núcleos de sentido subjetivo.

O instrumento foi aplicado por meio de entrevistas individuais, durante o período de outubro de 1999 até junho de 2000. Um exemplar do instrumento utilizado pode ser visualizado no Anexo 3 deste trabalho.

Durante todo o processo de contato com estes sujeitos, busquei assumir uma postura de observadora diretamente imbricada no processo. Procurei registrar com a ajuda de estagiários voluntários todas as vivências dos grupos terapêuticos do Programa, tais como: os dos adolescentes, dos pais e o multifamiliar. Este material me permitiu construir sentidos e elaborar vivências.

Lembrando que a neutralidade, neste contexto, é quase uma miragem, já que todo observador influi na realidade observada. Como diz Demo (2001), “a melhor maneira de ser ‘objetivo’, se fosse o caso, não é deturpando a imissão subjetiva natural, mas respeitando sua dinâmica e assim, controlando de modo menos deturpante o processo de captação” (Demo, 2001 b, p. 33).

4.6 Procedimentos

A pesquisa foi construída, na verdade, em dois grandes momentos. O primeiro período poderia ser chamado de etológico e preparatório, de reconhecimento do terreno e de construção das questões, situado entre 1994 até 1999. Poderíamos demarcar o segundo momento como o de levantamento e sistematização das informações e indicadores deste estudo durante o ano de 1999, no período compreendido entre março até dezembro.

Neste período preparatório, durante a fase de implantação do PISAS, foi realizado um estudo de levantamento do perfil de pacientes alcoolistas do PISAS, sob a supervisão da professora Maria de Fátima Sudbrack. Assim, o programa foi se estabelecendo na instituição e podemos falar de uma mudança de cultura institucional, quando os médicos e demais profissionais de saúde passaram a ser grandes aliados do processo de recuperação de pacientes alcoolistas.

O período formal do estudo contemplou em ordem cronológica as seguintes atividades: a formação de um grupo multifamiliar, a realização de entrevistas individuais, a realização de oficinas e grupos com os adolescentes, a aplicação dos instrumentos e a observação participante da pesquisa. O enfoque sistêmico constituiu o eixo teórico do PISAS.

O primeiro instrumento aplicado foi o Questionário de Identificação dos Adolescentes (Anexo 1). O Instrumento de Completamento de Frases (Anexo 3) foi aplicado em um segundo momento, e o Instrumento Aberto de Família (Anexo 2) foi aplicado durante uma reunião de grupo realizada em junho de 2000. As entrevistas utilizadas para aplicação dos Anexos 1 e 3 foram individuais e ocorriam depois que os adolescentes eram convidados a participar da pesquisa. Os convites eram efetuados por intermédio dos pais, alcoolistas e cônjuges em tratamento, que passavam a envolver

seus filhos no processo. O grupo multifamiliar do PISAS representou um lugar fundamental para a realização dos convites.

O período de seis anos subsequente ao período formal representou o tempo necessário de elaboração e de construção da pesquisa qualitativa. Não houve interrupção nem silêncio radical, mas uma busca de compreensão da complexidade de todo o processo.

Em 2003, o diálogo foi retomado a partir do ingresso da pesquisadora no doutorado de Psicologia da UnB. No ano de 2000, passei um período em San Diego, na Califórnia, onde pude atuar como estagiária em uma clínica especializada em atendimento de alcoolistas, e também fazer alguns cursos sob a supervisão da psicóloga Professora Doutora Gary Lawson na USIU (United Stated International University) .

A formação de um grupo multifamiliar representou grande oportunidade de atuação terapêutica, já que integrava um dos grandes enfoques de tratamento de alcoolistas: o enfoque sistêmico e o enfoque centrado na doença e na eficácia terapêutica dos grupos, com grande inspiração nos grupos de Alcoólicos Anônimos. A criação desse grupo objetivou ser um grande momento de acolhimento e de envolvimento dos familiares no tratamento dos alcoolistas. O grupo serviu de campo de estágio para alunos dos últimos semestres do curso de Psicologia da UnB.

Este grupo acontecia no ambulatório do Hospital Regional de Sobradinho. A sala utilizada era a maior desse ambulatório e por isto comportava todo o grupo. As salas do ambulatório desse hospital são pequenas e adequadas apenas a atendimentos individuais, deixando a desejar no quesito isolamento sonoro. Também, como essa sala maior ficou destinada ao Programa durante anos, passou a ser um local revestido de simbolismo e associado a situações e momentos importantes.

O objetivo principal era motivar todos os membros da família a enfrentar de forma mais construtiva problemas muito graves e extremos através da escuta livre e da possibilidade de todos os membros expressarem seus temores, ansiedades, alegrias e planos; o que gerava um maior sentimento de confiança no futuro e na vida. Era um grupo aberto, visando a atender a demanda maciça de pacientes no contexto da Secretaria de Saúde do DF.

Foi utilizada uma rica diversidade de técnicas instrumentais mediadoras de cada encontro, tais como dinâmicas de grupo, dramatizações, colagens, debates de temas, entre outros.

As famílias representavam grupos profundamente ameaçados de ruptura, seja pelo nível de conflitos e de violência, seja pela fragilidade do sistema conjugal, seja pela ameaça do uso de drogas dos filhos, seja pela intensidade dos ressentimentos em relação ao membro alcoolista. Essa demanda mobilizava um grande envolvimento de todos no processo.

Não observei um único foco temático nos grupos multifamiliares. Cada encontro era muito singular e dependia sobremaneira das queixas emergentes. É interessante notar que o grupo era solicitado sempre a escutar e a lidar com situações extremas de sofrimento agudizado por conflitos verbais e físicos, abandonos, rejeições explícitas e ameaças.

A temática da embriaguez era recorrente. O ciclo embriaguez versus sobriedade gera grande insegurança no cenário familiar, o que fazia com que o grupo elegeisse sempre uma família como âncora do processo. Todas as famílias traziam inevitavelmente temas associados ao ciclo embriaguez-sobriedade, à progressão da doença, às cronicidades e à gravidade do alcoolismo. A reflexão sobre a complexidade dos processos de saúde e doença sempre se fazia necessária e representava uma forma de promoção de posturas mais ativas e menos pessimistas e sobre-determinadas diante da vida e da doença.

O grupo significou um grande espaço e uma grande alavanca no sentido de ampliarmos nosso olhar também aos familiares. O envolvimento das mães e de alguns adolescentes aumentava a chance de recuperação dos pacientes. Entretanto, foi necessário para a pesquisa também buscar encontros individualizados com os adolescentes, e desta maneira as entrevistas foram marcadas visando a obtenção de mais informações.

Também foram realizadas entrevistas de acolhimento/triagem. O acolhimento psicológico visa a oferecer uma escuta diferenciada e especializada aos adolescentes que procuraram os nossos serviços, convidados pelos pais membros do grupo multifamiliar. Respeitando de forma pontual a necessidade de o adolescente ser apoiado, orientado e escutado, foram realizadas entrevistas com

esse enfoque. Esse tipo de intervenção psicológica refere-se à escuta, à aceitação incondicional, à empatia e à autenticidade surgida no contato do cliente com o entrevistador.

Eram entrevistas não estruturadas, realizadas pelos estagiários sob minha supervisão, sem roteiro rígido, que visavam colher expectativas do adolescente diante do programa e estabelecer qual a motivação do adolescente em participar de grupos e da pesquisa. Além disso, também buscávamos informações sobre o seu contexto sociofamiliar, sobre seu relacionamento com a família nuclear e extensa, sobre seu relacionamento com amigos na escola e em outros ambientes.

A segunda entrevista era marcada já neste momento, onde o adolescente seria informado acerca da pesquisa e do Instrumento de Completamento de Frases (Anexo 3). O Consentimento Livre Informado (Anexo 4) era apresentado no primeiro encontro, juntamente com o questionário de identificação (Anexo I).

Foi realizada uma oficina multifamiliar que, por meio de convite e de divulgação para toda a comunidade hospitalar, representou momento de integração e consolidação da proposta do programa. Este momento foi importante para a pesquisa, já que foi aplicado um Instrumento Aberto de Família (Anexo 2) em um pequeno grupo de adolescentes, onde todos eram convidados a refletir sobre os papéis, os conflitos, os sentimentos, os segredos, e sobre o próprio sentido e estrutura da família.

Como consequência de todo esse trabalho de divulgação, os adolescentes foram naturalmente procurando os grupos divididos por gênero. Durante o período de dois anos, a partir de 1999, o grupo de meninas solidificou-se e observou-se que uma matriz grupal acolhia as adolescentes. Pude vivenciar grandes mudanças e compartilhar intensamente com estas adolescentes situações importantes. Pude valorizar muito cada escolha e cada conquista.

No caso dos meninos não obtivemos sucesso. Ocorreram na verdade apenas três encontros. Não foi criada uma matriz grupal e a heterogeneidade das demandas não foram passíveis de ser conciliadas no grupo. O grupo se dissolveu.

O Instrumento de Completamento de Frases e o questionário de identificação pessoal foram aplicados em cada adolescente por dois estagiários por meio de entrevistas individuais agendadas semanalmente, durante o período de outubro de 1999 até junho de 2000. Esta entrevista só ocorria depois da anuência dos adolescentes. Os adolescentes ficavam sabendo da pesquisa por intermédio dos pais, pacientes do PISAS.

4.7 Estratégias de construção das informações: análise dos dados

A lógica configuracional proposta por González Rey (2004) representa um grande desafio, para qualquer pesquisador, que, atraído pelo encantamento do novo, sem perceber, pode cair em uma armadilha da simplificação ou da tendência de buscar categorias ou conteúdos teóricos mais prontos e estabelecidos. Neste sentido, é importante ressaltar que este momento de levantamento de indicadores e de zonas de sentido representa etapa de grande fecundidade, mas também de muitos riscos.

Em consonância com a metodologia construtivo-interpretativa, na qual se insere esta pesquisa, a interpretação dos relatos, referente à Técnica de Completamento de Frases e às observações, foi realizada visando à construção de indicadores relevantes para a compreensão da complexidade do sofrimento vivenciado pelos adolescentes. É importante lembrar o que recomenda González Rey (2002): “a interpretação não deve se referir a nenhuma categoria universal e invariável do marco teórico adotado, mas trata-se de processo que se realiza através da unicidade e complexidade do sujeito estudado”.

A Epistemologia Qualitativa pode soar como areia movediça para o pesquisador desavisado ou despreparado. Em vez de libertadora e estimuladora da criatividade e independência do pesquisador, pode tornar-se um obstáculo. Ressalta que a criatividade e a autonomia do pesquisador é condição importante para a construção teórica. A superação sempre parcial de ranços positivistas acumulados através da história constituiu um grande desafio e ao mesmo tempo fonte de motivação, até porque a tradição positivista já deu prova de cansaço e ineficiência no cenário científico contemporâneo. Diríamos que as fórmulas tradicionais de indução e de dedução não são mais

suficientes e daí surge a necessidade de ativar um processo muito mais irregular, construtivo e contraditório, definido por González Rey (2004) como configuracional.

Nesta fase de análise das informações é que podemos de fato visualizar o todo, ou, como diz Arrais (2005), "... montar o quebra-cabeça de cada caso, de forma mais sistematizada, em eixos temáticos, para indicadores elaborados" (Arrais, 2005, p. 93).

Trago algumas reflexões de caráter pessoal que permearam este momento do trabalho. Como poder olhar e ao mesmo tempo enxergar, de fato, novos sentidos, sempre implícitos, sempre emaranhados, sempre sutis, sempre parciais, sempre movediços no universo estudado?

Ninguém está dotado de um grande binóculo ou de uma grande máquina fotográfica com um zoom potente e flexível. Na verdade, as fotografias saem embaçadas e às vezes desfocadas: o tempo, a pressa, o furor curandis freudiano ou desejo intenso de curar o outro, a dor e até a alegria do encontro desfocalizam nosso olhar. Qual seria a distância adequada entre o pesquisador e o objeto de sua pesquisa. Por outro lado, concordo com González Rey (2004) quando ele afirma que a teoria seria uma grande lente de aumento: "... a teoria torna-se uma condição para se acessar fenômenos complexos não observáveis que definem os processos de saúde e doença" (González Rey, 2004, p. 125).

Após realizar alguns questionamentos, volto a focar o aspecto dinâmico da pesquisa, lembrando que são os indicadores os responsáveis pela possibilidade de fazer da pesquisa um processo ativo em constante movimento. Segundo Gonzalez Rey (2004):

"Os indicadores são a melhor expressão do diálogo entre as construções do pesquisador e a realidade. Contudo, diferentemente do dado, eles não conduzem por acúmulo a um resultado. No transcurso progressivo da formação dos indicadores, produzem-se múltiplas situações de ruptura direcionadas a construções distintas das do pesquisador, as quais possuem um sentido único no instante em que aparecem no fluxo geral do pensamento do pesquisador" (González Rey, 2004, p. 124).

É importante ressaltar que o indicador deve ser reafirmado durante os vários momentos da pesquisa, considerando todas as informações, incluindo as provenientes dos momentos informais e que

os indicadores nunca determinam uma conclusão do pesquisador, pois estão relacionados a um momento hipotético no processo de produção da informação. Segundo González Rey (2004):

“O lugar concedido ao dado na pesquisa de caráter empiricista é substituído pelo que definimos como indicador, o qual caracteriza melhor o tipo de unidade usada na produção de conhecimento na pesquisa de natureza construtiva-interpretativa” (González Rey, 2004, p. 123).

Finalizo esta etapa enfatizando o caráter provisório de todo e qualquer conhecimento.

CAPÍTULO 5

ANÁLISE DOS RESULTADOS

“É impossível não acabar sendo do jeito que os outros acreditam que você é.”

Gabriel Garcia Márquez

Visando uma melhor sistematização dos resultados obtidos, a partir da interpretação da realidade estudada, irei apresentá-los através da análise de cada instrumento separadamente. Os instrumentos serão apresentados na seguinte seqüência: Questionário de Identificação dos Sujeitos, Instrumento Aberto de Família, Instrumento Fechado de Família, Instrumento de Completamento de Frases.

5.1. O QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO (Anexo 1)

O Questionário de Identificação do Sujeito visa promover a descrição dos seis sujeitos estudados por meio de informações básicas, tais como: idade, escolaridade, sexo, endereço, profissão do pai e da mãe; e fornece dados de identificação dos sujeitos.

5.2. O instrumento fechado de família (anexo 1)

O Instrumento Fechado de Família era, na verdade, parte do instrumento de identificação pessoal (Anexo 1) e forneceu informações importantes, no que tange aos múltiplos parâmetros referentes ao funcionamento da família e à configuração da dinâmica familiar.

5.3. No que tange ao instrumento aberto de família (anexo 2)

No Instrumento Aberto de Família, o conteúdo das respostas se mostrou bastante significativo. As questões abertas forneceram subsídios para uma abordagem sistêmica de temas, tais como: qualidade da vivência familiar, o lugar ocupado e os papéis desempenhados pelo pai e pela mãe, a distância interacional entre os membros da família, o significado dos rituais familiares, as maiores forças e fragilidades da família, tipos de emoção reprimidas no contexto familiar, entre outros.

Dada a magnitude e amplitude dessas informações, e considerando a necessidade de não perder o foco, decidi trabalhar com questões referentes à imagem da família, à imagem da mãe e do pai, já que estão mais diretamente associadas à proposta de compreensão do sofrimento destes adolescentes.

5.4 Instrumento de completamento de frases (anexo 3)

O Instrumento de Completamento de Frases representou uma importante via de acesso à realidade psíquica dos sujeitos entrevistados. O conteúdo das 18 frases na verdade está inter-relacionado, e durante esta análise preliminar foi agrupado e subdividido em grupos.

Após a análise do Instrumento de Completamento de Frases dos seis sujeitos escolhidos, gradativamente foram emergindo alguns indicadores significativos.

5.5 Considerações preliminares e etapas do processo

É importante ressaltar que os indicadores nunca determinam uma conclusão do pesquisador, pois estão relacionados a um momento hipotético no processo de produção da informação. Como podemos observar, o indicador é uma construção capaz de gerar um significado pela relação que o pesquisador estabelece entre um conjunto de elementos que, no contexto do foco deste estudo,

permitem corroborar uma hipótese que não guarda relação direta com o conteúdo explícito de nenhum dos elementos tomados em separado. Enfim, o indicador está sempre associado a um momento interpretativo e irredutível ao dado.

O processo de análise dos resultados e de construção das Zonas de Sentido considerou a seqüência de aplicação dos instrumentos. A análise dos indicadores de cada instrumento permitiu emergir as Zonas de Sentido. Após ter levantado indicadores para cada instrumento, pude ampliar o foco e encontrar indicadores mais amplos que me permitiram construir as Zonas de Sentido. A explicitação de todas as etapas do processo permitiu a realização de uma análise qualitativa de cada instrumento. Após a realização do diálogo entre os diversos indicadores dos diversos instrumentos, foi possível construir Zonas de Sentido através de um olhar integrador e não fragmentado.

Em consonância com a metodologia construtivo-interpretativa, na qual se insere minha pesquisa, a interpretação dos relatos, da técnica de completamento de frases foi realizada visando à construção de indicadores relevantes para constituição subjetiva dos sentidos associados ao sofrimento de filhos de alcoolistas. Depois de leitura flutuante e exaustiva dos relatos que sugeriam a presença de indicadores, agregou-se elementos oriundos de momentos informais da pesquisa e de minha experiência clínica.

Os indicadores permitem essa possibilidade de ter um processo ativo em constante movimento. Segundo González Rey (1999), o indicador se refere àqueles elementos que adquirem significação graças à interpretação do pesquisador e só tem valor dentro dos limites do processo. Eles representam um momento hipotético no processo de produção da informação, e se constroem a partir das informações que vão sendo geradas da inter-relação do pesquisador com os participantes da pesquisa. Ou seja, os indicadores são elementos subjetivos e objetivos que sinalizam a subjetividade dos participantes do estudo.

Os indicadores são elementos relacionados àquilo que mobiliza o sujeito acerca do tema estudado, sendo expressos sempre por via indireta e implícita. Assim, a interpretação é sempre realizada em relação ao objeto de estudo, e o indicador só tem sentido quando se refere ao processo de pesquisa, ainda que sua relevância não esteja clara num primeiro momento interpretativo. Tais

indicadores nascem do diálogo interpretativo, parecendo inicialmente uma especulação feita por parte do pesquisador. Contudo, para que não assuma este papel, o indicador deve ser reafirmado durante os vários momentos da pesquisa considerando todas as informações, incluindo as provenientes dos momentos informais.

As Zonas de Sentido delatam significados não explicitados nos relatos dos adolescentes. Aos poucos os sentidos latentes vão se tornando mais claros, consistentes, e passam a integrar um universo maior de significações. Inclusive, um único relato pode aparecer em diferentes contextos de análise, porque assume significações múltiplas no processo de construção de sentidos. Neste processo, tento elaborar sínteses provisórias a partir dos indicadores levantados e também me permito recorrer à memória e à vivência clínica.

O enfoque epistemológico adotado busca realizar crítica de uma larga tradição de estudos americanos que enfocam principalmente aspectos epidemiológicos e genéticos do alcoolismo. Os resultados destes estudos parecem corroborar esteriótipos rígidos preexistentes. Os filhos de alcoolistas são vistos, nestes estudos, como indivíduos-problema, mostrando-os sempre em desvantagem aos demais grupos de adolescentes em múltiplos quesitos. Certamente os resultados dos estudos acabam por corroborar e gerar subsídios para abordagens estigmatizantes destes sujeitos considerados de antemão como indivíduos-problema e deficitários.

Neste momento da pesquisa, a proposta é de aguçar o olhar, poder visualizar com sensibilidade cada elemento elucidativo da vida e do sofrimento dos adolescentes. Neste sentido, esta análise será realizada contemplando quatro eixos: filosófico, epistemológico, psicológico e social, sem pretensões generalistas.

Visando escapar aos reducionismos inerentes a um pensamento simplificador e maniqueísta, gostaria de enfatizar o carácter dialéctico e dinâmico inerente às vivências humanas. Minha tônica na primeira Zona de Sentido será a análise do sofrimento vivido por adolescentes filhos de alcoolistas, suas dimensões e nuances, sem perder de vista todo o carácter fértil e salutogênico desta vivência. O sofrimento, realidade inexorável da existência, não necessariamente traz efeitos patogênicos para o indivíduo sofredor. A compreensão empática dos diversos tipos e níveis de

sofrimento vivenciados pelos adolescentes constitui etapa necessária que viabiliza inclusive a elucidação de respostas resilientes por parte do próprio indivíduo e da sociedade.

Segundo Walsh (2005), ao longo de muitos anos, estudos citando (Ravazzola, 2005) revelam que indivíduos submetidos à pobreza, violência social e situações familiares caóticas (drogas, álcool e delinquência de pais ou irmãos) foram capazes de se recuperar e seguir adiante. Para Walsh (2005), o grande desafio atual é estudar as interações familiares, considerando os recursos a serem promovidos, nos quais ocorrem crises. Pensar, a partir do enfoque das resiliências, estimula pesquisas orientadas a assinalar como estes recursos podem aparecer nas relações.

Sabemos que a história humana não é apenas objetiva ou subjetiva, sofrida ou conduzida. Segundo Demo (2001), o homem não pode ser totalmente sujeito, nem deve ser totalmente objeto. “Como parte da natureza, está condicionado às estruturas da realidade. Mas, como consciência histórica pode conquistar espaço próprio e neste sentido, fazer história, pelo menos em parte” (Demo, 2001, p. 26).

A perspectiva, adotada nesta pesquisa, visa acreditar na possibilidade de que os adolescentes sejam construtores de sua própria história e não fiquem condicionados e aprisionados aos momentos de sofrimento vivenciados. Concordo com Demo (2001), quando ele afirma que as realidades são complexas e polarizadas, qual campo magnetizado, onde qualquer presença ou ausência provoca ação ou reação. Como medalha que sempre tem duas faces. Necessitam-se e afastam-se. Na história as faces sempre dialogam de forma dialéctica, no campo eletrificado do conflito intrínseco, no qual entendimento e desentendimento são partes integrantes da totalidade comunicativa. Desta maneira, o sofrimento representa apenas uma face da experiência humana, não impedindo outras vivências.

A solidão dos adolescentes está associada à falta de ressonâncias e de ecos neste espaço público tão desconectado, tão relativizado. O mundo não sabe, não fica sabendo. Por mais que gritemos, ninguém escuta. Pensar a dor e o sofrimento de adolescentes não representa, portanto, cair nas armadilhas do atual psicologismo, nem assumir uma visão pessimista. A visão pessimista seria aquela pautada pela falta de crença no potencial de saúde inerente à fase da adolescência e ao grande potencial de criação e de recriação inerente à vivência do próprio sofrimento.

Segundo Pondé (2007), a tentativa de higienizar o sofrimento é típica da aposta utilitária, sendo a questão primordial em que medida essa higiene não implica a própria dissolução do humano real. “Só a negação pura e simples da realidade justifica o não reconhecimento desse tormento: devido à ciência utilitarista da eficácia na vida, ser infeliz tornou-se prova de incompetência”. (Pondé, 2007, p. 41).

Neste sentido, acredito que a proposta de revelar gradativamente o potencial de saúde e de resiliência presente na vida dos adolescentes estudados, não pressupõe uma higienização do sofrimento vivido por filhos de alcoolistas. O reconhecimento deste sofrimento, no decorrer das diversas Zonas de Sentido, representa etapa fundamental no processo de compreensão da subjetividade de filhos de alcoolistas.

5.6 Observações preliminares do instrumento fechado de família (questionário de identificação pessoal):

Observa-se que, este instrumento fechado não permite aos sujeitos a livre expressão de vivências subjetivas. Nenhum perfil típico de famílias alcoólicas pode ser identificado, o que contraria a literatura estudada (Souza, 2005). Aliás, identificou-se uma pluralidade de configurações familiares. Na verdade, este instrumento não se mostrou satisfatório para o contexto de nosso estudo, já que não me permitiu compreender o sentido da pluralidade configuracional inerente às famílias dos adolescentes estudados.

Em relação ao sentido desta pluralidade de configurações familiares, é bom lembrar os tantos equívocos associados a mitos, referentes ao conceito de normalidade familiar. Estes mitos estão repletos de imagens normatizadas pela sociedade, tais quais: união familiar, amor conjugal, juventude, felicidade, riqueza, tradição, entre outros. Tudo que não é adequado, que foge e escapa ao ideal estético agride este mito de normalidade, o que certamente incluiria: famílias monoparentais, famílias pobres, famílias consideradas ilegítimas, famílias sintomáticas, famílias enlutadas, famílias de transgressores, famílias tristes, entre outras. Sem dúvida, o alcoolismo estaria facilmente associado a este grupo.

Segundo Walsh (2005), a visão de uma família chamada “normal” está em grande parte no olhar do observador, sendo filtrada por valores profissionais, experiência familiar pessoal e padrões culturais. Os mitos de família “normal” perpetuaram uma visão triste da maioria das famílias, e neste sentido precisam ser desconstruídos gradativamente.

Segundo Bowen (1974), um sistema familiar não é uma simples realidade bidimensional, ao contrário, é uma realidade tridimensional, na qual as relações familiares passadas manifestam-se no presente, a fim de desenvolver-se no futuro; o que não é facilmente perceptível através de instrumentos fechados e estanques.

Neste primeiro momento, uma análise preliminar do instrumento utilizado sugere a presença de três elementos mais evidentes: a visão negativa da figura paterna por parte dos adolescentes, a inexistência de um perfil familiar típico e o isolamento social do sistema familiar associado à falta de redes sociais de suporte. Lembrando que, segundo Sluzki (1997), a rede social pessoal pode ser definida como a soma de todas as relações que um indivíduo percebe como significativas ou define como diferenciadas da massa anônima da sociedade. O alcoolismo e outros processos de adoecimento constituem marcador importante de vicissitudes, de mudanças e do enfraquecimento na rede social. “O nicho social de relações pessoais no qual habitamos é parte crucial de nossa identidade, evolui conosco ao longo de nossa vida” (Sluzki, 1997, p. 67).

Uma visão superficial, estanque e descontextualizada, gerada por instrumentos fechados, não permite avanços, em termos de uma melhor problematização do sofrimento dos adolescentes. É preciso descer aos porões, captar aspectos não visíveis a olho nu. Este aspecto acaba por fortalecer minha escolha metodológica.

O interesse em buscar novas vias de problematização do sofrimento de adolescentes não se mostrou viável através de instrumentos fechados. Os resultados correm o risco de se apresentarem engessados, privados do enriquecimento oriundos de novas perspectivas, o que não gera a formulação de novos problemas ou perguntas.

Para ilustrar a pluralidade de perfil, passo a apresentar o caso de três famílias. A primeira família, a da Rose, segundo a descrição da adolescente era: “*uma família chata, mas com direito a alguns momentos de felicidade*”. O pai era visto como uma pessoa agressiva e perturbada. Segundo Rose, a família tinha problemas de comunicação, tinha poucos amigos, era desorganizada e caótica, apesar de possuir regras flexíveis e equilibradas.

A descrição que Rose faz de sua família traz em seu bojo uma reflexão ética, já que ela sente que sua família apesar de tudo é merecedora de momentos de felicidade. Seria justo ser mais feliz. É possível identificar, também, a presença do sentimento de esperança. A importância e o impacto dos momentos de felicidade para a família de Rose representa uma fortaleza desta família. Segundo Demo (2001), a felicidade é uma experiência absolutamente relativa, pois “o caráter agradável de qualquer experiência particular depende de sua relação com o contexto de outras experiências, reais ou imaginárias. É a natureza destas relações que faz a diferença entre vidas felizes e infelizes” (Demo, 2001, p. 107).

A segunda família era a do José Arthur. O aspecto que mais me chamou atenção, nesta família, foi o nível de violência intrafamiliar e a forma explícita e clara que José Arthur utilizou para expressar seu descontentamento com a própria família: “*É uma confusão muito grande, ninguém conversa só grita. Meu pai bate na minha mãe e ele vive na rua*”. José Arthur considera o pai uma pessoa agressiva e indiferente, e atribui o caos familiar à presença de um clima de grande competição entre todos. A família é descrita em termos de sua estrutura, como desorganizada e caótica, com poucos bons amigos, com problemas de comunicação, desunida e com regras confusas. É importante ressaltar a capacidade de José Arthur analisar criticamente o sistema familiar, de forma bem aberta, sem máscaras. Aliás, segundo Outeiral (2003), o adolescente, em linhas gerais, é portador de uma acuidade capaz de apreender as dificuldades da sociedade em geral e da microsociedade, que é a família em particular, que faz do adolescente um crítico agudo, mordaz, irônico, sutil e, por vezes, violento para o *establishment*. Esta capacidade do adolescente deve ser valorizada, pois é promotora de mudança e de crescimento. Neste sentido, deveríamos sempre permanecer adolescentes, vivos e inquietos.

A terceira família descrita foi a do Luciano. Este adolescente foi o único a descrever o pai como uma pessoa normal e a considerar sua família como um ambiente democrático e com diálogo. O adolescente identificou problemas, no que tange ao padrão comunicacional, mas por outro lado considerava a família isolada e sem amigos, com tendência à desagregação e ao isolamento.

Após apresentar a descrição de três famílias utilizando material referente ao instrumento fechado de família, ficou patente que o instrumento fechado não possibilitou uma compreensão da dinâmica destas famílias, já que as informações se mostraram descontextualizadas. O desafio inerente à pesquisa qualitativa é o de construir gradativamente um diálogo, em que instrumentos fechados muitas vezes não contribuem de forma significativa para a construção das idéias.

Entretanto, o instrumento nos permitiu fazer algumas reflexões, referentes ao processo de deformação da paternidade nestas famílias e ao grande isolamento presente nestes sistemas. Fica patente a força negativa oriunda do estigma social associado ao alcoolismo. A nossa sociedade mostra-se bastante ambivalente quanto ao uso do álcool, já que não explicita as regras adequadas de utilização do álcool, mostrando-se bastante alcoólica considerando-se a oferta e produção crescente de bebidas alcoólicas. Paradoxalmente, a embriaguez e o alcoolismo são fortemente rechaçados. Desta maneira, os alcoolistas e seus familiares constituem um grupo altamente estigmatizado e segregado socialmente. Ações que promovam um maior intercâmbio entre as famílias seriam fundamentais para a construção de redes sociais efetivas associadas a respostas mais resilientes.

5.7 Observações preliminares do instrumento aberto de família

A forma como os adolescentes descrevem suas famílias e sua relação com a figura paterna e materna parece representar eixo importante de análise para esta pesquisa, visto que representam fonte importante de significados e de vivências. As demais perguntas acabam por trazer um universo excessivamente amplo de reflexões, conteúdo que geraria uma dispersão do foco da pesquisa ou que poderiam ser abordadas através da aplicação do instrumento de completamento de frases.

A análise dos relatos dos sujeitos sugere a presença de mecanismos singulares de enfrentamento do sofrimento por parte de alguns adolescentes. A falta de individuação de ego e de diferenciação do adolescente diante do sistema familiar pode contribuir para uma grande identificação e introjeção maciça do sofrimento familiar que, passa a fazer parte constitutiva e da identidade do adolescente.

Para a Teoria Sistêmica, a identidade é uma construção prioritariamente familiar, em que a família é compreendida como a “matriz de identidade”, envolvendo o processo de separação e pertencimento ao longo do ciclo vital familiar e da história transgeracional (Bowen, 1974; Fishman, 1988; Penso & Sudbrack, 2004).

Segundo a literatura (Miermont, 1973; Penso & Sudbrack, 2004) as expansões de relações do adolescente e os questionamentos inerentes à fase, acabam por gerar uma crise familiar, onde todos os membros são afetados. O processo de separação e de pertencimento, fundamental para a construção identitária, no qual a família está engajada desde a sua constituição estaria associada a esta crise.

Segundo Andolfi (1984), em uma relação dual, exclusiva, não é possível ocorrer diferenciação se nenhuma das duas partes envolvidas é capaz de estabelecer uma relação com a terceira parte.

“Podemos admitir que, para atingir a diferenciação, para encontrar o espaço pessoal, a própria identidade, cada pessoa crescerá e se definirá através de trocas com outras pessoas. Essa identidade pode ser enriquecida até o grau em que o indivíduo tenta e aprende novas formas de relação que lhe permitam variar as funções que ele exerce dentro dos subsistemas sem perder sua própria continuidade mesmo em momentos de evolução com diferentes protagonistas”. (Andolfi, 1984,p. 19).

O fato de três sujeitos projetarem este sofrimento no contexto familiar ou incorporarem este sofrimento em sua própria identidade parece por um lado ajudar os adolescentes a lidarem melhor com a realidade, é uma forma de explicação para as dificuldades encontradas. Por outro lado, o processo de separação e de individuação da família fica comprometido.

A visão da família apresentada pelos sujeitos mostrou-se autêntica, não tão mascarada pela negação, não parecendo estar contaminada por uma máscara social clássica mais característica da

adulterez e/ou da classe média. As regras familiares parecem confusas, as condições sociais não são propícias e a falta de perspectivas profissionais representa grandes dificuldades a serem superadas pelos adolescentes.

Parece triste não poder contar com uma família estruturada e alegre, parece implícita uma queixa, um lamento. Tudo isto representa grande desafio existencial para os adolescentes: até que ponto e como poder enfrentar este sofrimento, já que o diálogo familiar parece ser escasso e problemático. Tudo isto representa também um grande desafio profissional já que este lamento, esta queixa precisam ser compreendidos e atendidos.

A compreensão destas queixas implica uma compreensão mais ampla de todo o processo. Apresentei as etapas deste processo, descrevendo minhas observações preliminares e possíveis para os Instrumentos (Anexo 1 e Anexo 2). A inclusão da análise do Instrumento de Completamento de Frases (Anexo 3) possibilitou finalmente a construção de três Zonas de Sentido. A análise do Instrumento de Completamento de Frases será realizada durante a apresentação de cada Zona de Sentido.

Como numa malha semântica, emergiram gradativamente três grandes zonas de sentido, através do diálogo entre vários indicadores, pois apenas um indicador não tem valor como elemento isolado, mas como parte de um processo em que funciona a estreita inter-relação com outros indicadores. As Zonas de Sentido foram denominadas de: Buscando Compreender o Sentido do Sofrer; Investimento no Eu Pessoal: A Configuração da Subjetividade de Adolescentes Filhos de Alcoolistas e A Gênese Familiar do Sofrimento de Adolescentes.

5.8 Primeira zona de sentido:

Buscando compreender o sentido do sofrer

Nesta Zona de Sentido, pretendo explicitar o sentido singular que o sofrimento assume para cada sujeito, na tentativa de valorizar as estratégias singulares de significação da vida e as formas de enfrentamento das vivências emocionais e do próprio sofrimento. Até que ponto o sofrimento para esses adolescentes funciona como uma grande desvantagem ou elemento depreciador, ou pode se tornar um elemento visto pelo grupo como um valor que compõe a própria identidade.

González Rey (2005) relata a grande influência que o sofrimento e a dor podem assumir na vida das pessoas. Após realizar uma pesquisa com cubanos, buscando compreender a influência dos preconceitos raciais e étnicos nas relações humanas, acabou percebendo que a experiência do sofrimento constituía um valor para o grupo estudado mais importante do que a cor e a etnia no processo de avaliação dos outros.

“A aparição do sofrimento e da dor como elementos significativos nas relações dos cubanos e em suas avaliações dos outros transformou-se em um aspecto central dos padrões de aproximação e de contato social, muito mais que a cor, a etnia ou qualquer outro aspecto” (González Rey, 2005, p. 68).

A literatura confirma o intenso sofrimento psíquico de filhos de alcoolistas e o traduz ou o reduz em seqüelas e sintomas, tais como: baixa auto-estima, falta de confiança em si mesmo, problemas escolares, gravidez precoce, delinqüência, toxicomanias, entre outros. A grande maioria trata-os de forma separada e segregada, sendo visivelmente contaminados pela força do modelo médico, que enfatiza diagnósticos e os processos de saúde e doença e impede que a vivência da dor constitua um valor agregador para as pessoas e eliciador de posturas humanistas.

Muitos filhos de alcoolistas certamente não seguem o destino do pai, e muitos alcoolistas não têm pais alcoolistas, o que significa que uma série de fatores psicológicos e sociais concorrem para o aparecimento do alcoolismo. Até que ponto as estratégias singulares de enfrentamento do

sofrimento são determinantes para o delineamento do destino desses adolescentes? Quais significados eles atribuem ao alcoolismo paterno e até que ponto estes significados estão associados a sofrimento? O que traz sofrimento para a vida deles? São algumas questões que irão permear a construção desta Zona de Sentido.

5.8.1 Sofrimento existencial

A construção da primeira Zona de Sentido foi inspirada em algumas frases específicas de alguns adolescentes como, por exemplo, a da Ana Marta: *“As discussões me incomodavam muito. Sentia muita vergonha, todos percebiam. Meu pai sempre dava um jeito de estragar os eventos em família. Uma emoção raramente expressa em minha família era a alegria. Lazer e livre-arbítrio sempre foram muito pouco em minha família. Acho minha família muito sofrida, pouca oportunidade, muito castigada”*.

Ana Marta revela claramente o sofrimento associado ao alcoolismo paterno e a maneira como isto acaba afetando vários aspectos da sua vida pessoal e das relações familiares: *“Eu era expansiva, despreocupada, passei a me fechar, não consigo relaxar. Como eu sempre tinha vergonha, esta vergonha fez com que eu me fechasse. Eu me tornei muito retraída”*. O alcoolismo paterno representou um segredo para ela, o que gerou um mutismo e um fechamento nas suas relações interpessoais.

Segundo Walsh (2005), quando os membros da família tendem proteger um ao outro de informações dolorosas ou ameaçadoras por meio do silêncio, do segredo ou da distorção, esse bloqueio de comunicação cria barreiras para o entendimento, a tomada de decisão informada e a relação autêntica. Neste sentido, Ana Marta parece se ressentir da falta de um maior compartilhamento empático de informações dentro do sistema familiar e no sistema social se fechando e se retraindo. Fica patente a importância e necessidade da criação de contextos propícios e de uma rede social adequada para a concretização de comunicação plena.

Observei que as respostas singulares dos adolescentes alimentaram-se de novos conteúdos na produção do conhecimento, não em uma relação de identidade, mas de congruência, isto é, segundo González Rey (2005), tais respostas abrem caminhos de construção do problema que se legitimam não porque aparecem elementos idênticos a elas, mas porque aparecem novos elementos que são congruentes com a hipótese em desenvolvimento que propomos a partir delas. Os sujeitos pesquisados relataram de forma direta e indireta a presença de um sofrimento que se evidenciava em vários setores da vida relacionados ao alcoolismo paterno, aliado a sentimento de esperança e uma perspectiva de mudança, marcada pelo foco no futuro.

A dimensão social e cultural gera constantes negociações de significados sobre o alcoolismo, o que influi nas configurações de sentido acerca do sofrimento para estes adolescentes. Os filhos de alcoolistas pesquisados sofrem e não negam esta vivência, mas por outro lado apresentam muita dificuldade em assumir tal sofrimento perante seus pares e de dar um significado ao alcoolismo. Paradoxalmente a vivência do sofrimento mobiliza caminhos e rotas bastante resilientes na vida destes adolescentes, se entendermos resiliência como a capacidade de se renascer da adversidade fortalecido e com mais recursos, segundo Walsh (2005). Aliás, a palavra resiliência vem da física (resílio: voltar ao estado original, recuperar a forma original), se refere à capacidade dos materiais de voltar à sua forma, quando são forçados a se deformar. O estudo da energia investida na deformação sem ruptura aprofundou-se em relação aos metais e às conseqüências dos choques entre objetos, segundo Ravazzola (2005).

O adolescente necessita de múltiplas fontes de apoio, sistema social e familiar, para atualizar seu potencial de saúde. Segundo Walsh (2005), estudos com crianças desfavorecidas demonstraram a influência positiva de um relacionamento íntimo e protetor com um adulto que, acredite nelas e com quem elas possam se identificar, que as defendam e de quem possam obter força para superar as dificuldades.

A visão que os adolescentes estudados desenvolvem em relação ao alcoolismo mostrou-se muito rica e plural, já que cada indivíduo busca construir sua visão do mundo através de estratégias próprias e olhares diferenciados. Bauer (1982) reflete sobre a grande influência dos modelos leigos,

isto é, as diversas maneiras como os olhares diante do alcoolismo interferem nas atitudes comuns para com os alcoolistas, na sociedade contemporânea. Bauer (1982) classifica quatro tipos de modelos considerados leigos: o modelo depreciativo, o modelo moral “seco”, o moral “molhado” e o modelo oriundo dos Alcoólicos Anônimos. Pude identificar conceitos de alcoolismo onde a visão leiga permeada pelas noções de saúde e doença estava bem presente, como nos relatos de Rose e Ana Marta sobre o alcoolismo: “*A bebida prejudica a saúde...*”, Rose. “*Para mim, a pessoa que bebe todo dia pinga ou outro tipo de bebida forte. Acho que cerveja não causa alcoolismo*”, Ana Marta.

O modelo depreciativo, segundo Bauer (1982), encara o alcoolista como simplesmente um bêbado, às vezes repulsivo, às vezes engraçado, mas sempre irresponsável. As pessoas de bem não querem nada com ele. Desta forma o alcoolismo é encarado como fonte de fracasso social, onde a influência do ambiente e dos amigos passa a ser determinante: “*O homem que bebe é um fracassado*”, Rose; “*Alcoolismo é o consumo excessivo de bebidas por influência de amigos e curiosidade*”, Ronaldo. Este estigma gera um grande segredo social, posto que o adolescente sente muita vergonha do pai: “*Eu acho que não contei a ninguém sobre o alcoolismo de meu pai até uma época na escola, e mesmo então foi para as pessoas que eu tinha certeza que nunca o encontrariam*”, Ana Marta.

É importante ressaltar que a grande via de superação deste estigma passa pelo diálogo crítico, pela construção de informação, pelo vínculo efetivo com adolescentes, através de um enfoque na saúde e na mudança baseado em múltiplas redes envolvendo múltiplos sistemas e cenários: sistema familiar, educação e saúde. Ravazzola (2005) enfatiza que os traços positivos de alguns indivíduos são favorecidos por algumas interações e dificultados por outras e que, portanto, é possível contribuir para construir as resiliências, segundo concepções sistêmico-ecológicas, evolutivas e contextuais, a partir dos diferentes grupos sociais e instituições da comunidade.

A superação da visão leiga diante da realidade do alcoolismo implica na possível superação do sofrimento e na construção de um olhar crítico que denuncie aspectos políticos e econômicos extremamente importantes, quando pensamos no lugar que a droga e o álcool ocupam na sociedade

contemporânea: *“Alcoolismo é a dependência a um mal que é necessário, necessário, pois o álcool dá emprego a muita gente, por isto talvez o governo goste do alcoolismo”*, Luciano.

Segundo Walsh (2005), os sistemas de crenças estão no cerne de todo funcionamento familiar e são forças poderosas na resiliência. Os sistemas de crenças abrangem amplamente valores, convicções, atitudes, tendências e suposições, que se misturam para formar um conjunto de premissas básicas que desencadeiam reações emocionais, informam decisões e guiam ações. O preconceito social acaba fortalecido por visões altamente depreciativas e moralistas do alcoolista. Este preconceito encontra atores nos mais diferentes lugares, dificultando as mudanças. Quando a família consegue transformar seu sistema de crenças, o adolescente pode enxergar o pai livre da carga dos estereótipos sociais associados ao alcoolista, o que é fundamental para a valorização do pai no sistema familiar. A compreensão crítica que Luciano adquiriu do alcoolismo promove uma vivência mais saudável e protetora de sua relação com seu pai, o que é fundamental para seu desenvolvimento.

O sofrimento afeta claramente o significado da existência para esses garotos e garotas transformando vivências, sentimentos, emoções e tipos de papel adotados na forma de comunicar esses problemas e o próprio sentido da existência. O impacto construtivo ou destrutivo do sofrimento para o adolescente vai depender do sistema de crenças, da subjetividade do adolescente, do sistema familiar, entre outros fatores. O processo de fortalecimento da resiliência familiar fundamental para o desenvolvimento pleno destes adolescentes representa um desafio teórico e clínico.

O colorido emocional passa a ser marcado pelo medo, pela angústia e pelo silêncio; como é fácil observar, nos seguintes relatos: *“Eu não espero mais nada de grave na minha vida, o que vier eu encaro, não temo mais nada a não ser meu próprio pai”*, Ronaldo; *“... Sofro porque meu pai é alcoólatra”*, Ana Marta; *“... Meu maior problema é ver meu pai bêbado”*, Rose; *“Quando fico pensando em me matar e não tenho coragem”*, José Arthur; *“... que os meus pais briguem e meu pai encha a cara de bebida”*, José Arthur; *“... Odeio que alguém fale mal de minha família”*, Ana Marta; *“... Odeio quando meu pai tem alucinação”*, Ronaldo

De forma sintética, poderíamos dizer que o sofrimento existencial estaria relacionado aos seguintes elementos: à vergonha do pai, ao medo do pai, à raiva do próprio alcoolismo, ao medo do fracasso entre os meninos, ao medo da solidão entre as meninas e ao medo do futuro e da própria existência. Alguns relatos são bem elucidativos de todos estes tópicos: “*Sinto falta do carinho de pai*”, Ronaldo; “*Meus maiores temores é meu pai quando bebe*” Ana Marta; “*Eu me sinto distante de meu pai* Ana Marta; “*Meu pai nunca disse que amava a gente. Eu nunca vi esta palavra de meu pai*”, Rose; “*As coisas que não gosto, quando meu pai bebe*”, Rose.

Em todas estas falas percebem-se sentimentos negativos associados a ressentimento, a mágoas e carências, e a figura paterna atua como elemento fundamental eliciador destas emoções. Percebe-se que o sofrimento não é inócuo, ele gera dor e insegurança. Esses adolescentes parecem não ter recursos para construir novos significados a partir dessa vivência. Neste sentido, ele não funciona como um valor positivo e agregador para esse grupo de adolescentes. Sabemos que coisas desagradáveis atingem a todos, e todos estes sentimentos negativos descritos e relatados pelos sujeitos do estudo fazem parte inevitável de nosso cotidiano social. A mobilização de recursos sistêmicos que possam ajudar o adolescente a digerir toda esta carga de sentimentos, sem que isto abale de forma trágica sua auto-estima e sua perspectiva de futuro, representa uma necessidade

Laurinda, adolescente com 15 anos de idade, nos contou com muita clareza trechos emblemáticos de sua história de vida sofrida, em uma sessão de grupo com meninas realizada no PISAS. Apesar de não ser sujeito da pesquisa, esta adolescente representa um caso de exemplaridade, na medida em que Laurinda se expressava de forma muito clara e lúcida funcionando como uma porta-voz do grupo.

“Quando ele chegava bêbado em casa, até as nossas respirações ficavam suspensas, à espera do que viria. E essa espera podia durar horas, enquanto tentávamos nos distrair assistindo televisão ou brincando no quintal. Algumas horas podem durar mais do que uma vida inteira”. Em função de histórias como estas, fica patente o impacto das cenas associadas ao alcoolismo e à embriaguez. Este relato singular foi capaz de revelar o impacto de tais experiências não só para

Laurinda, mas para o grupo estudado. Parece que essas imagens ficam registradas de forma indelével na mente, podendo afetar o futuro desenvolvimento emocional desses adolescentes.”

Laurinda denuncia o peso do segredo, de não poder falar sobre estas emoções nem sequer com os próprios irmãos. O impacto negativo do segredo origina-se da impossibilidade para o adolescente de vivenciar e experimentar uma comunicação saudável, autêntica e espontânea que, segundo González Rey (2004), é um requisito essencial para a saúde humana.

“As dificuldades na comunicação, a incapacidade de expressar o que se sente e o fato de confundir o que o outro sente produzem um conjunto de problemas concretos para os relacionamentos, tornando-se fonte permanente de tensão psicológica para os que neles estão envolvidos. Entre os efeitos de uma má comunicação, estão a tendência para distorcer manifestações parciais do outro, dando-lhes um valor universal, a tendência a relacionar tudo que é novo a estereótipos já criados etc., o que impossibilita mudar o sentido qualitativo do relacionamento” (González Rey, 2004, p. 21).

Sem dúvida, muitos adolescentes apresentam dificuldades de expressar diretamente seus sofrimentos, daí a grande importância da presença de vínculos com adultos que o ajudem a expressar e lidar com as diversas fontes de sofrimento. O relato de Ana Marta, ao completar a frase iniciada com a palavra sofrimento, é bastante emblemático sobre o silêncio e isolamento do adolescente diante do sofrimento: *“sofro calada, não gosto de falar com ninguém”*. É importante assinalar, que qualquer intervenção terapêutica com adolescentes deve buscar romper com este mutismo e incentivar a comunicação plena, no sentido, de superação de sentimentos de solidão e de medo. A expressão livre de idéias, de sentimentos é a única via de superação de conflitos associados à vergonha.

Os conflitos familiares e o alcoolismo paterno representam grande fonte de sofrimento, como ficou claro nos relatos: *“sofro com brigas familiares. Eu acho que havia pessoas no mundo com problemas sérios e os meus não eram sérios”*, Ronaldo; *“sofro quando vejo minha família brigando, minha vida é concentrada no meu pai”*, Rose.

Parece que quando pensamos em sofrimento, os adolescentes estudados ficaram mais próximos e homogêneos, enquanto grupo, e adquiriram um discurso mais parecido, já que quase

todos citaram situações de cunho pessoal, tais como a violência, o alcoolismo e família, como grandes fontes de sofrimento.

Schopenhauer (2006) aborda outra questão bastante relevante para as relações humanas, que é o sentimento de culpa e como ele pode ser fonte de sofrimento e representar elemento deformador da existência. Em sua visão pessimista do homem, afirma que “... cada homem, como um ser, só existe em decorrência de sua culpabilidade, e cuja existência é a expiação do pecado de seu nascimento” (Schopenhauer, 2006, p. 125). O potencial patogênico dos sentimentos de culpa e vergonha parece ser uma realidade. Sem dúvida, este isolamento se aprofundava, na medida em que a falta de contato íntimo com outras pessoas e a impossibilidade de falar sobre tal tema criam grandes dificuldades para a construção de novos relacionamentos.

Os segredos se infiltram na própria história e na própria subjetividade de uma forma rígida e pejorativa. O alcoolismo representa um grande segredo, já que a sociedade de forma ambígua estimula e se mostra bastante permissiva quanto ao uso de álcool, mas paradoxalmente condena a um grande estigmatismo o alcoolista e seus familiares: “*O maior problema era o preconceito*”, José Arthur.

Se a visão de mundo construída no contexto familiar for muito contaminada pelo sofrimento, pelo preconceito social, ela vai se tornando muito negativa e densa. Ana Marta relata como sua mãe acabou influenciando muito o seu contato com o mundo: “*A má influência está nos outros. O perigo estava no mundo. Minha mãe era muito desconfiada*”. Esta desconfiança acaba criando padrões estereotipados de contato, criando defesas rígidas, que aumentam o isolamento, o muro existente entre a família e o mundo, como revela claramente a fala do José Arthur. “*Eu sabia que quando descesse do ônibus escolar era como se fosse de um mundo para outro*”. Estes relatos deixam claro os sofrimentos, impedimentos e barreiras na construção de relações saudáveis, existentes na vida desses adolescentes, em decorrência de experiências familiares muito singulares e do preconceito.

Se, conforme afirma Ribeiro (1998), a existência precede a essência “... é óbvio que a relação é a primeira coisa: é anterior ao “eu”, ao “tu” e ao “isso”, como tanto acentuou Martin Bubber” (Ribeiro, 1998, p. 33).

Walter Riberto (1998), com um enfoque bastante influenciado pelo existencialismo, denuncia o grande peso e risco das deformações geradas por um clima instável reinante de insegurança e desproteção, onde são gerados os primeiros hábitos e preconceitos, os primeiros papéis, as primeiras crenças a respeito de quem somos, de quem o outro é e do que é este mundo onde estamos.

Uma grande fonte de sofrimento, presente na vida desses adolescentes, poderia ser considerada a falta de morada, a falta de referências, a falta de um lugar no mundo que os abrigue e lhes dê segurança, de um lar. O adolescente José Arthur fala claramente: “*Não gosto da minha casa*”. É difícil conviver com a falta deste lugar, desta casa. É a casa boa e aconchegante que permite um momento de quietude, de renovação, de encontros, de troca de afetos. Luiz Cláudio Figueredo (1995) reflete de forma elucidativa acerca deste sentimento atual relacionado à falta de morada, que ele denominou de falta de um Ethos, numa sociedade onde a ética neoliberal sacrifica ainda mais os já fragilizados. “*Não dá para amar nada, hoje está difícil, amar é abrir mão de um tanto de coisas*”, José Arthur.

Ribeiro (1998) afirma que o ser humano, dentro dos contextos atuais, tem de ser defensivo e desconfiado porque percebe com maior ou menor clareza que precisa se proteger.

“O conhecido lhe dá alguma confiança, aparente paradoxo: quanto pior o seu contexto, mais apegado a ele por ter menos confiança em si para experimentar o diferente; o contexto não lhe permitiu desenvolver a autoconfiança e a auto-estima indispensáveis para isso” (Ribeiro, 1998, p. 41).

Urge buscarmos promover uma mudança de olhar que realmente possibilite aos adolescentes lidarem de forma diferente com o alcoolismo e com esta realidade que inclui o preconceito e o sofrimento. É necessário construir uma morada, um sentido, um Ethos, como afirma Figueredo (1995). Uma demanda de liberdade e de sentido fica clara na fala de José Arthur: “*Necessito do mundo e de ser livre*”.

A ânsia de liberdade e de conhecer o mundo representa uma necessidade de romper com um ciclo de situações negativas que impedem o seu desenvolvimento pessoal. É importante assinalar que necessitamos do mundo para sermos livres e necessitamos sermos autênticos e livres para irmos de encontro do mundo. Se tivermos medo desse encontro não escapamos de nossas próprias armadilhas. Só nos conhecemos através do mundo, mas é preciso estar aberto. Este encontro necessita ter qualidade. José Arthur consegue realizar uma reflexão saudável expressando sua necessidade existencial de leveza e de liberdade, inerente à sua busca de identidade.

O existencialismo consegue conotar o sofrimento de uma forma não pejorativa e o encara como elemento fundamental da existência humana. A perspectiva existencialista afirma que o sofrimento faz parte da existência na medida em que constantemente temos de fazer escolhas, lidar de forma responsável com elas e com as perdas inevitáveis acumuladas ao longo da vida. Em um eterno devir existencial, somos autores desse processo e fica sempre a possibilidade e a esperança de mudanças.

Nietzsche (1888/1986) nos mostrou como são ingênuos aqueles que acreditam que nossa consciência, nossos discursos e nossa sociedade normalmente se pautam de acordo com a verdade e a justiça, afirmando que ser livre, ser eu mesmo, viver na verdade é algo que precisa ser conquistado, porque normalmente vivemos atolados no anonimato e na não-verdade; o homem não é livre, ele deve conquistar sua liberdade; não é ser, mas poder ser e por isso tem de labutar para dar-se seu próprio ser que será sempre provisório poder-ser.

O homem é concebido fenomenologicamente por E. Husserl (1913/1986) como um ser-no-mundo. O devir existencial traz sempre o inesperado, e não podemos petrificá-lo através de teorias ou métodos esterilizantes, principalmente quando lidamos com adolescentes. O processo é mais importante que o resultado, as questões são mais importantes que as respostas simplistas.

Kierkegaard (1840/2003) elucida em seu livro “O Desespero” a intensidade do sofrimento humano. Desmistifica o drama humano quando relata a agonia infinda do moribundo. Seria o sofrimento extremo não conseguir morrer, apesar de estar consciente de uma morte eminente. Todos nós somos moribundos existenciais se considerarmos a morte não como um fato, mas como

uma metáfora. Tentamos morrer e nos livrar de algumas imagens, ou problemas que jamais nos deixam, grudam eternamente em nossa existência. Kierkegaard (2003) associa sofrimento a crescimento. O ser humano, para este autor, estaria ocupando um patamar superior ao dos animais irracionais que não teriam esta mesma aptidão para sofrer.

Neste sentido, é interessante observar o como alguns adolescentes tentam buscar saídas para o sofrimento existencial, através de novas escolhas, e neste sentido estão efetivamente tornando-se outros, desenvolvendo plenamente seu processo existencial. Se existem percalços, isto não importa. É inconcebível acreditar que os percalços são negativos e patogênicos. O enfoque patologizante de filhos de alcoolistas não considera estes percalços, como marcas singulares inerentes à vida de cada adolescente. Estas vicissitudes são constituintes da subjetividade de cada indivíduo. Estudos biomédicos tentam comparar, medir e mensurar o que não pode ser medido, nem comparado. Tal enfoque enxerga filhos de alcoolistas como deficitários, fica a questão: deficitários de quem, para que, e por que? É o que revela a fala da Ana Marta: *“Eu era sempre querida, sempre brincando e tinha muitos amigos. Aquela que apaziguava, conciliava”*. E na fala de Vivian: *“Em minha família, eu era aquela que transmitia alegria, paz e amor”*. Outras escolhas são possíveis apesar do sofrimento é o que afirma a Rose: *“Eu aprendi com minha mãe que apesar de todo o sofrimento, ela é feliz”*.

5.8.2 O que está por vir? O adolescente e o medo do futuro

O adolescente é um ser que aponta para o futuro. O medo do futuro identificado no grupo de adolescentes estudados seria um grande paradoxo, já que o futuro representa para eles um grande convite ao sonho, à esperança, ao crescimento e à mudança. O futuro poderia representar a grande saída do sofrimento atual. O futuro pode estar muito distante e por isso alguns adolescentes se apegam ao instante vivido, como nos revela a fala hedonista de José Arthur: *“As coisas que me agradam é sair para curtir a vida e viver cada momento como se fosse o último”*.

O desafio de visualizar um futuro diferente e positivo faz muitos adolescentes retardarem ainda mais o processo de amadurecimento e tomada de decisões. As noções conceituais de presente,

passado e futuro se elaboram durante a adolescência e se estruturam no final deste período, segundo Outeiral (2003).

“ O adolescente é imediatista por angústia de distemporalidade ou atemporalidade, por temor de perder sua infância (passado) e, mais ainda, por temor do futuro. Quer algo agora ou nunca, ou se perde numa espécie de nirvânica negação da passagem do tempo, na qual sempre há tempo para tudo” (Outeiral, 2003, p.25).

No caso de filhos de alcoolistas, a vivência do tempo não é diferente, entretanto o futuro parece ainda mais difícil se focalizarmos a marca da desesperança vivenciada e propagada pelo próprio alcoolista, mas o presente é sedutor, como para qualquer outro adolescente.

Alonso Fernandez (1991) cita a desesperança como traço marcante na personalidade de alcoolistas. Ela se fundaria nos fantasmas de insucessos anteriores e no temor de novas frustrações no presente, fazendo com que o indivíduo sinta que seus projetos de realização pessoal estão condenados antecipadamente ao fracasso, pelo fato de seu passado resguardar muito mais decepções e desenganos do que conquistas. Predomina um estado de tédio e indiferença no qual espera-se nada da vida. Esta indiferença ocorre pela ausência de tolerância às frustrações, remetendo o sujeito ao mecanismo de repressão como forma de defesa por não suportar as tensões emocionais produzidas pela pressão das próprias necessidades individuais.

Observa-se que a visão de futuro dos adolescentes estudados é fortemente influenciada pelas vivências familiares e pela mídia. O senso comum dita noções de felicidade e realização que o indivíduo absorve de maneira passiva, alienada e alienante. Apesar dessa falta de apropriação da própria vida e da excessiva determinação dos fatores externos na visão de futuro dos sujeitos estudados, é importante ressaltar que todos acreditam no futuro e conseguem visualizar fatos e acontecimentos positivos capazes de gerar felicidade.

Os relatos associados à palavra futuro podem até parecer excessivamente românticos, mas é fundamental para o adolescente acreditar na busca de superação de um presente difícil através da materialização de sonhos: “*No futuro minha maior ambição é ser reconhecido no mundo do hip hop*”, Luciano; “*Minha maior ambição é me formar na faculdade e morar sozinha no meu próprio*

apartamento”, Ana Marta; “*Minha maior ambição é ser um jogador de futebol*”, Ronaldo; “*Minha maior ambição é dar de presente uma mansão para os meus pais*”, Vivian.

A mensagem que esses adolescentes passam é a de que existe a possibilidade de construção de futuros diferentes e renovados. Existe a crença, a necessidade e a possibilidade de novas vivências. Nesta perspectiva não existiria uma predestinação ou fechamento de possibilidades, fato que só acontece por meio do agravamento de patologias ou por meio de um olhar que patologiza e cria profecias.

Segundo Nascimento (2003), o alcoolista vive estagnado no presente anônimo de forma passiva sem dispor de perspectivas planificadoras que o direcionem ao futuro, a um sonho de prosperidade, sujeitando-se à neutralidade e se aprisionando ao estado de desesperança –desengano puro que, em alguns casos, pode até culminar em atos suicidas. O desafio maior para os adolescentes estudados é poder vivenciar o presente e o futuro de uma maneira diferente da forma que o pai vivencia.

A relação dos adolescentes estudados com o futuro representa uma esperança de escapar do sofrimento atual. Eles expressam grande anseio de mudança e de libertação, seja da pobreza, seja do caos familiar. A vida adulta é visualizada como um porto seguro associado a emprego e casamento, como podemos perceber nas seguintes frases de Ronaldo: “*Casamento é para sempre*”; Ambição: “*jogador de futebol*”.

O valor da adolescência e a relevância do estudo da adolescência estão justamente em significar esta o grande recomeço e a ponte para o futuro. Abordar a adolescência é alimentar esperanças de transformação.

Mary Beth Ribeaux (1997) analisa exaustivamente a metodologia de pesquisa com filhos de alcoolistas, afirmando que nos últimos 20 anos muito tem sido produzido em áreas científicas, clínicas e em revistas populares. Segundo esta autora, uma das tendências mais importantes em termos de pesquisa focaliza a adolescência de filhos de alcoolistas, já que representa período de grandes mudanças biológicas, psicológicas e sociais, considerando-se que as escolhas existenciais dos jovens podem influenciar muito suas vidas no futuro.

Para alguns adolescentes, o fracasso funciona como uma grande sombra gerando grandes sentimentos de medos e ansiedade em relação ao futuro. O alcoolismo do pai é visto como uma forma de incompetência e de fracasso, e a tolerância da mãe é vista como um convite à resignação e ao estoicismo, como nos diz José Arthur: *“Minha mãe me ensinou que devo ser resignado”*. Ou na fala de Ronaldo: *“Minha mãe era tão sacrificada e sofrida. Não sentíamos o direito de pensar diferente. Vinha um grande sentimento de culpa”*.

Os sentimentos de fracasso são muito destrutivos, pois criam uma auto-imagem negativa e muitas vezes um verdadeiro sentimento de desamparo. O alcoolismo paterno pode representar uma fonte de ansiedade e por isto mesmo estar associado ao risco de fracasso e de falta de realização: *“Talvez eu seja o fracasso de minha vida”*, Viviane; *“Fracasso é não ser ninguém na vida”*, José Arthur.

Luciano nos lembra que *“fracasso é a desistência de um sonho e não a falta de sucesso”*. O que retrata uma visão mais positiva e humanista, onde ninguém é obrigado a ter sucesso sempre, mas, por outro lado, não devemos abrir mão da própria subjetividade e dos próprios planos e sonhos.

A liberdade diante das escolhas existenciais sempre pode ser considerada circunstancial, delimitada pelo tempo e pelo espaço; jamais absoluta, como afirma Sartre (1983). A perda da sensação de liberdade representa evento impactante, onde o sujeito parece perder definitivamente a crença na iniciativa de buscar e construir o sentido de sua própria existência, o que estaria associado à angústia e ao medo do fracasso. No fracasso, o indivíduo não vivencia a sensação de liberdade diante da existência, não se sente capaz de enfrentá-la, ficando aprisionado em uma grande sensação de perda. Fracasso: *“Quando tentei parar de ter medo de morrer”*, José Arthur; *“O homem que bebe é um fracassado”*, Ronaldo; *“Por não conseguir tirar meu pai dessa doença”*, Ana Marta; *“Aqueles que não acreditam em Deus”*, Rose; *“É a desistência de um sonho, fracasso não existe”*, Luciano.

No relato de todos esses adolescentes, excetuando-se o de Luciano, pode-se detectar a dificuldade de proferir um sentido pessoal e singular à vida. O fracasso aparece como uma sombra

que ameaça e está próximo. O alcoolismo paterno pode ser compreendido como um grande fracasso. O pai fracassa em sua inserção no mundo e o filho fracassa por não conseguir ajudar e compreender tal problema. A visão de mundo de Luciano se mostra bastante diferente das demais, como já havia dito.

É fundamental afirmar que as características de alguns adolescentes associadas ao medo do fracasso não são inatas. Seligman (1990, citado por Ravazzola 2005) descreve o processo de aprendizagem do otimismo, partindo de seus próprios estudos anteriores sobre a aprendizagem do pessimismo ou da impotência. Seligman, demonstra que é possível condicionar as pessoas para que confiem em sua própria experiência acumulada de domínio e controle. Afirmação que pode ser criticável, se considerarmos nosso referencial sistêmico.

A presença de uma vulnerabilidade genética, social e psicológica não é determinante. O alcoolismo paterno pode também ser um legado, uma força e uma forte influência nas relações. O significado do legado vai depender do sistema de relações, aonde os adolescentes estão inseridos. Para os meninos, que assistem ao espetáculo do alcoolismo paterno, é intrigante perceber que o pai adquire uma certa força e virilidade quanto embriagado, já que pode ameaçar, violentar e mandar na mãe submissa, passiva e tolerante. Neste sentido, o legado do alcoolismo pode ser interrompido ou transmitido transgeracionalmente e o fator gênero pode permear este processo de transmissão. A pressão para se tornar um indivíduo provedor, sobretudo nos meninos, pode intensificar sentimentos de medo associados à sombra do fracasso. A fala de um adolescente extraída de uma sessão de terapia de grupo no PISAS nos ajuda a compreender a densidade destas sombras: *“Se eu não parar de beber serei um inválido”*, Alexandre.

5.8.3 O sofrimento diante do medo do próprio pai e da violência

Estudos sobre violência familiar retratam altas taxas de consumo de álcool e drogas, sendo que os filhos geralmente são as testemunhas da violência entre o casal e a família e, por vezes, alvos de abusos físicos e sexuais. Essa população também está mais frequentemente envolvida com a polícia e com problemas legais, quando comparada com filhos que não têm pais dependentes químicos (Tilmans-Ostyn, 2001).

Também é comum que conflitos familiares tenham vínculo com o uso de entorpecentes pelos pais. Com apoio da FAPESP, a equipe do Cebrid (www.estudobiblico.com.br/drogas/CEBRID.htm) analisou o perfil dos envolvidos em casos de violência doméstica em 27 cidades paulistas. Constatou-se, que metade deles está associado ao uso de álcool. Em 52% das situações, o agressor estava sob efeito de bebida. As principais vítimas da violência são as mulheres, em geral casadas com os agressores. Não houve variação entre classes sociais. Acontece na periferia e nos bairros nobres.

Fuller e Chermack, Cruise, Kirsch, Fitzgerald e Zucker (2003) encontraram resultados, em um estudo longitudinal, envolvendo três gerações, que confirmam a tendência de perpetuação da violência ao longo das gerações. O modelo proposto indica que a agressão conjugal entre os avós é preditora do desenvolvimento de comportamentos anti-sociais na figura paterna, que por sua vez é preditora de alcoolismo paterno e agressão conjugal. Todo este contexto familiar parece contribuir para o aumento do nível de agressão infantil entre filhos na pré-escola.

A figura paterna parece protagonizar vivências de violência no caso dos sujeitos estudados, o que fica visível nos seguintes relatos: *“Uma emoção raramente expressa em minha família é o perdão. As emoções sempre foram à flor da pele”*, Luciano; *“O abuso sexual de minha irmã foi muito traumático”*, Ronaldo; *“Discordâncias estavam associadas a brigas, a muita violência. Meu pai já agrediu muito minha mãe”*, Rose; *“As divergências eram resolvidas com surras”*, José Arthur.

A fragilidade do casamento dos pais em famílias de alcoolistas gera tensão no sistema familiar, e neste sentido podemos pensar na função paradoxal do sintoma alcoolismo. Se por um lado o alcoolismo e a embriaguez ameaçam, por outro permitem a manutenção dos conflitos, aliviam a tensão e a ansiedade da família e permitem trocas e diálogos mais reais, apesar de marcados por raiva, culpa e ressentimento. A família se mantém apesar e através do alcoolismo, já que a afetividade entre os membros parece estar esvaziada e empobrecida. Este paradoxo fica claro na fala de José Arthur: *“Tanta contradição, meu pai bebe, destrata minha mãe e não larga dela”*.

É pela embriaguez e pela violência que o pai consegue mobilizar a atenção dos filhos e que os membros da família conseguem influenciar e interferir na vida um dos outros. Quanto menor a coesão do sistema e maior o risco de desagregação, maior a angústia, que sempre parece estar acompanhada de violência. Os relatos de adolescentes, quando foram convidados a falar sobre a própria família em uma oficina, elucidam essa dinâmica: *“Minha família vive brigando, mas eu sei que é para me ajudar”*, Helena; *“Minha família é um pouco triste. Muitos problemas para todos. Pai e mãe dependentes do álcool. Eu não.”*, Alfredo; *“Meus pais discutem muito, acham que eles não se amam mais. Me dou bem com os meus irmãos mais velhos, somos unidos”*, Carla.

Estes relatos denotam a grande dificuldade existente nas famílias dos adolescentes estudados em solucionar problemas e em estabelecer diálogo apesar da falta de consenso, o que denota uma rigidez no funcionamento familiar e distúrbios no padrão de comunicação familiar (Hill, 1998). Segundo Hill (1998), os filhos de alcoolistas apresentam déficits em todas as dimensões de competência comunicativa, tais como clareza comunicativa e auto-referência.

As famílias, nas quais a violência de qualquer tipo se desenvolve – violência física, abuso sexual, suicídio, delinquência –, estão, por definição, angustiadas. Embora uma família possa funcionar inadequadamente em muitos sentidos, as famílias envolvidas com a violência funcionam de modos diferentes, marcadas por tipos específicos de problemas no desenvolvimento dos indivíduos e do grupo familiar, segundo Marta Straus (1994). Esta autora, em seu livro *“A violência na vida dos adolescentes”*, questiona sobre o sentido da violência na sociedade atual e enfatiza três aspectos da interação familiar que se tornam cruciais para o desenvolvimento contínuo dos adolescentes: o controle, a disciplina e o envolvimento. Dimensões estas prejudicadas nos sistemas de famílias alcoólicas. O superenvolvimento com o álcool cria um déficit de envolvimento entre os filhos e o pai; a dificuldade de controle está associada à própria patologia paterna, marcada pela compulsão e dependência.

Em geral, as crianças que vivem com um alcoolista não recuperado obtêm pontuação inferior nas mensurações de coesão familiar, orientação intelectual cultural, orientação recreacional e

independência. Elas normalmente experimentam maiores níveis de conflito dentro da família (Tarter, Blackson, Martin, Loeber & Moss, 1993).

A perspectiva sistêmica se mostra bastante elucidativa para pensar o funcionamento violento dessas famílias e também no sentido de fornecer subsídios para a família interromper este círculo vicioso da violência. O interjogo constante existente entre os diversos subsistemas, os conflitos de poder que se perpetuam através do conflito conjugal, a questão dos papéis parentais, as disfunções transgeracionais são elementos que perpassam a vivência subjetiva destes jovens.

É preciso falar do horror e da gravidade da questão da violência no contexto de famílias com problemas com dependência de álcool. Grande parte das lembranças de minha atuação no ambulatório e no pronto-socorro do Hospital de Sobradinho está relacionada com situações gravíssimas envolvendo violência e danos morais, físicos e psíquicos. São sistemas à beira de ruptura e é impossível estar ou ficar omissa diante deste quadro. A violência como objeto de reflexão é necessária mesmo que fique muito difícil acreditar em sua extinção. “A maior parte da violência associada à adolescência de hoje não existia um século atrás e não é inevitável agora” (Straus, 1994, p. 15).

Estudos sobre violência familiar retratam altas taxas de consumo de álcool e drogas, sendo que os filhos geralmente são as testemunhas da violência entre o casal e a família e, por vezes, alvos de abusos físicos e sexuais. Essa população também está mais frequentemente envolvida com a polícia e com problemas legais, quando comparada com filhos que não têm pais dependentes químicos (Tilmans-Ostyn, 2001).

Pais alcoolistas ou que usam drogas têm mais probabilidade de violentar os filhos do que outros. Estes pais tendem a ignorá-los, afastam-se deles, não têm laços fortes, podem deixar de cuidar das crianças e ser agressivos e violentos (Buriolla & Marques, 1999).

Nota-se que praticamente todos os sujeitos da pesquisa se referiram à questão da violência domiciliar. Fishman (1988) conota violência familiar como perda de fronteiras entre os subsistemas, o que revela e intensifica a desestruturação familiar.

A omissão dos poderes públicos diante da violência urbana e do próprio alcoolismo representa outra grande manifestação de violência e de descaso, o que Luciano consegue explicitar em sua fala: *“O alcoolismo é um mal que é necessário, pois o alcoolismo dá emprego a muita gente. Por isto, talvez o governo goste do alcoolismo”*.

É fundamental pensar no risco de perpetuação da violência em termos transgeracionais. Alguns mecanismos de propagação alimentam a expressão da agressividade. A revolta em relação ao mundo e aos pais, tão necessária ao processo de amadurecimento, corre o risco de reeditar a violência familiar.

No que se refere à questão da delinqüência bastante citada na literatura, gostaria de mencionar o estudo de Penso & Sudbrack (2003). Estas autoras analisam o processo de identificação entre pai e filho, denunciando a presença nestes sistemas familiares de múltiplos sintomas que se alternam na tentativa de regular o sistema. A partir de uma extensa revisão bibliográfica em sua tese de doutorado, fica clara a circularidade de alguns sintomas na família.

“Na impossibilidade de se definirem como parecidos com o pai em outros aspectos, porque ele é visto como violento e agressivo com os filhos e a mãe, uma alternativa pode ser a aproximação pelo uso de drogas e álcool. Essa semelhança entre pai e filho marca a única via de identificação para esse adolescente. Conforme colocamos anteriormente, os pais desses adolescentes delinquentes tiveram ou tinham envolvimento com álcool” (Penso & Sudbrack, 2003, pág. 178).

José Arthur cita o desejo da morte, que pode ter múltiplos significados, oriundos tanto de sua realidade social quanto de sua história pessoal. Esta autodestrutividade pode revelar sua grande dificuldade em lidar com as situações de violência familiar, com sentimentos reprimidos de raiva e ou ser apenas um reflexo indireto da violência urbana.

Os adolescentes parecem não gostar ou mesmo rejeitar facetas de sua própria vida e de sua realidade, e neste sentido relatam não gostar das múltiplas formas de violência associadas ao alcoolismo paterno, da escola, e das relações falsas, da própria casa, de brigas e discussões, como fica claro no seguinte relato: *“Sinto raiva de mim mesma porque eu queria ter controle e queria que ele parasse de beber”*, Ana Marta.

A fala da Ana Marta ressalta a questão da dificuldade em manter o controle. Em relação à questão do controle existente na relação entre pais e filhos, a literatura utilizada (Clark, 1999) indica que adolescentes com maior risco de apresentarem futuros problemas com o álcool teriam vivenciado relações familiares caracterizadas por alto nível de desinibição. Especificamente, alguns pesquisadores (Sher, 1991; Clark, 1991) encontraram altos níveis de impulsividade entre adolescentes filhos de alcoolistas. Sher (1991) encontrou elevados níveis de descontrole comportamental entre adolescentes com história familiar de alcoolismo. Esses traços podem ser vistos como elementos agravadores de expressões de violência.

A violência não é sempre explicitada, a pior delas é expressa de forma sutil. De forma mais ou menos direta; os adolescentes pesquisados tecem críticas a um sistema violento, ao governo incoseqüente e à pobreza de afeto das pessoas e da própria família: *“Não gosto de mentira, de ver alguém sofrer e de ser enganada”*, Vivian; *“Não gosto de violência, de governo ruim, de bebida e de qualquer outro tipo de droga, de músicas com letras apelativas”*, Luciano.

É preciso cautela para compreender os efeitos da violência na construção da subjetividade de adolescentes. É fundamental pensar no risco de perpetuação da violência em termos transgeracionais. Alguns mecanismos de propagação alimentam a expressão da agressividade. A revolta em relação ao mundo e aos pais, tão necessária ao processo de amadurecimento, corre o risco de virar delinqüência.

“O legado interpessoal da violência para os adolescentes pode retirar-lhes a possibilidade de desenvolvimento de relações adultas responsáveis. Essa herança inclui falta de confiança, medo das relações íntimas, instabilidade emocional, manipulação, consumo de álcool e drogas, depressão e distúrbios do pensamento” (Straus, 1994, p. 44).

Muitas coisas se tornam desagradáveis e repulsivas para estes adolescentes. É fácil observar o caráter pessoal no processo de completamento da frase “coisas que não gosto”, claramente relacionados à vivência familiar, tais quais: *“de ter sido espancado pelos pais”* (Ronaldo). Nesse relato de Ronaldo, é indicativo da necessidade de pensarmos na violência através de uma perspectiva sistêmica, ou seja, concebê-la como um amplo processo que envolve à todos, agressores

e agredidos. Por outro lado, é importante afirmar o inevitável risco de abuso e de violência nesses contextos, e apontar a adolescência como momento de maior risco.

Segundo Sarti (2004), a adolescência como a juventude, deixaram de configurar um momento de passagem, mas tampouco tem lugar definido. Na ausência de rituais que instituem este momento como uma nova posição social, o jovem vive seu lugar como o da contestação, como um “outro” lado, em contraposição ao mundo adulto.

Sarti (2004) explicita o fenômeno da projeção dos problemas familiares sobre os jovens, dando o exemplo da questão das “drogas”, que revela as dificuldades para lidar com conflitos no interior das famílias. Segundo este autor, a negação ou dificuldade de se incorporar e dar algum espaço para o conflito na família, com os elementos simultaneamente disruptivos e potencializadores nele contidos, podem favorecer, inclusive, a eclosão da violência, sob distintas formas, que viria justamente da falta de canais de expressão para os conflitos próprios das relações familiares.

Adotando modelos de resiliência familiar proposto por Walsh (2005), somos levados a pensar na necessidade de que os membros de uma família sejam mais flexíveis, ou seja, de poderem introduzir flexibilidade em suas relações e um maior espaço para expressão de conflitos dentro das famílias. As famílias precisam também exercitar funções de cuidado e preservação, que requerem capacidades para estabilidade e firmeza. Segundo Ravazzola (2005), quem trabalha no terreno da violência, percebe que homens e mulheres violados se beneficiam notavelmente quando entram em contato com pessoas que confirmam sua capacidade de haver aprendido a lidar com a situação.

5.8.4 Segunda Zona de Sentido: Investimento no Eu Pessoal: a configuração da subjetividade de adolescentes filhos de alcoolistas

A constituição da própria subjetividade representa processo frágil e vulnerável para filhos de alcoolistas. Nenhum dos sujeitos pesquisados era oriundo de famílias monoparentais, todos

contavam com a presença do pai e da mãe. Por outro lado, o alcoolismo paterno é um fator agravante para um processo identificatório, constituinte do sujeito.

A construção da subjetividade implica em grandes desafios existenciais. São tarefas necessárias ao adolescimento. É preciso se separar dos pais e buscar a própria individualidade através dos processos de individuação e individualização.

A identidade é uma construção relacional e dinâmica, envolvendo o indivíduo, sua família e o seu meio social (Bowen, 1974; Miermont, 1973; Penso, 2004). Segundo Marcelli & Braconier (1989), Erikson, compreende a crise da adolescência em seu aspecto psicossocial, sendo que a identidade nunca é estabelecida na forma de uma armadura de uma personalidade estática e imutável. Ao contrário, é um processo contínuo de busca que se inicia no “encontro” da mãe com o bebê e só termina quando dissipa o poder de afirmação mútua do homem, sendo que cada idade tem a sua própria “identidade”. Segundo Marcelli & Braconier, (1989) a forma como o adolescente irá se confrontar com a crise de identidade, dependerá da maneira pela qual integrou os diferentes elementos da identidade na infância.

A individuação representa um processo definido como a capacidade do indivíduo se perceber como distinto e separado do contexto familiar, social e cultural. A impossibilidade de realizar este processo leva o indivíduo a se fundir com o grupo, perdendo as noções do limite e das fronteiras entre si mesmo e os outros, o que pode gerar um grau maciço de identificação com os outros e uma grande dependência das outras pessoas, segundo Karpel (1973, citado por Crespi & Sabatelli, 1997). A adolescência é, portanto, uma fase crucial no processo de socialização e de construção identitária (Miermont, 1973; Penso, 2004).

O conceito de individuação foi bastante utilizado por Bowen (1974), que mostrou existir uma tendência na família de alcoolistas de uma precária diferenciação de ego. Segundo Crespi e Sabatelli (1997), uma boa diferenciação de ego permitiria à pessoa o desenvolvimento de habilidades para manter um coerente senso de self, durante as relações afetivas com as pessoas. A possibilidade de interagir e de vivenciar um nível de intimidade com as pessoas, sem se tornar

fusionado, dependente ou superidentificado com os outros, representa um importante aspecto da personalidade a ser desenvolvido durante a adolescência. É importante assinalar que a literatura contemporânea, segundo Crespi & Sabatelli (1997), tem negligenciado a aplicação deste conceito para adolescentes oriundos de famílias alcoólicas.

A insegurança existencial desses adolescentes, aspecto marcante da subjetividade dos adolescentes estudados, se espalha e contamina várias áreas da vida. A consciência do mundo parece flutuante. O mundo parece se tornar agressivo e constrangedor. Um muro alto é erigido entre o indivíduo e o mundo. A esfera pública e a esfera privada se distanciam. As relações afetivas significam ameaças. A intimidade é vivida como ameaçadora e a construção de vínculos de confiança mostra-se frágil. O medo, sentimento que parece permear a vida dos adolescentes estudados, e paradoxalmente parece aproximá-los, na medida em que denuncia a fragilidade inerente à fase ou decorrente da intensidade das experiências traumáticas vivenciadas, caracteriza-se por um traço fóbico onde várias facetas da realidade passam a ser evitadas.

O traço fóbico sem dúvida foi construído e agravado pela própria intensidade dos acontecimentos, da violência, do ciclo embriaguez e sobriedade: *“Tenho medo de meu pai quando ele bebe”*, José Arthur.

A Rose se refere ao medo do pai alcoolista, analisando que o fato de ter sentido tão cedo na vida medo de alguém tão importante acabou gerando uma postura de muito fechamento, excessiva preocupação e desconfiança na vida: *“Ele bebia e chegava em casa agressivo e bêbado. Este medo me atrapalha. Tenho medo de ficar só”*.

O medo da morte sentida por Rose parece estar associado ao medo da perda e do fracasso: *“Tenho medo da morte e de não ser realizada em todos os sentidos”*. Esta temática universal é ainda mais presente quando lidamos com indivíduos moradores da periferia, acostumados ao processo de banalização das situações de violência urbana.

Todos esses medos são geradores e intensificadores dos conflitos inerentes à fase da adolescência. Tal temática referente aos conflitos intrapsíquicos pode ser ilustrada por material

oriundo de minha experiência clínica no PISAS. Laurinda, de 17 anos, faz uma reflexão sobre a fase inicial de sua adolescência em um encontro semanal do grupo de adolescentes relatando o seguinte:

“Não tivemos tempo para os conflitos próprios da adolescência. A pessoa que mais amávamos estava doente de um jeito que não conseguíamos explicar e não podíamos lhe trazer mais sofrimento. Fomos adolescentes que não namoraram, que não foram a festas escolares, que não participaram de nenhuma gincana, que não dormiram na casa dos amigos. Nem trazíamos ninguém para a nossa casa: ninguém podia saber que meu pai bebia, que ficava completamente bêbado. Tínhamos muita vergonha – e, de novo, culpa por sentir vergonha. Ficamos ilhados em nosso sofrimento: culpa e vergonha”, Laurinda, 17 anos.

Segundo Sarti (2004), o jovem se afirma opondo-se, fazendo do conflito um instrumento tão necessário quanto imprescindível em seu processo de tornar-se sujeito, na família e no mundo social.

“Desta forma, a família configura um cenário onde o conflito é intrínseco e, sendo assim, o trabalho com famílias pode se dar no sentido de pensar os limites do que é ou não negociável na relações familiares, a partir da indagação sobre o que constitui conflito para a própria família e não como uma definição externa” (Sarti, 2004,p.24).

Esta falta de tempo para lidar com os conflitos próprios da adolescência relatada por Laurinda sugere as possíveis dificuldades de construção de uma identidade, neste contexto. Os adolescentes, em busca de uma identidade adulta, reproduzem, imitam ou estabelecem conluios conscientes e inconscientes, como forma de contestação e de auto-afirmação. O pai alcoolista pode assumir o papel de um modelo caótico ou idealizado de identificação; identificação negativa de Erikson (1968).

Alguns estudos, tais como Gomes (2003), apontam para a presença de mecanismos defeituosos usados pelos filhos de alcoolistas em seus relacionamentos. Este autor mostra que a partir de um autoconceito negativo formado pelas mensagens recebidas pela família, amigos e

sociedade deflagra-se um círculo vicioso onde as próprias percepções de si são alimentadas pela percepção dos outros.

O autoconceito negativo contribui para aumentar a dificuldade do adolescente em se separar do sistema familiar, o que compromete seu processo de individuação, tão necessário à construção de sua identidade. Cabe lembrar, que para a Teoria Sistêmica este processo é dinâmico e que a superação de um autoconceito negativo representa um desafio inerente ao movimento de autonomização do adolescente, o que acaba refletindo e interferindo nos mitos familiares.

5.8.5 Os processos interpessoais e comunicacionais como ferramentas para a construção de uma subjetividade

Em alusão à relação entre alcoolismo, subjetividade e comunicação, algumas pesquisas (as quais examinaram diferentes dimensões de competência comunicativa em filhos de alcoolistas, depressivos e bebedores sociais) concluíram que os filhos de alcoolistas apresentavam déficits em todas as dimensões de competência comunicativa, como clareza comunicativa e auto-referência. *“Eu acho que não contei a ninguém sobre o alcoolismo de meu pai, só para pessoas que eu tinha certeza que não o encontrariam...”*, Ana Marta.

Outros estudos indicam que alcoolistas ajustam ou modificam suas identidades a partir de metanarrativas. Este estilo de falar de suas vidas como alcoolistas denominou-se “autogenerativo” ou “autoreflexivo”. Segundo Nagel (1988), a metanarrativa permite aos participantes de reuniões de Alcoólicos Anônimos reverem os roteiros de suas vidas e iniciarem o movimento de mudança retornando à sociedade, uma vez que ela funciona como uma mensagem auto-reflexiva. Este estudo é importante, pois afirma a força transformadora da linguagem e do diálogo reflexivo, que pode inclusive ocorrer antes da instalação de patologias, daí a importância de focar a adolescência.

O estudo de Elizabeth Hill e de Gustavo Gauer, publicado em 1998, propõe realizar uma análise semiótica de relatos em filhos de alcoolistas, concluindo que as seqüelas decorrentes dessas vivências familiares perduram durante longos períodos. A baixa auto-estima, a grande dificuldade

de alcançar intimidade nas relações e uma visão de mundo marcada pelo medo restringem sobremaneira a vida destes indivíduos.

Verificou-se que os filhos adultos de alcoolistas formam conclusões intencionalmente errôneas, como: não falar com pessoas de fora da família sobre o pai alcoolista, entender que o problema era seu e que ninguém mais se preocuparia com isso, sentir-se constantemente constrangido com a situação e sentir pouco respeitado pelos professores, temendo que sua vida pudesse ser igual à de seus pais e parentes. *“Estou aprendendo agora a falar mais sobre a minha família e sobre a minha vida. Aos poucos abandono o sentimento de ter algo a esconder, de ter um segredo. Eu não tenho nada mais a esconder”*, Laurinda.

Constatou-se que a metamensagem é de desconfiança; assim, se os filhos de alcoolistas aprenderam a não confiar na mensagem recebida do progenitor, essa falta de confiança se reflete nos relacionamentos em geral e ele passa a perceber o público como uma ameaça. Se o filho continua a viver e a lidar com o alcoolista, ele passa a desconfiar dos seus próprios sentimentos, já que para a família tudo que ele ouve, vê e acredita não existe. Percebe-se que a confiança desses indivíduos em si mesmos e em sua família foi danificada ou destruída. Estes resultados são elucidativos da extensão e durabilidade do sofrimento em filhos de alcoolistas e da importância de intervenções terapêuticas que resgatem a auto-confiança e a capacidade narrativa destes adolescentes.

As situações familiares desorganizadas produzem sentimentos de inadequação, confusão e falta de auto-estima, e este processo depende do gênero. Algumas falas são emblemáticas destes sentimentos de uma grande carência afetiva:

“Mesmo muito pequena, eu já sabia quão falsa era a alegria trazida pelo álcool. Meu pai bêbado era muito carinhoso com os filhos. Mas era uma linha tão tênue a que separava o carinho da agressão! Por isso o medo. Por isso, também, o desprezo aos carinhos bêbados – soavam-me falsos, como me parecem até hoje”, Laurinda.

A subjetividade percorre e perpassa várias dimensões da vida psíquica desses adolescentes. A baixa auto-estima dificulta e bloqueia a iniciativa de busca de novos futuros.

Estudos têm demonstrado que viver em um “ambiente alcoolista” afeta negativamente os descendentes de alcoolistas. Crianças filhas de alcoolistas experimentam tensão e competitividade com seus colegas; as crianças mais velhas têm dificuldades em construir e manter amizades (Cork, 1969). O modelo oferecido por pai ou mãe alcoolista pode distorcer o processo de socialização da criança, que passa a adotar, intencionalmente ou não, mecanismos inadequados ao lidar com relacionamentos interpessoais (Jacob & Leonard, 1986).

Observei, entretanto, que para os adolescentes estudados tanto o pai quanto a mãe representavam modelos positivos em alguns setores da vida, ou seja, até o pai alcoolista podia ser admirado em algum aspecto. O alcoolismo paterno não era totalmente impeditivo do processo de identificação dos filhos com o modelo paterno. Ampliar a visão dos adolescentes de forma que eles possam se assegurar da importância dos pais representa uma forma de conotação positiva dos valores familiares.

5.8.6 Subjetividade e Resiliência

Palmer (1997), em um artigo de revisão, tentou explorar outros enfoques e outras formas de se encarar filhos de alcoolistas, tecendo inclusive críticas ao que ele denomina epistemologia da patologia, traço que permeia grande parte da literatura na área. Em um estudo qualitativo, Palmer (1997) utilizou o Modelo de Resiliência Diferencial, onde examina dados qualitativos através de abordagem não patologizante visando compreender o fenômeno da resiliência em filhos de alcoolistas. Os resultados corroboram a importância do modelo no sentido de criar condições de se suprir melhor as necessidades de desenvolvimento de filhos de alcoolistas.

Pesquisas na área de resiliência visam a identificar quais os fatores gerais que permitem aos jovens, apesar da exposição a diferentes tipos de adversidade, conseguir crescer e tornarem-se produtivos. Os resultados destes estudos não são conclusivos, ora valorizando características psíquicas e internas ao sujeito, tais como inteligência e vocações; ora valorizando a dimensão mais

relacional e interacional que situa a resiliência no campo das habilidades interacionais e dos recursos inerentes às redes sociais dos indivíduos.

Segundo Werner (1986), um dos mais importantes fatores protetores aparece como sendo a presença de uma forte relação positiva com um adulto competente. Uma coalisão entre o adolescente e os parentes não alcoólicos poderia ser fonte de um ambiente estável. Ressalto a inestimável importância para a saúde do adolescente e a construção de relações com figuras de autoridade, encarnadas por um professor próximo e afetuoso e com os mais diversos profissionais de saúde. A figura materna foi muito citada pelos adolescentes de meu estudo, no sentido de ser provedora de uma estabilidade familiar.

Segundo Halpern (2002), a resiliência pode explicar como algumas crianças podem lidar com grandes obstáculos e dificuldades de vida, enquanto outras acabam por tornar-se vítimas de experiências ambientais. É importante assinalar, entretanto que este conceito de resiliência associado a traços de personalidade peca por sua concepção individualista e não sistêmica. Apresenta-se como uma concepção excludente, pois nem todos teriam tantos talentos. Já o conceito de resiliência sistêmica desenvolvido por Walsh (2005) abre grandes perspectivas em termos de novas abordagens destes adolescentes.

Palmer (1997), também se refere à grande resiliência de filhos de alcoolistas, que conseguem superar grandes adversidades e desenvolvem características quase incomuns, como persistência, dedicação, respeito a normas e hierarquias, hábitos saudáveis, etc.. *“Não bebo e não consigo conviver com quem bebe. Seleciono meus amigos por esse critério”*, Luciano; *“E fomos filhos exemplares: todos bons alunos, esforçados, obedientes. Eu especialmente, fiz todo o possível para ser a melhor filha do mundo”*, Laurinda. Palmer (1997), por meio de um enfoque despatologizante, denuncia como o continuado foco da literatura na patologia, o que contribui para a falta de apreciação dos esforços individuais e familiares no enfrentamento do stress.

A criatividade, a persistência, a resiliência e a coragem desses adolescentes são uma marca cultural de nosso país e deveriam ser mais exploradas pelos estudos brasileiros. Neste sentido, Luciano representou um caso de exemplaridade. Mostrava-se bastante crítico às desigualdades

sociais e revelava grande humanismo permeado por sentimentos de solidariedade e sensibilidade diante dos sofrimentos alheios. *“Lamento a pobreza, a gente não tem como se divertir nos lugares bons, como nos shoppings”*, *“Me preocupo com a falta de trabalho, briga dentro de casa, os amigos que também bebem”*.

Luciano inclui os problemas sociais em suas preocupações de uma forma intensa. Aliás, os relatos de Luciano revelam suas vivências, onde provavelmente foi estimulado em sua criatividade, e em sua aptidão à transformação e à esperança, *“fracasso é a desistência de um sonho e não a falta de sucesso”*. Isso me leva a classificar o seu padrão de relação com o sistema familiar e com o sistema social como bastante resiliente, pois tais sistemas deflagram e potencializam sua capacidade em enfrentar, vencer e ser fortalecido ou transformado por experiências de adversidade.

“No futuro, minha maior ambição é ser reconhecido no mundo do hip hop.” Neste relato de Luciano, fica patente a força terapêutica e sublimatória da arte e do tipo de música, que prima pela crítica social.

Segundo Grotberg (2005), o conceito de resiliência está intimamente ligado ao processo de desenvolvimento e crescimento humano, não está condicionado ao nível socioeconômico e constitui dimensão importante para a saúde mental e para a qualidade de vida. Este autor assinala a importância da promoção de fatores resilientes e implica em um profundo compromisso com uma realidade dinâmica. A forte associação deste conceito com temas ligados à saúde e não à doença justifica sua importância para nosso estudo e para uma epistemologia da saúde e não da doença.

A capacidade de sentir prazer também pode ser um sinal de saúde. É importante refletir sobre os tipos e qualidades de prazeres existentes na vida dos adolescentes estudados e sobre os significados das inúmeras fontes de prazer associados a esta fase da existência. Os adolescentes demonstraram que, no que tange às coisas que dão prazer, eles são absolutamente iguais a qualquer adolescente e gostam das coisas que são atrativas para grande parte desse grupo. Além das fontes naturais de prazer, tais como amizade, namoro, esporte, música, passear, ir ao shopping, sorriso, entre outros. O prazer está relacionado às coisas do mundo e também às pessoas e às relações: *“Eu*

gosto que as pessoas gostem de mim”, Ronaldo; *“Eu gosto quando está tudo em paz na minha casa”*, Rose.

A relação interpares representa grande fonte de prazer, o que fica claro na fala de Ronaldo. Sarti (2004), afirma que os jovens necessitam falar de si no plural, recriando “famílias” (como construção de nós), fora de seu grupo familiar de origem, através de vários grupos de pares, seja em torno da música (rock, rap), outras atividades culturais, esportivas ou outras formas de expressão dos jovens no espaço público. Com os adolescentes filhos de alcoolistas não é diferente, já que eles valorizam e gostam destas alternativas e destas atividades. Luciano gosta de música, Ronaldo de futebol, entre outros.

O fato de o pai não beber também é fonte de prazer, mas aparece na fala de apenas dois sujeitos, *“eu gosto quando meu pai não bebe”*, Rose. Parece que o fato de o pai beber não impede que esses adolescentes busquem suas alegrias e seus prazeres de uma forma natural e bem plural. Por outro lado, para Rose, fica claro que seu bem-estar está diretamente ligado e condicionado à abstinência do pai e à paz familiar, o que reduz sua disponibilidade para se focar em outras coisas. Como se ocorresse um fechamento na vida, um estreitamento de interesses e uma fixação na figura paterna e nos problemas ligados ao alcoolismo.

Esta capacidade de visualizar coisas positivas na vida, o que se intensifica com os movimentos dialéticos de pertencimento e separação, mostra-nos as inúmeras qualidades e capacidade dos adolescentes. Neste sentido, acredito que a resiliência como uma metáfora oriunda da física (Resilio: voltar ao estado original) é bastante frutífera para as ciências sociais e para a psicologia, por descrever fenômenos observados em pessoas ou em grupos que, apesar de viver em condições de adversidade, são capazes de desenvolver condutas que lhe permitem uma boa qualidade de vida.

5.8.7 A carência afetiva impedindo o desenvolvimento da subjetividade

A carência afetiva acaba por delinear aspectos de personalidade em filhos de alcoolistas, tais como: a dependência afetiva, o traço fóbico e a passividade.

Em geral, as crianças que vivem com um alcoolista não-recuperado obtêm pontuação inferior nas mensurações de coesão familiar, orientação intelectual, cultural, recreacional e independência. Elas normalmente experimentam maiores níveis de conflito dentro da família (Tarter , Blackson., Martin, Loeber e Moss, 1993).

Para ilustrar a questão da influência dos conflitos familiares no nível de carência afetiva e insegurança, cito o exemplo de Ronaldo, que, apesar de ter explicitado sua certeza em ser amado, achava muito difícil, entretanto, tomar decisões. As frases de Ronaldo são bastante reveladoras das ambivalências vividas por adolescentes no momento e contexto atual. Suas ambições estão em consonância com a ideologia passada pela mídia. O desejo de ser jogador de futebol, na verdade, expressa um desejo coletivo da juventude atual, relacionada à miragem de alguma mobilidade socioeconômica. Por outro lado, Ronaldo expressa uma grande preocupação de que coisas ruins possam acontecer com ele. Muitas vezes não gosta de estar com as pessoas e não tem certeza se as coisas irão dar certo para ele, o que demonstra a presença de sentimentos de insegurança em relação ao seu futuro característicos desta fase do ciclo vital. Analisar a sua visão de mundo, que se deixa visualizar nas entrelinhas, nas brechas de suas frases, é uma forma de ilustrar a temática do risco de transmissibilidade do alcoolismo e de compreender a extensão dos efeitos patogênicos do alcoolismo paterno na construção da subjetividade do adolescente.

Trata-se de adolescente que busca, na defensiva, manter um equilíbrio psíquico e social, mas mostra-se muito suscetível e frágil, em alguns momentos, necessitando, assim, de atenção, fato que ele chega a verbalizar. Apresenta dificuldades em lidar com as várias esferas de sua vida. Visando ilustrar o processo de construção da subjetividade, realizo uma análise de suas frases.

Trecho de seu questionário de Completamento de Frases:

Frases analisadas:

Coisas que me agradam: uma comida gostosa.

Coisas que não gosto: pessoas chatas.

Minha vida daqui a dez anos: formado e com bom emprego.

Meu maior temor: morte

Gosto: de jogar futebol, de brincar, de pessoas que gostam de mim.

Lamento: não poder fazer meu pai parar de beber.

Sofro: com brigas familiares.

Fracasso: com nota e com futebol.

Escola: gosto das aulas de educação física.

Leitura: não tenho costume.

Casamento: é para sempre.

Meu maior problema: tirar notas baixas.

A ambição: ser jogador de futebol.

Necessito: sempre de atenção, apesar de não parecer.

Me deprimos: brigas entre meu pai e minha mãe.

Ronaldo tinha 14 anos na data do estudo e via o pai como alguém indiferente e distante, mas, apesar disso via a família como um lugar com regras e diálogo.

Este adolescente fala da falta de costume de ler, e provavelmente, a de refletir, o que é compreensível se considerarmos a falta de biblioteca, os preços dos livros, a falta de incentivos, entre outros fatores.

Trata-se da sociedade do espetáculo, do simulacro. A pobreza cultural do país acaba enfraquecendo o indivíduo, no sentido de engendrar um ideário marcado pela alienação, pelo esquecimento da própria história. Como afirma Ribeiro (1998) “vivemos na dimensão do esquecimento, esquecida sem saber-se esquecida” (Ribeiro, 1998, p. 35).

Hill (1998) afirma que a representação do futuro é construída de forma idealizada para filhos de alcoolistas. Visivelmente Ronaldo consegue explicitar todas as suas dificuldades associadas à falta de oportunidades para o bom desenvolver de seu potencial.

Parece que Ronaldo se apaixona pelo futebol, o que demonstra também um interesse positivo em sua vida, se pensarmos na riqueza inerente ao aspecto formativo do esporte associado a valores como dedicação, disciplina, coletivismo, respeito, senso de grupo e de hierarquia não são visíveis.

Enfim, percebe-se neste curto contato com Ronaldo, a sua necessidade de encontrar mais espaço na sua vida, para permitir-lhe um desenvolvimento maior e uma expressão mais livre de seus sentimentos. “ *Quando me sinto triste, comunico o sentimento não com palavras, isto é, com expressão facial, postura, voz e a tendência ao choro*”.

O seu sofrimento mostra-se bastante camuflado, não explícito, pois o adolescente consegue negar seus problemas, suas necessidades de apoio, o que lhe traz um certo equilíbrio. A falta destes espaços de vivência emocional e afetiva gera uma sensação de superficialismo em tudo. Ele vai tentar ser tudo de bom, vai tentar não fracassar como o pai; o casamento é visto como sagrado e não como um compromisso vivo. Fica patente, com a análise da visão de mundo de Ronaldo, a complexidade do processo de constituição da subjetividade em adolescentes filhos de alcoolistas e da necessidade de construção de espaços, seja na família, seja na comunidade para que possam promover crescimento e equilíbrio na vida desses adolescentes.

5.8.8 A Importância da Elaboração dos Conflitos na Adolescência: Individuação versus Individualização

Sabemos que a adolescência constitui fase marcada por conflitos intrapsíquicos e interpessoais. A sabedoria está em não reprimi-los e ao mesmo tempo conseguir canalizá-los e resignificá-los. Os conflitos identificados nas frases dos adolescentes estudados, na verdade, parecem permear a vida de qualquer adolescente que não necessariamente tenha problemas tão graves na própria família: “*Lamenta ter deixado de fazer algumas coisas por insegurança ou por pensar no que os outros vão achar*” Ana Marta; “*lamenta por perdas de amigos em gangues e drogas*” José Arthur; “*Lamenta não ser feliz o quanto mereço, o quanto tenho chance*”, Ronaldo; “*odeio não ter o que fazer e não ter com quem conversar*”, Rose; “*gosto de passear , de ir para a rua com amigos, de correr, nadar, jogar bola, malhar, namorar*”, Luciano; “*gosto de jogar sinuca, tomar cerveja, reunião de amigos e*

malhar”, Alexandre; “*eu me deprimio quando não consigo me dar bem comigo mesmo*”, José Arthur; “*O casamento dos meus pais se acabou, mas o que posso fazer?*”, Carla.

A adolescência é a idade da mudança e dos conflitos, como implica a própria etimologia da palavra: *Adolescere* em latim significa “crescer”. Nesta passagem da vida infantil para a vida adulta, os conflitos são inevitáveis envolvendo papéis e construção de uma nova identidade compatível com as necessidades do momento vivido. Segundo Marcelli e Braconnier (1989), o adolescente encontra-se preso entre o passado e o futuro, entre infância e idade adulta. Às vezes, permanece um sentimento de luto e de lamento por perdas, como na fala de Ana Marta, que ainda parece se sentir bastante insegura para assumir uma identidade mais condizente com suas demandas internas.

Segundo Fishman (1988), a busca de identidade é um aspecto essencial da experiência de adolecer e os problemas relativos à identidade com frequência constituem uma zona de conflito importante. É dentro do contexto familiar que o adolescente realiza esta busca de identidade. Muitas situações dentro da família podem provocar uma crise de identidade, tais como: uma crise conjugal, o fato de um membro da família ter uma doença crônica. Fishman (1988) afirma que a maturidade do adolescente é adquirida dentro do contexto de uma progressiva e mútua definição da relação entre pai e filho. O papel de um terapeuta de família é o de incentivar negociações entre as gerações e neste processo de negociação o adolescente constrói um conceito de si mesmo e uma confirmação de respeito mútuo.

Os limites interpessoais definem e separam os membros da família, promovendo a identidade individual e o funcionamento autônomo. As famílias com bom funcionamento tendem a manter limites claros entre os membros, segundo Walsh (2005). Em famílias mais disfuncionais, os limites tendem a ser indistintos e confusos, com os membros invadindo espaço pessoal e a privacidade um do outro. O desenvolvimento de identidade e de autonomia bem diferenciadas é importante para a competência. Na família de Carla, percebe-se uma falta de diferenciação entre a adolescente e seus pais. Os conflitos conjugais parecem gerar um aprisionamento da adolescente no contexto familiar, o que gera sofrimento e sentimentos de impotência.

Luciano e Alexandre expressam as diversas fontes de prazer presentes na própria vida e enfatizam a importância do grupo, dos esportes, do namoro. Todas essas falas denotam-se bastante apropriadas à fase vivenciada. Além de promover sensações prazerosas, permitem o desenvolvimento do sentimento de pertença. Fica patente a busca de outras referências para a construção de sua identidade fora da família, como parte do processo de afirmação pessoal e social. As referências externas podem ser nocivas se incentivam o uso de álcool e de drogas ilícitas de maneira precoce, como podemos identificar nas entrelinhas no relato de José Arthur, *“gosto de jogar sinuca, tomar cerveja, reunião de amigos e malhar”*.

Neste sentido, é necessário ficarmos alertas para o risco de uso de álcool e de drogas na adolescência, principalmente se estamos lidando com famílias de alcoolistas. Penso e Sudbrack (2004) refletem sobre o padrão de funcionamento em famílias de adolescentes usuários de droga e com envolvimento em atos infracionais. Muitas destas famílias certamente contam com pais alcoolistas. Observo que a carência afetiva de adolescentes, como relatei a de Ronaldo, cria vulnerabilidades e desestrutura a vivência de papéis na família, gerando alianças, coalisões e parentalizações. Penso e Sudbrack (2004) afirmam que em função das dificuldades de alguns pais e mães em assumirem seus papéis junto aos filhos, estes criam imagens que os permitam nomear e lidar com a realidade, que vivem junto à família. Muitas vezes o filho parentalizado se vê preso no paradoxo entre o sofrimento de deixar a mãe e a dificuldade de continuar convivendo com ela, recorre à droga como saída. Ronaldo: *“Minha mãe era sempre aquela que cuidava de todo mundo, mas necessitava de mais cuidados. Por outro lado, será que ela não percebia as coisas, em que mundo ela vivia?”*

“Aqui as mães são nomeadas pelos filhos como sofredoras, vítimas e trabalhadoras, necessitando do filho ao seu lado. Os pais, por sua vez, são descritos num duplo papel, ora violentos, ora indiferente aos filhos e à esposa” (Penso e Sudbrack, 2004, p. 44).

Alexandre refere-se ao prazer de encontrar os amigos e de tomar cerveja. É necessário pensar no risco de uma transmissibilidade de dependências em famílias de alcoolistas, considerando-se que a adolescência representa um momento delicado. A interrupção desse processo requer uma

compreensão profunda do sofrimento vivido nestas famílias pelo adolescente parentalizado e muitas vezes carente de afeto, de atenção e de referências familiares e socioculturais.

A ludicidade inerente à fase da adolescência contribui para o fortalecimento da auto-estima do adolescente e para a boa resolução de conflitos. Segundo Walsh (2005), todos os estudos de resiliência acham o humor valioso no enfrentamento da adversidade. Igualmente para famílias, o humor ajuda os membros a enfrentarem situações difíceis, a reduzir tensões e a aceitar limitações.

Por outro lado, José Arthur não consegue elaborar de forma eficiente seus conflitos, o que gera um certo abatimento. Sarti (1990) sugere que o lugar do jovem na família é aquele de quem introduz a alteridade na família, por meio de novos discursos que abalam seu discurso oficial, seja pela ruptura ou pela inversão ou, mesmo, pela reafirmação deste discurso. Reações diversas de fechamento ou de abertura frente a esses estranhos serão decisivas para as relações familiares e, particularmente, para o lugar do jovem, em busca de uma identidade própria que se constrói pelas várias alteridades com as quais se enfrenta.

Observa-se no relato de José Arthur uma dificuldade na elaboração positiva de seus conflitos intrapsíquicos, o que acaba gerando um abatimento. Esta fonte de dificuldades certamente está relacionada ao contexto familiar. A boa resolução de seus conflitos representa uma condição fundamental para seu amadurecimento.

Em linhas gerais, observa-se temáticas comuns a qualquer adolescente nos relatos dos adolescentes estudados. E na verdade, nada pode ser destacado, pois de uma forma homogênea cada adolescente mostra uma busca de superação de conflitos. Alguns demonstraram uma maior capacidade de diferenciação, enquanto outros se ressentem de estarem ainda muito pouco diferenciados do contexto familiar. “Crescer significa, precisamente, poder relativizar as referências familiares, desnaturalizando-as, o que permite o processo de singularização, tanto das famílias frente aos modelos, quanto do sujeito diante as imposições familiares” (Sarti, 2004, p. 19).

O alcoolismo paterno representaria, a meu ver, apenas mais um fator de dificuldade para o processo de crescimento, o que também não é impeditivo, já que estes sistemas mostraram possuir

grandes potenciais de superação, pela dimensão lúdica da vida, do humor, do estabelecimento de relações fora da família, do namoro, dos esportes, entre outros. Recorde-se, também que, segundo Sarti (2004), em nossa sociedade, pode-se dizer que tanto a adolescência quanto a juventude deixaram de configurar um momento de passagem, mas tampouco têm lugar definido.

5.8.9 Subjetividade e Gênero

O conceito de gênero é uma construção sociológica relativamente recente e responde à necessidade de diferenciar o sexo biológico de sua tradição social em papéis sociais e expectativas de comportamentos femininos e masculinos, tradução demarcada pelas relações de poder entre homens e mulheres vigentes na nossa sociedade, segundo Pena (2005).

A questão do gênero, segundo Alves (1999), é um elemento constitutivo das relações sociais. O conceito de gênero é tanto um construto sociocultural quanto um aparelho semiótico, um sistema de representação que atribui significado a indivíduos da sociedade. Desta maneira, o conceito atual de gênero ultrapassa o ranso feminista e focaliza as relações de poder entre homem e mulher. É com este enfoque que vou utilizá-lo como instrumento de compreensão das vivências emocionais e do processo de constituição da subjetividade de filhos de alcoolistas, o que está em consonância com a teoria de Gonzáles Rey (2005 a) que também rejeita a concepção naturalística do homem.

Desta maneira, o termo gênero passa a ser empregado para designar comportamentos, papéis e padrões de expectativas para homens e mulheres, elementos que são construídos dentro de um contexto cultural, e não dados naturalmente, como ainda hoje percebido.

Segundo Yepes e Pinheiro (2005), o conceito de gênero comporta a permanente interdependência entre o biológico e o psicossocial em cada cultura específica. O sexo social, ou seja, o gênero, é uma das relações estruturantes que situa o indivíduo no mundo e determina ao longo de sua vida, oportunidades, escolhas, trajetórias, vivências, lugares e interesses.

A experiência clínica com meninas e meninos adolescentes, filhos de alcoolistas, somada à análise das frases dos sujeitos de meu estudo, contribuíram para uma melhor compreensão da

grande influência das questões de gênero no processo de socialização destes adolescentes. Ficou claro que os condicionamentos de gênero têm repercussões significativas nos projetos de vida, com desdobramentos nas escolhas e decisões futuras destes adolescentes. Os relatos dos adolescentes evidenciaram que meninos e meninas são afetados de forma diferenciada pelo alcoolismo paterno, pela violência, pela pobreza e pelo machismo, ainda predominante na classe operária: *“lamenta perder amigos em gangues e drogas”*, José Arthur.

É evidente a diferença entre as possibilidades de que dispõem os adolescentes de classe operária em relação a outros dos estratos médio ou alto de uma mesma sociedade. Com tão limitadas perspectivas do grupo estudado, ficou patente que as desigualdades de gênero possam ter um peso maior nas camadas de baixa renda. A presença do alcoolismo paterno agrava este quadro, porque nestes contextos as mulheres ficam ainda mais sub-julgadas à dominação masculina, ainda mais vitimizadas pela violência física e verbal.

Observou-se que estas repercussões se expressam em vários setores da vida destes adolescentes de forma diferenciada para meninos e meninas, tais como nas vivências relacionadas a namoro, nas escolhas, no interesse diferenciado pelos esportes, na importância do sentimento de pertencimento, nas relações interpares, na maneira de utilizar o tempo livre, na percepção diferenciada do alcoolismo paterno e na internalização diferenciada das diferentes formas de violência doméstica e pública. Exemplos de frases: *“Sofro por ter perdido minha virgindade com meu namorado e por ter perdido tanto tempo com ele”*, Vivian; *“Muitas coisas têm contradições como quando meu pai bebe, discute com minha mãe, mas não larga dela; quando a gente gosta de um garoto e não tem coragem de falar para ele”*, Rose; *“O abuso sexual de minha irmã foi muito traumático”*, Ronaldo; *“Discordâncias estavam associadas a brigas, a muita violência. Meu pai já agrediu muito minha mãe”*, Rose; *“As divergências eram resolvidas com surras”*, José Arthur; *“gosto de jogar sinuca, tomar cerveja, reunião de amigos e malhar”*, Alexandre; *“O casamento dos meus pais se acabou, mas o que posso fazer?”*, Carla.

Segundo Yepes e Pinheiro (2005), as inserções de classe social e gênero em uma mesma sociedade, ao configurarem contextos de interação específicos, repercutem de forma substancial nos

processos de subjetivação de cada pessoa, delineando possibilidades e limitações. Desta forma, as implicações de estrutura de gênero vigente sobre as relações e as formas de viver das pessoas nos diferentes grupos sociais vêm sendo, gradativamente, estudadas.

Segundo Yepes e Pinheiro (2005), o feminino e o masculino são construídos, interpretados e internalizados, portanto personalizados, dependendo das características específicas da sociedade em que homens e mulheres vivem, do ciclo de suas vivências subjetivas como homens e mulheres que pertencem a uma raça, etnia e classe social determinada.

As relações interpessoais representam grande foco e fonte de prazer e desprazer para meninos e meninas. Note-se que pensar o gênero feminino e masculino remete-nos a questões intimamente ligadas às representações sociais, sobre o conceito de feminino e masculino, que vai diferir sobremaneira em função dos tipos de famílias, das regiões de origem, do momento histórico e da classe social.

O término de namoro e a perda da virgindade representaram fonte de sofrimento importante para Vivian: *“Sofro por ter perdido minha virgindade com meu namorado e por ter perdido tanto tempo com ele”*. A situação de Vivian parece ser emblemática da forma diferenciada como meninas e meninos lidam com a questão da sexualidade. Para as meninas, a sexualidade está sempre associada à vida afetiva, o que não acontece necessariamente com meninos. Estas diferenças geram desencontros e sofrimentos como observamos na fala de Vivian.

O alcoolismo não deixa de ser um grave problema de saúde contemporâneo que expressa as questões de gênero. A forma como as questões de gênero interferem no padrão de relacionamento entre homens e mulheres nos sistemas familiares de alcoolistas, representa uma forte explicação para a perpetuação transgeracional desta patologia. A identificação do menino com o pai é facilitada pela maior aceitação do uso de álcool entre homens e pela naturalização da violência tão associada ao uso de álcool. A identificação das meninas com a mãe, educadas para a submissão e para a docilidade, nos ajuda a compreender o porquê tantas meninas de filhas de alcoolistas casarem-se com um outro alcoolista.

A identificação dos meninos com os pais alcoolistas é facilitada e carregada por valores associados ao álcool à virilidade, à potência e ao poder. As meninas por sua vez ficam aprisionadas em modelos disfuncionais nestes sistemas como fica claro no relato de Rose: “ *Muitas coisas têm contradições como quando meu pai bebe, discute com minha mãe, mas não larga dela; quando a gente gosta de um garoto e não tem coragem de falar para ele*”

Neste sentido, a relação estabelecida entre alcoolismo e gênero assumiria inúmeras nuances tragicômicas a serem explicitadas neste estudo e a relação de causalidade entre os dois termos apresentaria uma circularidade enigmática.

Dentro de sistemas familiares pobres, é flagrante a assimetria das relações de poder dentro do subsistema conjugal. As mulheres subjulgadas toleram situações de abandono e violência potencializadas pelo alcoolismo. É raro encontrar maridos de mulheres alcoolistas que reproduzam este papel de co-dependência e inferioridade. Neste sentido, o fator gênero participa da gênese e da manutenção do próprio alcoolismo que potencializa diferenças e desigualdades nas relações entre homens e mulheres no contexto familiar.

A feminilidade e a virilidade estariam simbolicamente presentes no álcool. Alonso Fernandes (1984), nos mostra como o álcool em sua dimensão inflamável (masculina) que se contrapõe à mansidão (feminina) da água. O simbolismo do fogo implicado no álcool está bastante associado ao “fogo” inerente à sexualidade humana.

Por exemplo, podemos considerar o efeito do alcoolismo sobre a violência. Segundo Pena (2005), o Brasil viveu um dos maiores aumentos na taxa de consumo de álcool na América Latina e Caribe, além do abuso de bebidas alcoólicas ser significativamente maior entre homens do que entre mulheres, o que revela a influência do fator gênero, como fica claro nestes relatos: “*O abuso sexual de minha irmã foi muito traumático*”, Ronaldo; “*Discordâncias estavam associadas a brigas, a muita violência. Meu pai já agrediu muito minha mãe*” Rose.

Segundo Yopez e Pinheiro (2005), o cotidiano da família é fortemente influenciado pela organização de gênero que, vigorando para além do espaço doméstico, manifesta-se de forma

marcante nas relações entre familiares. Lentamente, reproduzem-se as contradições e dissonâncias existentes, abrindo-se margens para possíveis rupturas. Os relatos dos sujeitos foram explícitos quanto ao impacto traumático da violência intrafamiliar, em que meninos reproduzem o modelo de dominação feminina. A força física representa uma forte estratégia familiar, que não dispõem de outros recursos e tanto meninos e meninas parecem se ressentir com esta situação. Cabe assinalar que a desnaturalização desta violência só mudará com a abertura de espaços reflexivos na família e na comunidade, o que pode mudar as perspectivas futuras destes adolescentes.

A relação interpares representa uma importante fonte de socialização para adolescentes. A adolescência pode ser considerada uma etapa chave, segundo Yopez e Pinheiro (2005), de definição de um *habitus* social entendido como o universo simbólico que gera o estilo de peculiar de pensar e de agir individual. As relações com amigos gera condicionamentos e cria interesses diversificados ou limitados pela realidade social. Cabe alertar para o risco da repetição de dependências químicas, e que neste sentido, meninos seriam mais precocemente expostos ao espaço público, e mais vulneráveis à violência urbana. Alexandre: “*gosto de jogar sinuca, tomar cerveja, reunião de amigos e malhar*”. Por outro lado, a facilidade de transitarem neste espaço, gera um maior interesse por esportes o que é salutar. As meninas muitas vezes ficam aprisionadas ao espaço doméstico, marcado por obrigações e tarefas que na maioria das vezes ainda sobrecarregam as mulheres.

Nas últimas décadas, temos assistido que valores e crenças sobre masculinidade e feminilidade, supostamente cristalizadas, passaram a ser questionados e desconstruídos, sobretudo pelas mulheres, na intenção de se estabelecerem relações mais igualitárias, segundo Arrais (2005).

Segundo Arrais (2005), os movimentos feministas contribuíram de forma significativa para a transformação de valores e práticas sociais nas relações de gênero. O movimento passou a ser identificado pelo seu esforço histórico, individual e coletivo, formal e informal, de se opor à subjugação da mulher ao homem. Segundo Gilligan (2003), numa convergência histórica, o movimento pelos direitos civis, que impulsionou um consenso moral contrário à escravidão, foi acompanhado pelo movimento pacifista e pelo movimento das mulheres, desencadeando um debate sobre a liberdade que incluía libertar-se de ideais arraigados de masculinidade e feminilidade.

Nestes contextos, o processo de identificação do menino com o pai alcoolista é carregado por simbolismos culturais associados à ingestão de bebida alcoólica. Observa-se, entretanto que as meninas, em função das questões de gênero, apresentam uma maior tendência de investirem mais intensamente nas relações afetivas, o que cria uma maior vulnerabilidade psicológica nas meninas, se estas relações forem fontes de sofrimento devido a decepções, frustrações, desconfiança ou mágoas.

Torna-se fácil concluir que aspectos de uma identidade de gênero tão profundamente arraigados, por meio de sua reprodução por sucessivas gerações, não mudariam tão rapidamente nem tão facilmente, apesar de todas as desigualdades entre homens e mulheres que se têm produzido e perpetuado.

Segundo Petry, Kirby e Kranzler (2002), famílias de alcoolistas apresentam evidências de uma maior vulnerabilidade em termos de nível de impulsividade, considerando que a dependência alcoólica apresenta um claro componente familiar. Petry e Cols (2002) concluem que história paterna de alcoolismo afeta intensamente as filhas de alcoolistas que apresentam altas taxas de impulsividade. O estudo encontrou taxas de impulsividade entre filhos e filhas de alcoolistas. O baixo nível de tais efeitos nos filhos homens sugere diferentes mecanismos de enfrentamento do problema em função do gênero.

O papel de gênero reúne as expectativas, os modelos de comportamento social apropriados para pessoas de um e outro sexo, segundo Ramires (1997), é estabelecido pela estrutura social como se fosse natural de cada um dos gêneros. Toda cultura tem traçado o que espera da feminilidade e da masculinidade de seus membros, de maneira tão rígida que chega até a formação de esteriótipos.

No caso de famílias de alcoolistas, esta carga pode se tornar pesada, já que as mulheres ficam bastante responsabilizadas pelo cuidado, pela tolerância e pela consciência e explicitação do sofrimento familiar. Já os homens parecem negar esta carga de sofrimento e negar também os problemas associados à ingestão de bebida alcoólica. Os homens parecem assumir a importância do prazer associado à embriaguez e associado ao lugar de poder e força. Neste contexto, os adolescentes podem ter dificuldades em realizar escolhas mais compatíveis com suas próprias

expectativas. Os meninos ficam mais vulneráveis no que tange à própria corporiedade, pois o foco de sua identificação com a figura paterna seria a busca de prazer e de liberdade e enquanto as meninas parecem ficar bastante vulneráveis, em termos das emoções, apresentando grandes expectativas em relação a suas escolhas afetivas. Ronaldo: “ *Minha mãe era sempre aquela que cuidava de todo mundo, mas necessitava de mais cuidados. Por outro lado, será que ela não percebia as coisas, em que mundo ela vivia?*”; “ *Lamenta ter deixado de fazer algumas coisas por insegurança ou por pensar no que os outros vão achar*”, Ana Marta.

A importância das relações interpessoais para as meninas, na verdade, confirma uma visão de mundo e de realidade onde o foco é a dimensão humana, subjetiva e vivencial. Na verdade, os fatos só passam a ter valor na medida em que são significados e conotados pelas pessoas. Neste sentido, deixam de ser fatos unívocos e passam a ser fenômenos interpretáveis pelo aparato perceptual das adolescentes estudadas e condicionados pelas nuances do processo de socialização.

A experiência nos ensina que as meninas são mais vulneráveis do que os meninos no que tange a relacionamentos, já que se mostram mais sensíveis, disponíveis e envolvidas. A forte ligação com a figura paterna pode gerar grandes conflitos intrapsíquicos e interpessoais e a grande dependência da figura materna pode eternizar determinadas vivências emocionais.

“*Com minha mãe reclusa em seu sofrimento, buscávamos uns nos outros a força para enfrentar aqueles dias*”, Laurinda.

Os conflitos não parecem gravitar em torno da figura materna e algumas mães são vistas como heroínas de forma bastante idealizada, em decorrência da capacidade de tolerar tanto sofrimento de forma crônica, o que confirma o imaginário cultural acerca do gênero feminino. O sofrimento nestes casos pode ser considerado quase que como uma bandeira existencial a ser ostentada, como um triunfo. Ocorreria um processo de iconização do sofrimento de mulheres cuja identidade é pautada na co-dependência do alcoolismo do marido. Podemos também pensar no sofrimento das mulheres, cujo o pai é o alcoolista e como este fato afeta os papéis de gênero e as relações afetivas das meninas.

A construção de traços marcantes na subjetividade dos adolescentes poderia ser pensada através da relação de alguns adolescentes com a figura materna, já que em muitos, observa-se um afastamento do pai permeado por medo, ressentimento, vergonha e culpa.

Vale ressaltar o fenômeno de filhas de pais alcoolistas se casarem com alcoolistas. Parece que as mensagens que as filhas receberam dos pais comprometem suas vidas e suas percepções dos relacionamentos com eles, assim como as mensagens que algumas mulheres receberam de seus maridos; além disso, algumas mulheres apresentem uma predisposição a uma comunicação rígida quando interagem com seus pais e maridos.

Larson e Thayne (1998) encontraram resultados que indicam que filhos de alcoolistas apresentam opiniões mais negativas em termos de sentimentos, opiniões acerca do casamento do que jovens sem antecedentes familiares de alcoolismo. Eles geralmente se sentem menos preparados para o casamento e expressam necessitar um tempo suficientemente mais longo para estarem prontos para o casamento.

Larson e Thayne (2001) avaliou atitudes e nível de satisfação nos relacionamentos filhos de alcoolistas. Resultados indicaram que meninos filhos de alcoolistas reportaram menor nível de intimidade intelectual, menor nível de confiança e de satisfação do que meninos que não oriundos de famílias alcoólicas. Já entre as meninas, este autor não encontrou diferenças entre filhos de alcoolistas e o grupo de controle. Os resultados sugerem que meninos filhos de alcoolistas apresentam dificuldades nos relacionamentos interpessoais com o sexo oposto.

A análise das frases de Rose me pareceu também elucidativa para o processo de compreensão da construção da subjetividade em meninas filhas de alcoolistas considerando a questão do gênero.

Completamento de Frases:

Coisas que agradam: o pai não beber

Coisas que não agradam: o pai beber

Vida daqui a dez anos: ser feliz

Meus maiores temores: orar e pedir a Deus uma vida melhor

Coisas que gosta de fazer: conversar com amigas

Lamento: este mundo muito violento

Escola: diversão

Sofro: brigas familiares

Casamento: não penso nisto agora

Necessito: de paz familiar

Odeio: quando o pai bebe

Amor: é que existe de melhor

Eu me deprecio: quando alguém me responde mal

Trata-se de adolescente sensível e sofrida; às vezes triste em decorrência dos fortes conflitos familiares. Estes traços parecem lhe trazer muita dependência das outras pessoas e sua visão de mundo parece ser bastante influenciada pelos outros e pelos traços de religiosidade, já que ela espera que Deus irá lhe salvar de todas estas dificuldades. Os constantes conflitos familiares lhe trazem provavelmente outros entraves nas suas relações interpessoais.

Sua vida afetiva parece gravitar em torno da figura paterna. Neste sentido, o fator gênero parece influenciar no padrão de relação estabelecido entre pai e filha. Uma forte ligação marcada por empatia e dependência mútua.

No caso da Rose, é patente a presença de uma ligação com o pai marcada pela compaixão, pela pena, pelo amor e pela tristeza. Aspectos inconscientes geralmente ficam latentes e reprimidos, mas acabam por influenciar muito as futuras escolhas afetivas destas meninas. “*Sinto falta de atenção e compreensão*” Vivian; “*Me sinto sozinha e sinto falta de amigas*” Rose.

Rose parece assumir algum tipo de rivalização com a mãe. Em nenhum momento ela cita a mãe. Assumir o papel de protetora do pai pode ser uma forma de exercer precocemente um papel materno ou de se contrapor à figura materna. O forte desejo de ajudar alguém aliado a uma baixa diferenciação de ego e uma baixa auto-estima pode acabar gerando escolhas afetivas imaturas. O risco de filhas de alcoolistas acabarem se casando com outro alcoolista é grande já que significa a possibilidade de reedição de conflitos inconscientes não resolvidos e não elaborados, como fica claro no caso de Rose.

A fragilidade no processo identificatório feminino decorrente da falta de qualidade da relação com a mãe pode intensificar o sofrimento de se tornar mulher, neste contexto. Inclusive em relação ao significado do casamento, Rose tenta fugir do tema, dizendo que nunca pensou nisto. Paradoxal já que parece estar casada com o pai, casamento este que não lhe traz muitos benefícios, pois se sente só, deprimida, sem carinho, sem compreensão e atenção.

O pensamento de Rose apresenta um forte tropismo pelo tema da religiosidade. Sem dúvida, são válidas todas as estratégias de enfrentamento do sofrimento, a religiosidade representa uma delas. Segundo Jaspard (2004), quando se estimula a aproximação da questão do sofrimento humano com o campo religioso da vida, ela se torna muito interativa e ocasiona representações muito diversas, que se mostram em relação direta com a configuração precisa da atitude religiosa das pessoas. “No campo religioso, a queixa do sofrimento se revela realmente polifônica e as vozes podem ser muito discordantes. O sofrimento pode suscitar a dúvida, como pode alimentar a confiança” (Jaspard, 2004, p. 209). No caso da menina Rose, parece que o sofrimento, aumenta a sua fé, o que representa uma saída ou possibilidade legítima para suas escolhas.

Enfim, no que tange às questões de gênero, minha hipótese parece ter sido confirmada, na medida em que observamos que o sofrimento de filhos de alcoolistas apresenta múltiplas significações e desdobramentos considerando-se as questões de gênero.

5.9 A importância das redes sociais e da escola para a construção da subjetividade

Não podemos esquecer do valor da escola no processo de construção da subjetividade destes adolescentes, mas é impossível não lamentar o esvaziamento desta instituição e de seu poder de influência na vida deste grupo. As representações da escola, para os adolescentes estudados, mostraram-se bem plurais, como pode-se perceber nas seguintes frases: “ *Quem vai tem um objetivo ou uma fuga como meta*” Luciano; “ *único momento do dia que estou bem , que posso ser realmente quem sou. Escola é uma espécie de liberdade*” Ana Marta; “ *Tenho tido pensamentos confusos, causando dificuldades de concentração*” Ronaldo. A escola pode ser lugar de alegria e de crescimento, mas também pode ser reveladora de problemas e neste sentido anunciar o risco de fracassos.

González Rey (2004) afirma que a escola é uma instituição social eficaz, pois é nela que o indivíduo da sociedade contemporânea vivencia praticamente toda sua infância e grande parte de sua juventude. Pena que em nosso país esta instituição está muito longe de realizar sua tarefa que como González Rey (2004) afirma deve assumir um enfoque personalizado de educação o qual preconiza que, tão importante quanto a aquisição de conhecimentos, é a formação de um indivíduo seguro, criativo e interessado, que saiba fazer do conhecimento adquirido um sistema personalizado, aplicado às diferentes exigências que a vida lhe apresenta.

E lamentável que a escola seja o lugar privilegiado para o fracasso: “*Fracasso às vezes com nota e com futebol*”, Ronaldo; “ *É quando não consigo tirar notas boas na prova*” Ana Marta. A pedagogia do medo reduz o processo de ensino e aprendizagem às notas e aprisiona o olhar do estudante para o medo da reprovação, que seria a materialização do fracasso. A escola deixa de ser lugar de aprendizagem e troca e passa a ser lugar de medo e de opressão.

O hábito da leitura parece ser praticamente inexistente e incapaz de concorrer com outros hábitos que exigem menos reflexão e introspecção, além de ser elitista na medida em que os livros são caros e as bibliotecas raras, neste contexto social. A leitura não acontece, seja pela falta de estímulos e valorização, seja pela própria falta de recursos ou finalmente pela ausência de significados.

No que tange a dificuldades escolares, filhos de dependentes de álcool apresentam menores escores em testes que medem a cognição e habilidades verbais, uma vez que a sua capacidade de expressão geralmente é prejudicada, o que pode dificultar a *performance* na escola e em testes de inteligência, além de apresentar empobrecimento nos relacionamentos e desenvolvimento de problemas comportamentais (Sher, 1991; Sher, 1997; Furtado & Cols, 2002; Moss & cols, 1995). Esse citado empobrecimento cognitivo em geral se dá pela falta de estimulação no lar, gerando dificuldades em conceitos abstratos, exigindo que essas crianças tenham explicações concretas e instruções específicas para acompanhar o andamento na sala de aula.

Nem a escola nem a família parecem assumir a responsabilidade pela formação intelectual e ética desses adolescentes, que acabam se mostrando mais vulneráveis. Alguns relatos ilustram este processo de banalização do conhecimento: “*A leitura é importante mas não costumo ler muito*” Ronaldo; “*A leitura não penso nisto por agora*”, Rose; “*Leio de vez em quanto quando os professores mandam*”, Ana Marta; “*Na escola me sinto inquieto e tenho vontade de sair*”, José Arthur.

A escola além de promover o sentimento de pertença parece funcionar como lugar de escape e fuga de uma realidade muito desagradável, mas não como espaço de construção de conhecimento: “*Gosto de minha turma, me sinto bem com grande parte de minhas amigas*” Ana Marta; “*Eu sabia que quando descesse do ônibus escolar é como se fosse de um mundo para outro*” Ronaldo.

Apenas o Luciano afirmou que ele mesmo é fonte de exemplo na escola e que a leitura significa um dos maiores prazeres de sua vida. Até que ponto seus sofrimentos, suas vivências

familiares, o tipo de estimulação ambiental o ajudaram a construir esta perspectiva diferente marcada por resiliência e esperança representa temática instigante.

Fatores como falta de disciplina, falta de intimidade no relacionamento dos pais e filhos e baixa expectativa dos pais em relação à educação e aspirações dos filhos também contribuem para o desenvolvimento de problemas emocionais, bem como o consumo de substâncias psicoativas (Furtado & Cols,2002).

Fica o desafio de conseguir impedir o crescente esvaziamento do sentido formador e instigante da escola na vida destes adolescentes, até porque eles esperam de nós alguma atitude:

“não gosto de estudar mas preciso, senão não chego a lugar nenhum” José Arthur.

5.9.1 A terceira zona de sentido: a gênese familiar do sofrimento de adolescentes

Neste momento, pretendo através de ênfase na leitura sistêmica, correlacionar aspectos inerentes à dinâmica destas famílias e o agravamento do sofrimento vivenciado pelos adolescentes, neste contexto. Ao pensarmos no sofrimento de adolescentes, visualizando suas redes de relações, e desta forma transcendendo a uma realidade puramente biológica e genética, buscamos um olhar que não gere dicotomias entre as dimensões psicológica e social e interprete as múltiplas significações desta realidade, e neste sentido é fundamental inserir a família no centro de nossas discussões.

A visão sistêmica não encara o alcoolismo como apenas uma doença de etiologia orgânica e que pode ser transmitida geneticamente, mas consegue visualizar o papel da sociedade e da família na manutenção do alcoolismo que passa a ser visto como sintoma social e familiar carregado de significados: *“ Alcoolismo é doença da família toda, do pai de querer mentir e da família de querer controlar”* Vivian.

Apesar do significativo volume de informações sobre alcoolismo, a principal abordagem está direcionada ao ser alcoolista. Mesmo estando arraigado na rede de interações familiares, ainda

faltam ações concretas que contemplem a família. Cônjuge e filhos raramente são lembrados. Eventualmente seus nomes e idade são registrados na anamnese inicial. Há uma vaga consciência de que eles existem, como também, um sentimento de que deveria ser feito algo. Entretanto, esta lacuna existe segundo Edwards (1995).

Através desta zona de sentido pretendo elucidar como estas famílias parecem possuir uma larga influência na vivência emocional de seus filhos adolescentes. Parece que o sofrimento aumenta e potencializa o poder desestruturador de famílias disfuncionais na construção da subjetividade de seus descendentes, que por sua vez sofrem influências deste sistema. Através de uma circularidade disfuncional o sistema familiar deixa de ser ninho e passa a ser um grande nó a ser desatado.

Neste sentido, concordo com Miotto (1999) quando esta autora pondera que *a priori*, a família não é o lugar da felicidade. Trata-se de uma ideologia, que foi fortalecida entre fatos naturais e a família e pelo envolvimento afetivo que ocorre entre seus membros, minimizando a indiferença de uma sociedade industrial, cada vez mais materialista e desumanizada. O mito e ideologia de felicidade ficam claros nos seguintes relatos: “*Eu vou casar ter dois filhos e ser feliz com minha mulher*” José Arthur. José Arthur, por outro lado, também denuncia a frieza e o abandono marcante desta sociedade industrial: “*Lamento a pobreza, a gente não tem como se divertir nos lugares bons, como nos shoppings*”. José Arthur nos fala de suas preocupações e se revela bastante lúcido: “*me preocupo com a falta de trabalho, briga dentro de casa, os amigos que também bebem*”.

Na maioria das vezes, os filhos sofrem com uma interação familiar negativa e um empobrecimento na solução de problemas, uma vez que essas famílias são consideradas desorganizadas e disfuncionais (Halpern, 2002). Aproximadamente um em cada três dependentes de álcool tem um histórico familiar de alcoolismo, e a probabilidade de separação e divórcio entre casais é aumentada em três vezes quando essa união se dá com um dependente de álcool (National Association for Children of Alcoholics, 2003). Posto isto, observa-se a forte influência da dinâmica familiar nas vivências emocionais dos adolescentes.

Abordar o tema da família é algo convidativo e desafiador, mas vou abordá-lo de maneira restrita e focada, já que em meu estudo o tema da família aparece como um grande pano de fundo contextual. A literatura é vasta e oferece inúmeros enfoques. O mundo familiar é palco de inúmeros olhares, e as teorias muitas vezes parecem ambíguas. Ao ler a tese de doutorado de Ileno Izídio da Costa, um admirado colega contemporâneo de formatura, me identifiquei com seu posicionamento diante da impossibilidade de se esgotar o tema da família e do sofrimento:

“A complexidade da experiência do vínculo chamado de familiar, assim como a diversidade de suas expressões, gera diferentes formas de ser, de existir, de sofrer. E isto não é redutível nem às definições operacionais, nem às caracterizações existenciais únicas, em especial as de cunho (newtoniano, cartesiano) linear. Assim, afirmamos que ‘família não existe’ para reforçar que devemos nos deter menos ao conceito de família e estarmos mais preparados para suas transformações, diversidades vinculares e múltiplas possibilidades de construção do crescimento (ou do sofrimento) humano”(Costa, 2002, p. 196.).

5.9.2 A Disfuncionabilidade do Sistema Familiar e o Desafio de Mudança

Neste estudo, nos concentramos em um tipo determinado de sistema de família. Steinglass (1989), ao utilizar este termo, pode sugerir que é possível que toda a família “ tenha alcoolismo”. Isto não significa que todos os membros da família sejam bebedores, mas ao mesmo tempo, significa que existe um ambiente, um contexto identificado como bebedor (pelos outros da família e pelo mundo exterior). A percepção que Ronaldo tem de sua família sofre a influência do preconceito social que marca sua família: *“Sofro quando vejo meu pai nessa situação e as pessoas falando dele”*.

É fato que o “ambiente alcoolista” afeta de forma negativa os descendentes de alcoolistas, pois crianças filhas de alcoolistas experimentam tensão e competitividade com seus colegas e quanto mais velhas possuem dificuldades em construir e manter amizades, o que fica claro no relato de Vivian: *“me sinto sozinha e sinto falta de amigas”*.

Pesquisas realizadas anteriormente comprovaram a hipótese de que toda a família é afetada pelo alcoolismo (Trindade,1994). O relato de Luciana, paciente de um grupo multifamiliar do PISAS sobre o ambiente familiar é bem elucidativo do caos do sistema e dos benefícios da terapia de grupo:

“ De longe eu vejo diferente do que via lá dentro. Já estou dormindo e antes não conseguia dormir. Meu marido deu uma paulada na cabeça de um de nossos filhos, quando eu vi fui chamar a polícia imediatamente. Convivo com uma aceitação artificial, porque me dói”.

A perspectiva sistêmica se mostra bastante elucidativa, neste momento, já que permite a visualização do interjogo constante existente entre os diversos subsistemas, os conflitos de poder que se perpetuam através do conflito conjugal, a questão dos papéis parentais, as disfunções transgeracionais, entre outros.

Segundo Trindade (1994), nos últimos anos tem surgido um ponto de vista mais empático, no que se refere a famílias com membros alcoólicos:

“ Os clínicos e investigadores orientados para o enfoque de família tem se embasado no crescente interesse pela teoria do sistema de família e em conclusões extraídas da investigação da interação familiar, para sugerir que as famílias com membros alcoólicos constituem sistemas condutores de enorme complexidade, com notável tolerância para o *stress*, e com ocasionais estalos de condutas criativas de adaptação, que provoca assombro e admiração nos observadores” (Trindade, 2004,p. 45).

A análise do padrão de funcionamento familiar referente a famílias disfuncionais e sintomáticas poderia nos ajudar a compreender o sofrimento de filhos de alcoolistas, já que os papéis mostram-se cristalizados e rígidos. Steinglass (1977) fala de uma sensação de congelamento do sistema familiar, pois nada de novo parece acontecer. Os pais são mobilizados por um grande medo de perdas ou saída dos filhos e apresentam dificuldades de delimitação do limite de independência para os filhos. Em famílias disfuncionais, a situação piora já que os filhos parentalizados assumem inúmeros papéis como guardiões da frágil homeostase familiar.

Segundo Penso e Sudbrack (2004), a parentalização ou parentificação temporária é um arranjo natural e legítimo nas famílias sem necessariamente acarretar prejuízos para o funcionamento do sistema familiar, constitui a base da identificação da criança com os pais, já que a criança não se identifica com os pais, mas sim com a posição parental. Para Miermont (1973), as dificuldades neste processo surgem quando esta parentalização deixa de ser temporária. Ou seja, quando os pais,

não podendo assumir seu papel parental e seu lugar de orientação, controle e tomada de decisões, confiam esta posição ao filho de forma sistemática.

Neste sentido, o processo de adolecer pode representar elemento deflagrador de crises e potencializador dos sintomas do alcoolismo na família. A adolescente Rose expressa o grande desejo de mudar o quadro familiar: “ *Gostaria de no futuro estar casada, com uma família unida, eu formada em medicina, uma família diferente da minha agressiva*’.

Em famílias onde qualquer mudança nas relações é percebida como ameaçadora, é observada uma progressiva rigidez do esquema interacional presente e da função de cada membro. Os papéis tornam-se cristalizados em interações estereotipadas, com a simultânea evitação de experiências e informações novas e diferenciadas, e a patologia do indivíduo passa a manter o sistema e o funcionamento familiar (Andolfi, Ângelo, Mengghi e Nicolo-Corigliano, 1984).

5.9.3 A Expressão do Sofrimento na Família

A maneira como cada pessoa se comporta diante do sofrimento ou se cuida depende de convenções sociais; cada cultura possui uma linguagem própria de sofrimento e cada grupo constrói expectativas específicas sobre os motivos do sofrimento e, portanto, das práticas de alívio do sofrimento. É interessante perceber a grande dificuldade de abordagem direta do sofrimento no caso dos meninos, como fica claro no relato de Ronaldo: “*Quando me sinto triste, comunico o sentimento não com palavras. Isto é, com expressão facial, postura, voz e tendência ao choro*”.

Castro e Silva Filho (1993) apontam que em decorrência das complicações psíquicas como a irritabilidade, agressividade, prejuízo na compreensão e alteração da visão de mundo, o alcoolista vai provocando dificuldades no seu relacionamento familiar que se vão agravando com o tempo.

É observável como os adolescentes acabam por transferir para o grupo familiar o sofrimento individual ou pelo contrário, introjetam e absorvem o sofrimento do grupo familiar. Neste sentido, não se colocam como vítimas e sim como integrantes de um grupo caracterizado como sofrido. O sofrimento é inegável e acaba sendo explicitado, quando os adolescentes são convidados a falar e

descrever a família. O sofrimento acaba fazendo parte inevitável da identidade familiar, conceito oriundo da teoria contextual de Bozsormenyi-Nagy. O sofrimento é inserido visceralmente na história familiar e no discurso dos sujeitos estudados.

Segundo Bozsormenyi-Nagy e Spark (1976), a identidade de família é considerada como sendo uma série de impressões compartilhadas, que a família constrói a respeito de si mesma e do mundo exterior, e que representa quase sempre valores e condutas herdadas das gerações anteriores, e em parte, inovações do casal. Neste sentido, o sofrimento representa um valor familiar e constitui elemento fundamental para a compreensão da psicodinâmica individual e familiar, pois representa uma fonte de lealdade com grupo familiar e ao mesmo tempo representa um elemento estruturador de ideologia persistente marcada pela dor. Neste sentido, a família vira lugar de tristeza, o que deve ser considerado quando pensarmos em intervenções terapêuticas nestes sistemas. Sem entrar em uma luta de forças com a família, o terapeuta deve ser porta-voz de sentimentos positivos, que transcendam a tristeza e deve ser um potencializador da resiliência intrínseca ao sistema familiar. A dialéctica da felicidade pode substituir a ideologia do sofrimento e dos lutos perenes.

A lealdade é definida como um determinante motivacional, de origem dialéctica e multipessoal, representando segundo Bozsormenyi – Nagy e Spark, (1976) uma verdadeira fábrica invisível de expectativas do grupo, e não uma lei manifesta. “As fibras invisíveis da lealdade consistem, de uma parte na consaguinidade, a salvaguarda da linhagem familiar e biológica, e de outro, do mérito adquirido pelos membros” (Bozsormenyi- Nagy e Spark, 1976, p. 60).

Nos seguintes relatos descritivos do grupo familiar dos adolescentes estudados, aparece a palavra sofrida, tais quais: “ *Acho que a minha família foi muito sofrida, com poucas oportunidades e muito castigada*” (Ana Marta); “ *Descrevo a minha família como uma família simples. Sofrida, mas com boas intenções*” (Luciano); “ *minha família é problemática*” (José Arthur); “ *Vejo minha família como uma família honesta, trabalhadora, pobre e alguns gostam de cachaça*” (Rose).

Outro aspecto referente à gênese familiar do sofrimento em filhos de alcoolistas refere-se aos segredos familiares e aos bloqueios de comunicação, que aliás fundam um contexto criador de mentiras, terreno fértil para outras drogas. Vários autores revelam que os filhos de alcoolistas

apresentam déficits em todas as dimensões de competência comunicativa, tais como clareza comunicativa e auto-referência. Ana Marta fala de como o alcoolismo paterno se tornou um segredo: “ *Eu acho que não contei a ninguém sobre o alcoolismo de meu pai, só para as pessoas que eu tinha certeza que não o encontrariam..*”.

Como membro da família, o filho de alcoolista tem um ponto-de-vista, tem uma percepção quanto aos acontecimentos. Entretanto, nesse sistema defeituoso, as perspectivas não são livremente discutidas ou compartilhadas com pessoas de dentro e de fora da família. O único modo de conhecer a semelhança ou divergência entre nossas perspectivas e dos outros é a comunicação explícita. Entretanto, para o agravamento do sofrimento a literatura indica que filhos de alcoolistas não conseguem comunicar explicitamente e findam por “empilhar” perspectivas num sistema fechado, Steinglass (1989).

Lembro-me do caso de um jovem de 15 anos, que durante uma entrevista relatou a impossibilidade de “ver” ou de “olhar” para sua infância. Ele “sabia” em termos racionais que na infância ocorreram cenas dramáticas ligadas ao alcoolismo paterno. Passaram-se anos e seus olhos continuam sem brilho e amedrontados. Ironicamente, ele desenvolveu uma doença degenerativa que vem prejudicando gradativamente sua acuidade visual. Conversamos sobre isto e ele fala com esperança de um óculos capaz de dar-lhe mais segurança. Esses óculos precisam ser super-resistentes, pois têm que ter uma armação especial.

Na verdade, a estratégia do novo óculos, poderia ser substituído por um amadurecimento psíquico e por todo um processo de mudança que proporcionaria uma nova visão de mundo, novas concepções de ser humano, e uma vida menos embaçada com mais brilho e mais segurança. A insegurança pode representar uma grave seqüela psíquica, um fantasma a ser debelado, o que fica claro nas palavras de alguns adolescentes, que demonstram grande ansiedade e medo do fracasso como fica claro no relato de Ronaldo: “ *Quando tirei zero na prova e fiquei com medo de mostrar para minha mãe. Minha mãe não confia mais em mim*”. O fracasso escolar, a intensidade do sofrimento decorrente do envolvimento com as brigas dos pais, a baixa auto-estima, os sentimentos

de inferioridade e vergonha da condição de seu pai parecem criar grandes vieses no olhar dos filhos de alcoolistas diante da vida.

Na perspectiva sistêmica, o sintoma de um dos membros da família, tal como o fracasso escolar, é compreendido como fenômeno relacional com uma função no e para o sistema familiar, surgindo quando a família apresenta dificuldades no seu processo de desenvolvimento ao longo do ciclo vital. O sintoma, ao mesmo tempo, que regula o sistema, também denuncia suas dificuldades e enfrentar crises específicas e indica a necessidade de mudança no funcionamento familiar, devendo ser compreendido como uma busca de solução para as dificuldades vividas.

5.9.4 O Alcoolismo Paterno e a Vivência da Paternidade

O alcoolismo paterno traz profundas repercussões dentro da família, podendo também ser visto como um sintoma de desequilíbrios transgeracionais. A “contabilidade” transgeracional da família produz dívidas, débitos e alguns créditos. Muitas vezes, a “moeda” que circula dentro da estrutura e dinâmica familiar é o próprio alcoolismo ou outras patologias crônicas. Alguns indivíduos são sacrificados, outros eleitos e o legado familiar pode se tornar pesado. A tristeza se cristaliza e cede lugar à doença. Como fica claro o peso de uma tristeza transgeracional nos seguintes relatos: “ *A tristeza derivada por um acontecimento não esclarecido, é como se sentir que tudo que você faz os outros não reconhecem.*” Rose; “ *às vezes, sinto um estado de solidão que representa um momento de repensar em tudo que lhe já aconteceu, é um choro sem motivo*” Ronaldo.

Em relação à figura paterna, a análise das respostas é bem conclusiva no sentido de mostrar que os adolescentes, de uma maneira bem geral, apesar de serem ressentidos, também conseguem mostrar gratidão. Os sujeitos explicitaram admiração e conseguiram encontrar qualidades nos pais, o que não ficou visível no instrumento fechado de família, mas ficou patente nos seguintes relatos: “*Meu pai sempre foi insuportável. Ele é honesto e odeia falar da vida alheia. Ele bebia chegava em casa agressivo*” (Rose); “ *Meu pai causava grande alegria quando chegava, mas depois era ruim*

porque ele bebia” (Ronaldo); “ *Com todos seus problemas conseguia superar o dia a dia*” Vivian; “ *Ensinava mas se ausentou*” (José Arthur).

É importante perceber que o fato de o pai ser alcoolista não destrói por completo a imagem desse pai para o filho adolescente. É importante para o adolescente poder admirar o pai, visualizar qualidades e aspectos positivos. Sem dúvida, o alcoolismo dificulta muito este processo, tanto para o menino quanto para a menina. Parece que muitos sentimentos ficam reprimidos principalmente os afetos positivos, tais como: saudade, carinho, amor. A expressão destes sentimentos torna-se obstruída pelo nível de conflitos, de violência, de sofrimentos familiares e pela deformação da imagem referente à figura paterna. Configura-se praticamente um trauma emocional para alguns adolescentes o alcoolismo paterno, o que pode gerar em alguns uma verdadeira aversão a situações, momentos que estejam associados ao alcoolismo.

A expressão dos afetos negativos, tais como mágoa, ressentimentos, raiva e revolta, fica mais explícita, quando consideramos a violência intra-familiar na fala das meninas e meninos: “.. *me sinto bem com minha família em público sem meu pai. Se meu pai estiver presente não me sinto bem. Eu sinto vergonha*” (Ana Marta); “ *Quanto ao meu pai, aos poucos resgato o que ele significou para mim. Ainda não consigo dissociá-lo da figura do alcoólatra*” Laurinda. “ *Os finais de semana eram os piores momentos, meu pai bebia e nós tentávamos fugir sempre*” (Ronaldo).

Pude observar, nos diversos relatos, uma grande parcela de sofrimento associado também ao desamor, ao sentimento de falta de amor, de carência e de rejeição dentro da família. A família deixa de nutrir afetivamente seus membros A identificação de uma demanda: por atenção, carinho e afeto podem estar associados às marcas geradas pela grande carência afetiva relacionada ao pai em alguns adolescentes. José Arthur relata sua tristeza e carência: “ *Sinto um verdadeiro vácuo existencial somado com a profunda solidão resultando em uma quase irremediável tristeza*”.

Tudo parece ser superficial e frágil quando se convive com um ciclo interminável de embriaguez e sobriedade dentro de sua própria casa. A realidade parece ser flutuante e volátil.

A consciência flutuante da realidade pode também estar associada aos curtos períodos de calma presentes na família, constantemente ameaçada pelo alcoolismo paterno. O ciclo embriaguez-sobriedade gera forte insegurança, potencializada pela constante ameaça de abalo e de perda no sistema familiar. José Arthur fala do pai como indiferente e distante. Esta distância interacional parece se perpetuar para outras relações, o que inclui as relações com o mundo, com os outros e consigo próprio. O pai parece não influenciar muito na sua vida, já que não o orienta, nem é afetivo, nem tão pouco protetor. A presença paterna fica associada ao medo e ao risco da bebedeira, da embriaguez, da vergonha e a ausência do núcleo familiar.

Segundo Ramires (1997), existir e crescer num ambiente que dissocia o domínio público do domínio privado, e vincula fortemente as figuras do homem e da mulher a um e outro, certamente deixa marcas sobre a estrutura de personalidade de adolescentes futuros adultos. Esta autora afirma a necessidade de mudanças no exercício da paternidade na sociedade contemporânea, ao considerar as questões de gênero, já que transformações podem gerar novas configurações na estrutura familiar e, conseqüentemente, para a estrutura psíquica de seus componentes.

Segundo Tweed (1996), existe um clima negativo em famílias alcoólicas em função do alto nível de conflito, dos baixos níveis de coesão e de expressividade. Filhos jovens de alcoolistas descrevem a presença de um padrão negativo de relacionamento com a figura paterna. Entretanto, e contrariando a literatura clínica, a descrição de filhos de alcoolistas de seus relacionamentos com suas mães não diferem de relatos de jovens oriundos de famílias não alcoólicas. Filhas adultas de alcoolistas reportaram, entretanto, um relacionamento negativo com seus filhos em termos de vivência de papéis, expressão de afetos e nível de controle. O estudo de Tweed traz um importante achado clínico sugerindo a importância de se buscar uma maior valorização da relação materna com seus filhos nestes sistemas. O estudo mostra também, de forma indireta, o risco de transmissão transgeracional de um padrão disfuncional de relação entre pais e filhos.

A função paradoxal do sintoma alcoolismo nos ajuda a compreender o fato de que, apesar da fragilidade do casamento dos pais, eles não se separam. Se por um lado o alcoolismo ameaça o equilíbrio familiar, por outro, permite a manutenção de casamentos conflituosos, alivia a tensão e

ansiedade do pai e permite trocas e diálogos mais reais, apesar de marcados por raiva, culpa e ressentimento. A família se mantém ao longo das gerações apesar e através do alcoolismo, já que a afetividade do casal parece estar muito esvaziada e empobrecida. Este paradoxo fica claro na fala de José Arthur: *“As contradições: meu pai bebe, destrata minha mãe e não larga dela”*.

5.9.5 A importância da Figura Materna na Manutenção da Homeostase Familiar

A figura materna nestas famílias parece ser fundamental para a manutenção de uma homeostase ou para a redução de danos psicológicos nos filhos, o que vai depender do grau de saúde psíquica destas mulheres. A figura materna nestes sistemas parece ser bastante idealizada pelos adolescentes, como podemos observar nos seguintes relatos: *“...Minha mãe foi o pilar, a pessoa que superou, que gerou a família, ela sempre tentou poupar a gente o que ela pode”* (na Marta); *“...Se preocupou com o bem estar dos filhos”* (Vivian). Estes relatos mostram toda a gratidão e afeto dos adolescentes em relação a uma figura materna protetora e cuidadosa.

Até que ponto o sofrimento decorrente do alcoolismo paterno faz com que se forme uma excessiva idealização da figura materna é uma questão importante a ser considerada. A admiração pela mãe representaria uma forma de compensar a falta de admiração pelo pai alcoolista?

No relato de Rose, é notória a grande admiração por uma mãe quase perfeita e santificada: *“...Eu sempre preferi ela do que meu pai. Sempre foi batalhadora, sempre, sempre carinhosa e boazinha com todo mundo”*. Fica uma idéia de alguém que por um lado era bastante ativa no processo de luta pela família, mas por outro lado muito tolerante, que tinha que agüentar tudo, que tinha que ser boa com todos e que tinha que compensar a ausência do pai, o que fica claro no relato da Ana Marta: *“Meu pai era uma figura neutra, deixava por conta da minha mãe o direcionamento e a administração”*.

Segundo Souza (2005) as características emocionais e comportamentais de crianças filhas de alcoolistas, tais como timidez, retraimento e insegurança, possivelmente contribuem para que estas crianças sejam agarradas às mães. Segundo esta autora pode-se pensar na hipótese de que as mães

não tenham tempo e disposição psicológica para atender às necessidades das crianças e adolescentes ou de que as mães sejam superprotetoras, podendo assim estar moldando essa dependência e insegurança nos filhos. Esta dependência pode ser um fator dificultador para o aprendizado das habilidades para o enfrentamento de conflitos. O relato de Ana Marta corrobora a segunda hipótese, pois a adolescente atribui a mãe a sua dificuldade atual de estabelecer intimidade com as pessoas.

Nas famílias estudadas, observa-se, em primeiro lugar, que o alcoolista reage cronicamente aos efeitos do álcool, e depois a mulher codependente acaba por viver em função deste constante desequilíbrio gerado pelo ciclo sobriedade-embriaguez. Os filhos acabam coligados com a mãe. O conceito de codependência nos ajuda a visualizar a dinâmica que se instala em alguns contextos familiares.

Neste sentido, todo o grupo adoce e a família se torna um grupo disfuncional, a palavra perde o poder de veicular e transmitir, pois é enfraquecida pela mentira e pelo sentimento de desconfiança. A necessidade de controlar o outro gera rigidez de papéis e perda de flexibilidade diante dos acontecimentos. O cônjuge codependente fica aprisionado no papel de controlador do alcoolista, o que gera um círculo vicioso expresso por um padrão comunicacional disfuncional marcado por mentiras, segredos e duplos vínculos. Quanto mais a mulher pede para o marido não beber, ele se sente impelido a beber mais; o comando “não beba” ressoa paradoxalmente como um convite a mais um gole. A codependência surge como um fenômeno relacional gerado pelo alcoolismo. A adolescente Rose mostra-se bastante co-dependente do pai ao afirmar: “ *Minha vida é concentrada no meu pai*”. O risco desta postura codependente é que ela contamine as suas futuras relações afetivas.

Segundo Beattie (1992), a codependência representa uma condição emocional, psicológica e comportamental, que se desenvolve como resultado da prática e da exposição prolongada do indivíduo a regras opressivas, que impedem a expressão aberta de sentimentos e a discussão direta de problemas pessoais e interpessoais.

Percebe-se como o fenômeno da codependência – definido como ausência de autonomia e independência no que tange a vivências, emoções e sentimentos – acaba por gerar grandes

aprisionamentos na relação do cônjuge ou familiar com o dependente químico e/ou alcoologista. A codependência é enfocada como uma doença que afeta toda a família, inclusive os filhos.

5.9.6 Os Papéis Vivenciados pelos Filhos nestes Sistemas

Segundo Stamm (2005), os filhos desempenham alguns papéis específicos neste sistema marcado pela codependência. O ‘herói’ da família é geralmente o papel desempenhado pelo filho mais velho. Tem uma conduta exemplar, cuida dos irmãos mais novos, bom aluno, aparentemente feliz. Com alguma frequência, logo que alcança autonomia, desliga-se da família. O ‘bode expiatório’ é aquele filho que se responsabiliza em desviar a atenção do alcoologista através de comportamentos desajustados. A ‘criança perdida’ é o filho solitário, geralmente o mais novo que comumente sente-se rejeitado.

A coligação entre mãe e filhos onera os filhos que passam a ficar parentalizados e onerados excessivamente pelos conflitos conjugais, o que fica visível no relato do Ronaldo: “ *Minha mãe era sempre aquela que cuidava de todo mundo, mas necessitava de mais cuidados. Por outro lado, será que ela não percebia as coisas, em que mundo ela vivia?*”. Fica patente a presença de um sentimento de ambivalência oriundo da vivência de ser cuidado por uma mãe carinhosa, mas por outro lado percebê-la como alienada ou muito frágil.

A coligação pode inclusive engendrar relações simbióticas entre mãe e filho ou filha e entre pai e filha ou filho. Esta simbiose enclausura o indivíduo no sistema familiar e atrapalha o processo de diferenciação do próprio eu, já relatada na literatura e observável no relato de Luciana, mãe de alcoolistas e participante de oficina multifamiliar: “ *minha vida é para estes filhos convivo com uma aceitação artificial , porque me dói*”. Inclusive Luciana relatou durante uma oficina multifamiliar que ao sair de casa e deixar os filhos sozinhos conseguiu visualizar com mais clareza o seu drama familiar: “ *De longe eu vejo diferente do que eu via lá dentro. Já estou dormindo e antes eu não conseguia dormir*”. Por outro lado, esta coligação pode ser vital para o sistema, pois um filho coligado pode impedir que o pai agrida a mãe.

Toda esta situação nos lembra o conceito de parentalização, dentro da família, de Bozormenyi-Nagy & Spark(1976). Na família parentalizada, o filho passa a cuidar dos pais, a ser “parentalizado”, a fim de responder às necessidades inconscientes dos pais de uma relação simbiótica, impedindo desta maneira que ele atinja a autonomia pós-adolescência.

A parentalização é tida como um requisito importante para o funcionamento familiar funcional e para a manutenção de uma hierarquia familiar (subsistemas de pais e filhos claramente delineados). A parentalização diz sobre a assimilação ou atribuição do papel parental a um ou mais filhos de um sistema familiar e/ou a assunção deste papel por parte do filho. Implica, como se pode constatar, a um modo de inversão de papéis que está relacionado com uma perturbação das fronteiras geracionais.

Nas famílias com filhos parentalizados, pode-se supor que as necessidades dos pais não foram satisfeitas por seus próprios progenitores e que o desejo de vê-las satisfeitas se transfere aos próprios filhos. A parentalização é, assim, uma modalidade de delegação. “A parentalização é um componente do núcleo regressivo de relações caracterizadas por um grau de reciprocidade e equilíbrio e implica a distorção subjetiva de uma relação” (Bozormenyi-Nagy & Spark,1976, p.182).

A parentalização gera uma inversão nas relações familiares, e quando ela ocorre de uma maneira muito precoce e rígida passa a ser preocupante, pois aprofunda uma carência e gera sentimentos de revolta, por se ter que fazer algo para o que ainda não se está muito preparado. A parentalização sem dúvida gera muita insegurança e está associada a situações traumáticas freqüentes quando pensamos em famílias com membros alcoolistas.

Segundo Minuchin (1982), é através dos subsistemas que o sistema familiar diferencia e realiza suas funções. O adolescente assume importante papel no subsistema filial. Segundo este autor, o subsistema conjugal é referência para o crescimento dos filhos. A expressão das interações cotidianas é para os filhos, modelo para suas relações futuras. O que a criança vê, sente, percebe, fará parte de suas expectativas e valores ao entrar e contato com o mundo exterior. Nesse prisma, se há alguma disfunção significativa dentro do subsistema conjugal, toda família será atingida.

Um fortalecimento compensatório do subsistema filial fica patente em um relato transcrito de um encontro com um grupo de adolescentes atendidas no PISAS. Pude observar uma tendência presente no subsistema filiar de maior coesão e agregação, como se fosse uma maneira de os filhos compensarem a falta de apoio dos pais e a fragilidade do subsistema conjugal e buscarem um fortalecimento diante dos problemas, o que fica claro no relato de Laurinda.

A fala da adolescente Laurinda preenche requisitos de exemplaridade para meu estudo, na medida em, que esta adolescente de 17 anos se mostrava bastante carismática no grupo. Por ser expressiva e resiliente diante das adversidades, considero suas falas emblemáticas e reveladoras:

“Nesse período, eu e meus irmãos nos tornamos muito unidos. E fomos filhos exemplares: todos bons alunos, esforçados, obedientes. Eu, especialmente, fiz todo o possível para ser a melhor filha do mundo. Queria mostrar para minha mãe que eu a amava e me sentia culpada por tudo o que acontecia. Culpa: nunca mais a senti tão pungente quanto naqueles anos. Ela trabalhava tanto e era tão sozinha – isso tinha que ser culpa minha! Mas nada podia aplacar a sua solidão. E, assim, nos tornamos todos muito solidários, esse sentimento ficou nos recantos mais íntimos dos nossos corações”, Laurinda.

Como se houvesse uma grande conspiração ou uma grande profecia que se autocumpre, passamos a tentar fixar o futuro, a acreditar ou a focar apenas o risco de adoecimento e não prestamos atenção na resiliência, na criatividade, na mudança, nos recursos intelectuais e relacionais deste grupo e do subsistema familiar nestas famílias. Fica o desafio de uma mudança de olhar, sem contudo perdermos de vista as grandes contribuições da teoria sistêmica na compreensão dos múltiplos aprisionamentos destes adolescentes gerados pela dinâmica familiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Não basta saber; é preciso aplicar. Não basta querer, é preciso fazer”

Johann W. Goeth

Após percorrer um longo caminho, acredito que neste momento a tarefa se restringe a pontuar aspectos mais relevantes e mais reveladores de meu trabalho, lembrando que as complexidades que esta tese pretendeu abordar não são facilmente reduzíveis. Historicamente este projeto nasceu de minha experiência clínica em trabalhos hospitalares e comunitários com “famílias de alcoolistas”, onde já existia uma consciência de que o sofrimento inerente a esta realidade não era passível de teorizações dogmáticas ou simplistas.

O transcorrer do tempo foi crucial para o clareamento de minha visão como pesquisadora diante desta realidade. O tempo permitiu-me uma pausa necessária para a reflexão e para o encontro de uma via eficaz de problematização do sofrimento vivenciado por filhos de alcoolistas. O caminho percorrido permitiu mudanças, mudanças em meu próprio olhar. Um novo olhar capaz de revelar singularidades, vicissitudes, vulnerabilidades e fortalezas inerentes a subjetividades dos adolescentes estudados emergiu gradativamente. Acredito que as reflexões e a problematização do sofrimento vivido por estes adolescentes não foi de todo ociosa. Sensibilizar o olhar diante dessa realidade, foi tarefa árdua, marcada por conflitos e vicissitudes.

Acredito que o estudo conseguiu dar voz aos adolescentes, já que eles são os grandes sabedores e especialistas de suas vidas. Neste sentido, evitei participar da construção de um saber restritamente técnico, impessoal. “As idéias que surgem numa comunidade tomam força e energia. Não somos só nós que as possuímos, elas também nos possuem” (Morin, 2007, p.66).

A complexidade da temática gerou o grande desafio de contemplar todos os olhares possíveis, tais como: o olhar poético, o olhar preciso, o olhar psicológico, o olhar psicanalítico, o olhar

filosófico, o olhar do fotógrafo, o olhar do cuidador, o olhar do adolescente, o olhar do sofredor, o olhar especular, o olhar médico, entre outros citados por Komatsu (2003).

Antes de iniciar esta tese, sentia que os conceitos, concepções e formas de abordagem vigentes na Psicologia não saciavam minha curiosidade de compreensão dos processos humanos associados ao sofrimento vivenciado por filhos de alcoolistas, tampouco forneciam me instrumentos investigatórios para que eu pudesse avançar em minha compreensão. Iniciou-se então uma pequena busca filosófica e epistemológica. A aproximação com os existencialistas, abriu me novas perspectivas, permitindo um resgate do valor ético e humanista do sofrimento. A reflexão epistemológica deveria, na verdade, estar presente, sempre, quando estamos buscando construir conhecimento. Precisamos desconfiar um pouco de pacotes prontos e prestabelecidos, modelos teóricos estanques e sacralizados, quando tratamos de temas associados à subjetividade humana. Os psicólogos deveriam se engajar mais no caminho tortuoso e inseguro da reflexão epistemológica.

“Quando à subjetividade como objeto de estudo, para que se tornasse possível seu estudo, eram necessárias inúmeras descaracterizações que a transformavam em objetos psíquicos homogêneos e expulsavam de vez inúmeras noções epistemológicas próprias de seu universo como a qualidade, a contradição, a singularidade e a complexidade” (Neubern, 2004, p. 24).

Como afirma Komatsu (2003), as lentes do olhar filtram, de acordo como os nossos paradigmas culturais, as luzes, as cores, os matizes, os tons. Impossível evitar imprecisões e contemplar todos os olhares e daí a necessidade de pequenos focos. O olhar possível seria aquele realizado em cada momento, em cada circunstância da vida e, no nosso caso, em cada circunstância da pesquisa.

Foi um grande desafio trabalhar com a Epistemologia Qualitativa de González Rey, seja pela complexidade de sua obra, seja pelo brilhantismo do autor, fui sua aluna, seja pelas minhas limitações pessoais. Estou ciente de que o processo de apropriação deste saber está absolutamente incompleto. Mesmo ciente destas dificuldades, perseverei.

Eu sabia que antes de tudo, como demandava a Epistemologia Qualitativa, era preciso procurar exaustivamente limpar, clarear, e fazer emergir os sentidos associados ao meu objeto de

investigação, o sofrimento de adolescentes filhos de alcoolistas, sem tampouco deixar de acreditar no grande potencial de saúde e de mudanças inerentes à vida destes adolescentes. Paradoxalmente, a tese me convidava a aprofundar-me no sofrer, o que paradoxalmente deveria lançar-me para concepções associadas à vida e à saúde. O sofrimento seria paradoxalmente o desvio de uma trajetória epistemológica aprisionada por demais em patologias e déficits na vida desses adolescentes.

A certeza de que a abordagem da Epistemologia Qualitativa permite a eclosão de uma grande diversidade de entidades e ocorrências psicológicas, que facilitam o desenvolvimento da pesquisa por enfatizar os processos de construção sobre os de respostas, os quais se transformam em informações valiosas na construção de um conhecimento mais rico e complexo, justificou minha escolha metodológica.

A complexidade da experiência da adolescência, assim como a diversidade de suas expressões, gera diferentes formas de ser, de existir, de sofrer. O sofrimento se expressa de diferentes maneiras, através de diferentes intensidades e dimensões, assumindo diferentes repercussões. Isto não é redutível nem às definições operacionais, nem às caracterizações existenciais únicas, em especial as de cunho linear.

Baseada na premissa de que a adolescência não representa uma experiência facilmente traduzível em teorias e que ao mesmo tempo representa experiência crucial no ciclo da vida, procuro alertar para o paradoxo em que a adolescência atual, de maneira geral, é vivida. Por um lado, o mito da juventude associa intensamente a adolescência, em geral, a valores hedonistas, numa perspectiva imediatista tais como: prazer, liberdade, beleza, alegria. Identifiquei a importância de reconhecermos a outra face, de marcar o lado “obscuro” da adolescência, trazendo maior visibilidade a um grupo específico de adolescentes—os filhos de alcoolistas. Este paradoxo é crucial para entendermos a profunda dialética existente entre sofrimento e felicidade.

Outro paradoxo a ser apontado é específico do grupo estudado. Se por um lado o olhar lançado pela ciência a filhos de alcoolistas pode ser caracterizado como pessimista e patologizante, nesta tese tentei mostrar que, apesar da vivência óbvia de sofrimento, esse grupo apresenta grandes

potenciais a serem estimulados. Neste sentido, gostaria de enfatizar que, embora tenha focado muito o sofrimento de adolescentes, não gostaria de ter imprimido em meu texto uma tonalidade ácida ou árida da realidade estudada. Busquei alertar para a necessidade de não nos fixarmos apenas em um lado da moeda, mas da importância de incluirmos todas as faces inerentes ao dinamismo da existência humana. Sabe-se que a dor pode ser apenas a contraface da alegria, e que muitas vezes as duas andam juntas, inseparáveis.

A necessidade de concluir e de clarear as limitações do percurso associadas à humildade de estar ciente da impossibilidade de se esgotar temática tão complexa se faz necessário. A pretensão, neste momento, é de realizar aprofundamento que promova uma maior intelegibilidade na compreensão do sofrimento vivenciado pelos sujeitos, o que não contempla grandes generalizações. Diante da complexidade, a perspectiva hermenêutica e a perspectiva fenomenológica, abriram me possibilidades de novas problematizações e interpretações.

Seria uma leviandade atribuir se apenas ao alcoolismo paterno as múltiplas formas de sofrimento vivenciadas pelos adolescentes. Os fatores sociais, culturais e familiares, –como a pobreza, o envolvimento em crimes, a violência doméstica, – são constantes, – nas famílias estudadas, o que certamente influencia no desenvolvimento da subjetividade destes adolescentes. Esta consciência deve gerar mudanças, também em termos de desenvolvimento de tratamentos terapêuticos para este grupo de adolescentes, na medida em que não se pode focalizar, apenas, as questões associadas ao alcoolismo paterno. O risco de fortalecimento de estigmas e da simplificação excessiva de realidades é evidente.

A vivência do sofrimento mostrou-se reveladora de vários aspectos da realidade estudada, mas também não deve monopolizar, nem esgotar o entendimento sobre a realidade psíquica dos adolescentes sujeitos do estudo. A constante dialética do sofrimento, ou seja, o constante intercâmbio entre sofrimento e felicidade, entre doença e saúde, entre medos e ousadias, entre silêncios e vozes, permeou todo o processo de interpretação das falas. A gradativa despatologização da subjetividade de filhos de alcoolistas deve contemplar esta dialética, na medida em que se

compreende a importância de não negar o sofrimento vivido e de encará-lo como realidade a ser transcendida e superada, e neste sentido, a felicidade e o bem estar também são realidades possíveis.

Meu estudo enfatizou a importância da Epistemologia Qualitativa para a construção de uma verdadeira ótica humanista na abordagem do problema do alcoolismo. Busquei, sobretudo, gerar novas esperanças para a construção de novas realidades familiares e sociais, e para a superação, resignificação ou mesmo apenas para atenuação de tantos sofrimentos inerentes à sociedade contemporânea e a estas famílias.

A superação do sofrimento implica o resgate do afeto, do senso de amor e de cuidado, do senso de humor, no interesse pelas questões coletivas, no respeito pela alteridade, na escuta ativa e na construção de um diálogo de melhor qualidade com os adolescentes.

Segundo Morin (2005), é preciso injetar amor na vida, para que possamos compreender os outros e a nós mesmos, já que ele é o exemplo mais cabal de união entre loucura e sabedoria. Por isso, o amor é *complexus*, algo que tenta fraterizar vida e morte, recalque e desejo. Eu incluiria também outros desafios de fraterizar dor e prazer, doença e saúde, sofrimento e felicidade, entre outros.

“O amor faz parte da poesia da vida. Devemos viver esta poesia que pode espalhar-se pela vida como um todo, e isso porque, se tudo fosse poesia, não haveria espaço para a prosa. Da mesma maneira que o sofrimento deve existir para que se conheça a felicidade, deverá também haver prosa para que haja poesia” (Morin, 2005, p. 29).

Ao longo do trabalho, tentei denunciar um certo psicologismo e também um certo vício teórico inerente à Psicologia de patologizar certos fenômenos que extrapolam a esfera teórica. Nem tudo que mobiliza e que faz sofrer o ser humano é psicológico. Denuncio um certo psicologismo que reduz fenômenos e questões filosóficas, econômicas, sociais e históricas a modelos restritos. Como nem todas as questões associadas ao sofrimento são essencialmente psicológicas ou médicas em sua estrutura e essência, nem todo sofrimento deve ser psicologizado, nem todas as dores devem ser apenas medicadas.

Segundo Moreira (2002), o estudo do comportamento humano deve respeitar, conceitual e metodologicamente, as características intersubjetivas da condição humana.

“As pessoas não apenas pensam, antecipam, agem, interagem, avaliam e ajustam, mas também fazem isso invocando linguagens derivadas da intersubjetividade e operam mais fundamentalmente dentro de realidades simbólicas sustentadas subjetivamente” (Moreira, 2002, p. 48).

Na verdade, esse novo olhar diante do humano deve ser subversivo e transgressor, na medida em que rompe com uma certa ideologia que aprisiona, que busca apenas classificar, verificar e prever. A importância da mudança de paradigmas e de visões rígidas é patente no estudo das vivências emocionais de adolescentes.

A grande psicologização e medicalização do sofrimento na adolescência impede que tenhamos uma sensibilidade mobilizadora de esperanças e de mudanças concretas. A tese busca problematizar e denunciar a complexidade dos processos, o que acaba por desculpabilizar o indivíduo sofredor. O sofrimento e sua expressão são muito reprimidos na sociedade contemporânea. Uma imensa culpa, acaba, por cercar o indivíduo sofredor que passa a ser visto como alguém perdedor, que sucumbiu às pressões da vida. A Medicina e a Psicologia, enquanto formas de saberes institucionalizados, instituem uma relação de poder que, através de uma medicalização excessiva da dor, pode também aliviar a culpa dos sofredores.

Segundo Pondé (2007), com a racionalidade moderna, o desejo assume um papel central na vida humana: trata-se de tentativa de organização da agonia humana ao redor da aposta sistemática no desejo de felicidade como critério de vida moral e existencial. O sofrimento, neste sentido, seria o grande desvio ou o grande fracasso.

O pesquisador no centro da cena – é esta a proposta ousada e otimista de Fernando Rey. A inclusão da subjetividade. Morin (2002), em seu livro “Ciência com Consciência”, denuncia a falta de responsabilidade do pesquisador perante a sociedade e perante a sociedade o homem, o que decorre da concepção clássica de ciência que ainda reina em nossos dias. A ciência positiva separa fato e valor, ou seja, segundo Demo (2002), elimina de seu meio toda a competência ética e acaba por basear seu postulado de objetividade na eliminação do sujeito do conhecimento.

Assumir esta responsabilidade enquanto pesquisadora é acreditar que as reflexões desenvolvidas neste trabalho possam contribuir para a efetivação de mudanças concretas na relação

com adolescentes, tanto no campo da clínica como na área da educação. Faz se necessária uma maior proximidade, um maior interesse e uma maior empatia no trato com os adolescentes. Faz se necessária o resgate do valor da pessoa, independente das questões de gênero. É preciso consolidar novos padrões relacionais entre homens e mulheres, superando-se o ranço da dominação masculina tão infiltrado em nossa sociedade.

As questões de gênero permeiam a própria gênese do alcoolismo, bem como sua progressão, como eu havia previsto em minha hipótese central. As mulheres ainda são as principais vítimas de homens embriagados. O ritual de ingestão de álcool ainda carrega simbolismos de virilidade e masculinidade. Os meninos ainda se identificam com pais alcoolistas, apesar de todo o sofrimento, e a resignação feminina ainda aproxima mulheres de diferentes gerações. As filhas de alcoolistas sofrem de forma diferente dos filhos de alcoolistas. Talvez elas sacrifiquem mais suas escolhas afetivas, enquanto os meninos sacrifiquem mais o próprio corpo, já que sintomas como, dependência química e delinquência são mais masculinos. Os sintomas tipicamente femininos estão associados ao prolongamento de sofrimentos amorosos, como, gravidez na adolescência, união conjugal com alcoolistas, depressão, entre outros. Entretanto, o que é comum aos dois sexos na adolescência é a grande dificuldade de realizar um processo de individuação da própria personalidade através de uma gradual diferenciação de ego.

Segundo Motta (1998), ao nos referirmos à categoria de gênero, apontamos para um debate que diz respeito à concepção do que é ser masculino e feminino, homem e mulher na sociedade. O gênero, segundo este autor, é um aspecto maleável do eu que torna possível que se reconheçam não apenas semelhanças e igualdades entre os sujeitos sociais homem e mulher, mas principalmente aponta para as contradições lógicas e emocionais que fluem desta coexistência binária. É importante assinalar que o alcoolismo, enquanto pathos, parece aumentar estas contradições, já que a violência contra a mulher é intensificada, marcando com mais intensidade as relações de poder entre homem e mulher, em populações pobres. Nesses contextos, os ideais de masculinidade e feminilidade ainda são fortemente arraigados, sendo inclusive transmitidos transgeracionalmente, já que carregados pela força do pathos. Nesse sentido, as famílias são como nós e deixam de ser ninhos, pois perpetuam

suas identidades e culturas através da repetição de patologias, agravadas pela falta do ninho e do acolhimento.

Se acreditamos que o sofrimento é uma realidade inexorável na vida desses adolescentes, o que podemos fazer no sentido de minorá-lo, de acalentá-lo, de compreendê-lo e de torná-lo mais fértil? Os profissionais da área precisarão responder à seguinte pergunta: qual é o sofrimento de adolescentes filhos de alcoolistas e qual o papel deste sofrimento nos processos de saúde e de doença? Como atuar para ser um facilitador de processos de saúde com esse grupo?

Devemos partir do pressuposto de que o sofrimento é, antes de tudo, uma realidade existencial comum e autônoma no plano “simplesmente humano”. Jaspard (2004) afirma que neste plano o sofrimento é vivido como uma tonalidade emocional bastante carregada e de teor desagradável.

“Se a pessoa sofre, isto não muda quase nada a imagem que ela tem dela; mas se alguma outra pessoa sofre, isto modifica a imagem que tem dessa pessoa. A experiência do sofrimento pode modificar o sentido que se dá à vida. Se se trata de atribuir uma responsabilidade ao sofrimento, parece psicologicamente mais fácil admitir que o sofrimento deriva das leis que a natureza impõe à condição humana; todo mundo, sob este aspecto, está em pé de igualdade e o conhecimento das leis da natureza permite prever o que poderia acontecer. O acaso produz mais um sentimento de insegurança e de angústia diante do imprevisível. É preferível enfrentar o sofrimento num enfrentamento positivo a reprimi-lo e negá-lo” (Jaspard, 2004, p. 209).

Concordo com o autor Jaspard, e neste sentido, esta tese procura trazer sugestões na criação de novas maneiras de enfrentamento positivo para o sofrimento de filhos de alcoolistas.

No que tange à clínica de adolescentes, filhos de alcoolistas, acredito que a maior contribuição deste estudo é a de enfatizar a questão qualitativa do sofrimento na vida destes indivíduos, promovendo uma análise mais empática do sofrimento vivenciado. Dada a constatação de que este grupo é um grupo altamente diverso, não caberia fazer neste momento nenhuma generalização, a estratégia reflexiva dever ser outra. O sofrimento funcionou como um grande porta-voz das situações vividas em famílias de alcoolistas. Ele funcionou como um grande fio condutor de análise e de busca. Funcionou inclusive com a via mestra de crença no potencial de saúde dos sujeitos estudados.

A grande fonte de sofrimento na vida destes adolescentes foi sem dúvida, as relações familiares, o que não exclui o papel de outras instituições. A fragilidade da escola, enquanto

instituição formadora deixa também um enorme vazio, quase um vácuo na vida de muitos adolescentes, que passam a não ter referências nem perspectivas para planejamento do tempo e do futuro e da própria identidade. A falta de referências intensifica a crise de identidade inerente à fase e dificulta o processo de separação do ambiente familiar. Separar para que e como?

A força mobilizadora do sofrimento pode ser vista como extremamente saudável, na medida em que gera autoconhecimento, gera busca, gera reações e, gera condições resilientes, entre outros. A vivência de papéis múltiplos pelo adolescente na família, tais como o de terapeuta de família, de filho confidente e parentalizado, de filho coligado com o pai ou com a mãe, mobiliza recursos psicológicos extremos, que se, puderem ser expressos e compreendidos, facilita a superação de outras dificuldades e promove grande potencial de resiliência associado a grande flexibilidade e criatividade.

As falas dos sujeitos evidenciaram a naturalidade com que estes adolescentes encaram suas vidas, o grande potencial de resiliência e a intensidade e diversidade de interesses saudáveis inerentes a esta fase. A dimensão lúdica está presente na vida deles, seja através dos relacionamentos interpares, dos esportes, dos namoros, da escola, entre outros. A religiosidade e a fé aparecem como um recurso de enfrentamento da realidade. A alusão à importância da arte e da música na vida deles, sem dúvida, denuncia a presença de sensibilidade. Os laços familiares são vistos como muito importantes, apesar de tudo. Existe visivelmente um forte impulso em direção à vida, ao crescimento, ao desenvolvimento interior e intelectual. Os adolescentes estudados mostraram-se como um grupo marcado fortemente por sonhos, cheios de motivação e de esperança. Todos estes elementos fazem parte de processos sociais e culturais mobilizadores de saúde.

A partir destas percepções que envolvem os adolescentes, – seu sistema familiar e social – , deveríamos adotar uma nova perspectiva de trabalho profilática e impulsionar mudanças da orientação da patologia para a sanologia, cujos objetivos fundamentais, segundo González Rey (2004), são o fortalecimento do homem saudável e o vínculo entre programas de saúde sociais e a responsabilidade de cada pessoa na melhoria do quadro atual.

González Rey (2004) descreve alguns indicadores de uma personalidade saudável, facilmente identificados no grupo de adolescentes estudados, tais como: capacidade de amar, criatividade, capacidade para realizar trabalhos produtivos, capacidade para integrar experiências negativas dentro do eu, abertura para novas idéias e para as pessoas e preocupação consigo mesmo, com outras pessoas e com o mundo natural. Sinto que deveríamos estar mais preparados para valorizar tais aspectos e dimensões inerentes ao processo de adolecer e, neste sentido, funcionar realmente como agentes de saúde, catalizadores de processos integrativos e sublimatórios.

Ficou patente que é melhor ter um pai bêbado do que não tê-lo, principalmente se o alcoolismo do pai puder ser ressignificado. Conotações positivas e integradoras, associadas ao alcoolismo, são capazes de alavancar novas percepções de si mesmo e do mundo. A presença do pai alcoolista é perturbadora, mas é uma presença, traz um significado a ser construído. Significa um caminho, abre espaço para esperanças, mobiliza sofrimento e ações, desperta posturas humanistas e preconceituosas, mas sobretudo gera movimento. O indivíduo é convidado a participar deste drama e dilema familiar precocemente. O adolescente busca ativamente de forma consciente ou inconsciente o seu papel dentro deste núcleo. O ônus é alto, mas os créditos também podem existir. Cabe a nós apontá-los. Em contrapartida, a falta absoluta do referencial paterno gera um grande silêncio, um grande mutismo mais difícil de ser transcendido. É importante, entretanto, assinalar os riscos de assumir tantos papéis na adolescência. Segundo Penso (2003), desempenhar todos estes papéis impede este adolescente de individualizar-se e caminhar rumo à construção de uma identidade própria, já que enfrenta um terrível conflito entre o status e o estatuto.

Já falei do ônus e agora gostaria de focar os créditos gerados por vivências tão peculiares destes adolescentes. Em relação à resiliência, é interessante pensar na responsabilidade da sociedade em promover maiores espaços de saúde, de criatividade, de encontros, de falas, de crescimento para adolescentes. São várias as falas em que os sujeitos de meu estudo citam a própria família como grande alavanca para saúde e para momentos felizes. A relação interpares, também muito citada, é fundamental, porque gera sentimentos de pertença e de prazer. A escola poderia ser diferente, é o que os adolescentes almejam. É patente o desejo de se vivenciar a escola enquanto lugar de

liberdade, de acolhimento dos sonhos e de real aprendizagem. A própria subjetividade representa também um grande recurso para estes adolescentes, na medida, em que uma auto-estima positiva viabilize a realização de sonhos e a vivência de uma maior confiança nas relações interpessoais.

Em relação à necessidade da realização de uma profunda reforma educacional, Pereira e Almeida (2005) enfatizam a importância da rejeição no contexto educacional de esquemas mentais autoritários, mercantilistas e fragmentados. Neste sentido, a filósofa Ondina Pena Pereira e a psicóloga Tânia Mara Campos de Almeida, acreditando no valor do diálogo intercultural fundamental descrevem, o papel do professor:

“Assim, não tendo o aluno projetado no professor nenhum ideal de si mesmo, a este caberia a função de testemunhá-lo no acesso à fala, de fazê-lo exprimir o que já pensava, de disponibilizar, de criar novos blocos do possível. O professor seria, assim, o criador de situações inusitadas, inesperadas, para além dos códigos previamente conhecidos pelo aluno” (Pereira & Almeida, 2005, p. 76).

Abordando os subsídios teóricos de meu estudo, não poderia deixar de manifestar minha gratidão à Teoria Sistêmica. A Teoria Sistêmica foi fundamental, não só para a compreensão dos aspectos familiares da questão do adolecer, mas também permitiu me fazer um link entre a vivência do sofrimento no adolescente e do significado do alcoolismo paterno nesta adolescência, entre teoria e prática, entre pesquisa e clínica.

Priorizar o estudo das emoções, e mais especificamente do sofrimento humano, representou outra forma de contribuir para o processo de resgate de uma nova visão de homem. A literatura contemporânea denuncia uma insatisfação crescente de alguns teóricos Gonzáles Rey (1996) e Neuberm (2004) com esta situação. A principal causa apontada para esta grande negligência teórica diante de temática tão importante relaciona-se com a questão epistemológica, mas também com a clínica de adolescentes filhos de alcoolistas.

A perspectiva sistêmica representou um modelo fértil de abordagem da questão, e neste sentido, nasce o desafio de materializar as reflexões desenvolvidas durante o estudo. Trago algumas sugestões referentes à questão da abordagem preventiva e terapêutica de adolescentes filhos de

alcoolistas, acreditando que o sistema familiar deve ser contemplado neste processo. Na verdade, a prevenção de problemas na adolescência deveria começar já na infância através de um maior enfoque em estilos de vidas saudáveis, contato com a natureza, boa comunicação entre pais e filhos, explicitação do potencial resiliente do sistema familiar, entre outros.

Recorrendo à minha experiência terapêutica com adolescentes filhos de alcoolistas, vale ressaltar que tal experiência foi muito marcante e mobilizadora para mim, pois parece ter acontecido de fato encontros terapêuticos com impactos bilaterais: *“O resgate desse passado somente foi possível com a terapia. Trouxe à luz todos os sentimentos guardados nos porões do meu coração. A terapia os expôs e me permitiu dissecá-los, compreender seus detalhes. A compreensão é melhor que o esquecimento. Hoje, estou no caminho do entendimento”*, Laurinda.

A fala desta menina mostra como a via do entendimento representa etapa fundamental no processo de construção da própria identidade. Neste sentido, sem intenções de generalizar, mas sim de compartilhar idéias e sugestões, acredito que intervenções terapêuticas com adolescentes filhos de alcoolistas, por tudo que foi levantado durante esta tese, devem contemplar múltiplos aspectos sistêmicos, como, o cenário familiar, o padrão de comunicação familiar, as emoções expressas e não expressas na família, o estilo narrativo do encontro terapêutico, os segredos, violência familiar, o ciclo embriaguez e sobriedade, entre outros aspectos.

Levando em conta os relatos dos adolescentes neste estudo, e minha própria experiência clínica, acredito ser fundamental afirmar que todo e qualquer tratamento possa contemplar alguns elementos e dimensões. Tento, neste momento, tecer alguns comentários neste sentido e sistematizar alguns aspectos, atitudes e dimensões acerca do formato da clínica com adolescentes filhos de alcoolistas, oriundos de meu olhar clínico, que aliás permeou todo, meu estudo. O desafio é muito grande, e neste sentido acredito que minha experiência e meu trabalho foram meus grandes mestres. Saber fazer não implica em saber dizer ou saber teorizar. Saber teorizar não implica em saber fazer. Saber entender o outro pode até promover a cura de todos. Na verdade, estou apontando as grandes rupturas existentes em o saber clínico e o saber teórico. Lamento ainda que esta ruptura se evidencie através das grandes

distâncias existentes entre a universidade, os centros do saber e a realidade. Os muros, ainda, são muito altos e intransponíveis.

A questão do risco de transmissibilidade familiar do alcoolismo, através da análise de aspectos da cultura e identidade familiar, das questões de gênero, dos rituais, dos segredos, das relações de poder, representa importante dimensão a ser trabalhada durante um processo terapêutico com estes sistemas. A escuta precisa contemplar as entrelinhas e a empatia deve criar espaços para revelações de segredos pesados, como, pedofilia, violências físicas e psicológicas, delitos. O estilo narrativo do tratamento, apesar de tudo, deve ser positivo e desculpabilizante, e não estigmatizante. O olhar e a escuta do terapeuta deve também seguir a proposta de despatologização, que consiste em não negar o sofrimento, mas de acreditar no potencial resiliente do sistema. É preciso desarmar o ciclo vicioso da violência e da ansiedade. Lembro da fala de um paciente alcoolista em relação a uma sessão terapêutica ocorrida no HRS: *“A forma como a terapeuta trata da doença não nos machuca, é leve e suave. Muito diferente de outros. O seu olhar não nos discrimina, e o clima deste encontro é sempre renovado”*.

É preciso entender que a doença familiar não se restringe ao sintoma, ou seja: à questão do alcoolismo e a densidade de problemas é intensa. Diante de sistemas à beira de ruptura, acredito que a figura do terapeuta é bastante determinante. Seria interessante se pensar em uma pessoa capaz de assumir uma pluralidade de papéis de forma flexível. O terapeuta deve ser um pouco humanista, interventivo, criativo, tranquilizador, mobilizador de mudanças, transformador e revolucionário.

Como terapeuta, sistêmica diante de famílias de alcoolistas senti-me muitas vezes como uma revolucionária, porque precisava acreditar em ideais e realidades que a própria família ainda não acreditava. Precisei acreditar na possibilidade de resgate da figura paterna e na possibilidade de mudanças efetivas. O resgate da figura paterna passa pelo resgate de valores e de nuances inerentes à própria identidade da família alvo. A dimensão axiológica de famílias de alcoolistas representa um universo rico a ser abordado, na medida em que os membros destas famílias vivenciam inúmeros paradoxos de ordem moral e ética, passam por escândalos e muitas vezes convivem com sistemas altamente rígidos.

Como terapeuta pude exercer o papel de grande mobilizadora de mudanças, pude tentar descongelar o sistema através do diálogo criativo e renovado e da desequilibração das relações de poder. O poder precisa ser encarado como algo dinâmico, que se faz a cada momento e que não usa doenças e sintomas como moedas de trocas. Neste sentido, o doente deixa de ser o alcoolista e passa a ser o sistema. Tentei fazer alianças com todos os membros da família e tentei acolher, empaticamente, muitas vezes indivíduos considerados agressores pelo sistema e pela sociedade.

O caráter humanista do terapeuta de famílias pobres vitimizadas por sintomas, como alcoolismo e violência, está associado à capacidade de tolerância, de persistência, de acolhimento, de esperança. É preciso ter muito amor e afeto para encontrar saídas e alegria em famílias tão machucadas. Quando, através do encontro terapêutico, as pessoas começam a se deparar com o senso de família, com vivências positivas, com sentimentos de alegria e esperança, a família começa a protagonizar o grande caminho de descongelamento de sintomas transgeracionais.

Enfim, é preciso muita empatia para ir junto com a família nesta caminhada, para conseguir escutar todo o relato familiar. As narrativas familiares são densas e é preciso escutá-las sem interrupção, sem pressa, sem o furor curandis freudiano, sem ideologias. É preciso suavizar e modificar o estilo narrativo da família. É preciso, neste sentido, ensinar a família a sofrer de forma positiva e não masoquista. O sofrimento pode ser considerado um valor positivo e não uma desvantagem do sistema. Neste sentido, pode ser agregado ao relato familiar como propulsor de mudanças e de autoconhecimento. É importante ressaltar a importância das parcerias no desenvolvimento de trabalhos comunitários com estas famílias, é o que nos lembra Costa (2003): “O trabalho comunitário se faz com parcerias. Parceria com as instituições, com as igrejas, com as lideranças, com as escolas, com quem está disponível e quer trabalhar junto. Não é possível se ter desperdício” (Costa, 2003, p. 45).

Em relação ao colorido emocional vivenciado nestas famílias, pude transitar entre vários universos emocionais, e neste sentido, pude gradativamente desmistificar algumas emoções. Os desafios são muitos. A ansiedade familiar precisa ser diminuída, mas não anestesiada. O sentimento de culpa associada à codependência do cônjuge precisa ser superado. A desculpabilização do

sistema retira um peso das costas de todos, principalmente de adolescentes pouco diferenciados do sistema. A tristeza e o luto de todos precisam ser elaborados e não negados. A cronificação dos lutos impede mudanças e renovações. A raiva e o ressentimento de todos precisam ser conotados positivamente, e finalmente a esperança e o anseio por mudanças dos adolescentes precisam ser fortalecidos e transmitidos para todo o sistema. A desculpabilização do sistema anula o potencial de violência dos considerados agressores, e interrompe o jogo da culpa, o jogo do agressor e da vítima.

Os conflitos presentes no sistema conjugal precisam inevitavelmente serem abordados, visando a uma maior liberação de todos na família dos conflitos vividos neste subsistema. A triangulação dos filhos e a parentalização do sistema filial é sintomática da intensidade dos conflitos conjugais, que precisam ser expressos e rebalanceados.

De forma consonante com a minha visão da clínica com estas famílias, acredito que a escolha metodológica foi feliz porque me incentivou a buscar a subjetividade, os elementos não explícitos, a dimensão afetiva não revelada. Através da escolha metodológica e do embasamento, pude tecer críticas pontuais a perspectivas patologizantes presentes em um largo grupo de estudos com filhos de alcoolistas, algo que sempre busquei em minha prática.

González Rey (2002) propõe que a produção de conhecimento na pesquisa qualitativa envolva o pesquisador com seus ideais, preferências e estilo pessoal. Neste sentido, foi um grande desafio propor-me a trabalhar com a Epistemologia Qualitativa de González Rey, pois é preciso aprender a lidar com o carácter processual do conhecimento, o que implica um constante recomeço. Apesar de toda a complexidade de tal processo, sinto que, através da perseverança fui trilhando caminhos que gradualmente foram convergindo e foram me permitindo realizar uma prática hermenêutica fecunda. Como afirma Morin (2007), “nós construímos a realidade que nos constrói” (Morin, 2007, p. 66).

Morin (2007) leva-nos a assumir nossa condição humana e a utilizar as relações com os outros para compreender nossas próprias vidas. Nossos problemas não podem mais serem concebidos como separados uns dos outros. A complexidade, ou seja, os problemas se encontram tecidos conjuntamente, estão abraçados. Não posso pensar o sofrimento de adolescentes filhos de

alcoolistas separadamente de outras questões inerentes à própria adolescência, à condição de pobreza, ao potencial resiliente presente na vida dos adolescentes, aos riscos inerentes à violência, ao esvaziamento do espaço público, à religiosidade dos adolescentes. Neste sentido, concluir algo é na verdade se antecipar, estrangular processos, pois tudo é inacabável. Ficou patente em meu estudo a existência de uma grande incompreensão entre jovens e seus pais e pares, como Morin (2007) nos alerta:

“Há muita incompreensão no mundo de hoje. Há incompreensão entre as culturas, na família, entre as pessoas de comunidades diferentes, ou mesmo no trabalho. A incompreensão nos acua. Há uma busca hoje de compreensão humana que passa pela compreensão de si mesmo para melhor compreender o outro” (Morin, 2007, p. 12).

Com a metodologia qualitativa, os sujeitos ganharam autonomia, ganharam força e impacto na produção científica. Cada sujeito passou a representar de forma legítima uma possibilidade e a fornecer subsídios na construção de modelos de compreensão do processo de sofrimento existencial para estes adolescentes. Minha tarefa foi a de fazer com que esse diálogo acontecesse de fato, seja no momento prático, seja no momento teórico, que, na verdade, se misturam, pois acontecem de forma concomitante e dinâmica. Nos momentos informais, estes diálogos são muitas vezes intensificados e devem ser de alguma forma incorporados.

Na medida em que consegui focar o sofrimento e busquei compreendê-lo de forma plural, através de diversos enfoques psicológicos, filosófico, antropológico, social tentei realizar contribuições, no sentido de consolidar a importância de mudanças epistemológicas na abordagem de temas subjetivos. Historicamente, segundo González Rey (1999), o tema das emoções tem sido um dos temas menos tratados na investigação psicológica. Segundo este autor, ele sempre aparece de forma secundária e associado a processos cognitivos, fisiológicos ou semióticos. Conclui-se que o estudo das emoções como processo específico da subjetividade humana praticamente não se tem dedicado atenção na investigação psicológica. Romper com a tendência positivista ainda preponderante na Psicologia atual é superar a obsessão pela objetividade do conhecimento.

Este autor afirma:

“emoções representam a unidade essencial na constituição das necessidades e, simultaneamente, aparecem como resultado de necessidades que as precedem, tornando-se, portanto, constitutivas e constituintes de necessidades. Em cada um dos diferentes momentos de expressão social do homem, é produzido um número infinito de emoções que representam uma síntese complexa de necessidades já constituídas da personalidade e das condições específicas atuais em que o sujeito atua” (González Rey, 1999, p. 47).

Neste sentido, o estudo contribuiu para o enriquecimento de nossa percepção do sofrimento de adolescentes filhos de alcoolistas na medida em que tentou integrar nesta compreensão múltiplos aspectos constituintes da subjetividade de adolescentes, inclusive tentou funcionar como uma grande via de expressão de suas emoções.

Enfim, este estudo procurou diminuir o grande déficit que a Psicologia brasileira e, segundo González Rey (2003), a Psicologia latino-americana apresenta em decorrência de uma falta de produção teórica própria, em decorrência de nossa forte tendência em apenas reificar as teorias tradicionais já existentes. Aspecto também importante do estudo foi o de focar o sofrimento psíquico, dimensão absolutamente subjetiva da vida de alguns adolescentes.

O grande desafio do estudo foi o de, ao focar o sofrimento, não tornar a reflexão amarga e masoquista, mas sim fornecedora da vitalidade e de sentido para este estudo e, quiçá, para algumas pessoas que possam adquirir uma compreensão mais profunda e uma proximidade maior com o sofrimento. Em alguns momentos, o peso do sofrimento parecia não se conciliar com a proposta despatologizante. Mas acredito que o modelo fornecido pela abordagem sistêmica da resiliência foi crucial para elucidar todo o potencial de saúde inerente à vida destes adolescentes.

É preciso apontar as falhas do estudo, antes que outros o façam. É preciso compreender dificuldades. Uma limitação de meu estudo refere-se à dificuldade de lidar com um universo de falas dos adolescentes de forma retrospectiva. A pesquisa, neste sentido, já fazia parte do passado se considerarmos a própria vida dos sujeitos, que na verdade nem são mais adolescentes, pois se passaram quatro anos. Por outro lado, se considerarmos o potencial revelador das falas, elas nunca farão parte do passado, aliás, conseguem inclusive ser proativas, na medida em que trazem contribuições para o futuro de adolescentes filhos de alcoolistas.

Eu precisei de muito tempo para conseguir uma distância ideal da temática. No período em que eu estava trabalhando no Hospital Regional de Sobradinho, eu era verdadeiramente capturada pela aventura clínica. A dramaticidade cotidiana ligada ao alcoolismo gera uma certa estagnação e imobilismo. Foi necessário um tempo maior para a realização deste recorte e desta elaboração. Apesar da limitação gerada pela passagem do tempo, do enfraquecimento da memória, acredito que pude realizar um resgate fundamental para a compreensão do potencial de saúde destes adolescentes e da minha própria prática.

Podemos imaginar o tamanho do desafio de abordar temáticas amplas e complexas, por isto imagino que possa surgir e aparecer limitações em termos da extensão e da intensidade das reflexões evocadas durante o estudo. A pluralidade de discursos acerca do adolescente, a impossibilidade de integração de paradigmas divergentes, a força do modelo biomédico, a quantidade de referências associadas ao paradigma criticado, a minha formação profissional são aspectos visíveis de meu texto, o que acredito não ter comprometido minha coerência teórica, filosófica e metodológica.

Apenas posso frisar, neste momento, a importância de se acreditar em um diálogo efetivo com adolescentes, com objetivo de fazer emergir novas realidades, menos injustas, menos patológicas, para adolescentes filhos de alcoolistas, através de concepções mais libertadoras no âmbito da Psicologia. Defendo, ainda, que se faz imperiosa a necessidade de avaliar a qualidade do encontro terapêutico entre profissionais de saúde e adolescentes filhos de alcoolistas. É valioso sensibilizar o olhar de profissionais de saúde para a importância de se dar um maior crédito para estes adolescentes. É fundamental não subestimar o potencial de saúde destes jovens, sonhar junto com eles novas realidades, materializar estes sonhos e construir um leque maior de alternativas para esta materialização. Elevar o nível de aspirações, através do constante intercâmbio da Psicologia com as artes, com a literatura, com o esporte, com a educação. A grande estratégia seria focar na vida e nas emoções, elas se encarregam de respostas mais criativas e resilientes.

Concluindo, parece-me válido apontar que este trabalho permite refletir não somente a prática e a pesquisa qualitativa da realidade associada ao sofrimento de filhos de alcoolistas, como também

direciona o trabalho de pesquisa para a criação de novas linhas de pesquisa qualitativa baseada nas experiências e no olhar de filhos de alcoolistas diante da vida, diante do futuro e diante de suas experiências, gratificantes ou não. A presença de sofrimento deve acionar estudos no sentido de desmistificar as visões patologizantes associadas a este grupo e acaba por denunciar a complexidade dos processos inerentes às escolhas altamente dinâmicas, fundamentais para o futuro saudável destes jovens.

O tema é inesgotável, mas encerro por aqui minhas reflexões, trazendo a prosa poética de Marina, minha filha adolescente, que me encanta e me embala com suas idéias, provocações e com seu adolecimento. Marina faz uma reflexão metafórica sobre a passagem do tempo, sobre os ciclos da vida, sobre os lutos, sobre os nossos frágeis rituais e sobre a beleza da adolescência em qualquer contexto:

“ Foi neste momento que a brisa terna se intensificou, e seu bafo morno abraçou, e o inexorável de todos. As folhas, enfim com esmero atraso, alcançou tal altura, jogando-a em finito precipício até a tumba fresca das folhas da primavera.

O bafo morno comemorou enfim a última queda, e a folha dançou rodopiante os últimos momentos de sua breve existência na eterna utopia de seu fim, o fim que na verdade era um começo, e celebrava com a brisa a dança paradisíaca, o caminho de um topo à tumba, de um auge a um fundo, de um começo para um fim, de um fim para um começo.

E enfim pousou jazendo sobre uma rocha, igual a qualquer outra folha, porém mesmo assim tão diferente, pois para sempre reinara como a última a jazer, a última a realizar o belo e frágil ritual da utopia dançante.”

Neste sentido, podemos pensar na adolescência como uma grande utopia dançante. A pluralidade de percepções e a dinamicidade dos acontecimentos tornam a realidade utópica e a dança fica por conta da vida, dos acontecimentos, das melodias...

REFERÊNCIAS

- Abreu, N. (2003). O valor do sofrimento [Resumo]. Em Costa, I.I.; Martins, F.M.; Tafuri, M.(Orgs.), *I.Livro de Resumos. “VI Conferência Internacional Sobre Filosofia, Psiquiatria e Psicologia.”*(p.91). Brasília: ABRAFIPP.
- Alberti, S. (2004). *O adolescente e o Outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Alonso-Fernández, F. (1991). A Personalidade Pré-alcoolica. *Temas*,21, 19-30.
- Alves, R. (2002). *Filosofia da Ciência – Introdução ao Jogo e Suas Regras*. São Paulo: Loyola.
- Alves, L. D. (1999). *A Questão do Aborto Legal em Brasília: Uma Análise do Programa SOS Mulher: Aborto Previsto Por Lei Implementado Pelo Hospital Materno Infantil de Brasília-DF*. Monografia em Serviço Social. Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Serviço Social, Universidade de Brasília: Brasília.
- Anderson, L & Henderson, Y (1983). *The significance of social relationship in the aetiology of neurosis*. Em C. M. Parkes & J. S. Hindle. *The Place of Attachment in Human Behaviour*. (pp. 123-130) London: Tavistock.
- Andolfi, M, Ângelo, C, Menghi, P, Nicolo-Corigliano, A.M. (1984). *Por Trás da Máscara Familiar um Novo Enfoque em Terapia de Família*. (Maria Cristina Goulart, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas. (Publicado originalmente em 1984).
- Aristóteles (1999). *Ética a Nicômacos*. (A. Caeiro Trad.) (3ªed.) Brasília: Editora Universidade de Brasília. (Original publicado em 1831).
- Áries, P. (1981). *História Social da Criança e da Família*. (D. Flaksman Trad.) (2ª Ed.) Rio de Janeiro: Editora Guanabara. (Original publicado em 1973).
- Arrais, A. R. (2005). *Configuração Subjetiva da Depressão Pós-Parto: Para além da Padronização Patologizante*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília: Brasília, DF.
- Barbosa, I. M. (2003). A Emoção na Argumentação Jurídica. *Prática Jurídica*, II (24),58-71.
- Barreto, A. (1994). Depressão e Cultura no Brasil. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 42 (1),13-16.
- Barnes, G. (1977). The Alcoholic Personality: *A Reanalysis of The Literature*. *Journal of The Studies of Alcohol*. 40 (7), 1-27.

- Barnes, G. (1984). Adolescent alcohol abuse and other problem behaviors: their relationship and comon influences. *Journal of Youth and adolescent*,13, 329-348.
- Bateson, G. (1972). *Steps to ecology of mind*. Nova York: Ballantine Books, Inc.
- Bauer, J. (1982). *O Alcoolismo e As Mulheres Contexto e Psicologia*. (Cardoso de Souza, Trad.). São Paulo:Editora Cultrix.(Publicado originalmente em 1982).
- Bauman, Z. (2004). *Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos* (Carlos Alberto Medeiros, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Publicado originalmente em 2003).
- Bauman, Z. (2005). *Identidade*. (Carlos Alberto Medeiros, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Publicado originalmente em 2004).
- Beijo, A, Oliveira, D, Lucindo, M. E., Filgueiras, S. (1999). *O Adolescente e a Modernidade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Bertollote, J. M. (1987). *Alcoolismo Hoje*.(2ª ed.) Porto Alegre: Artes Médicas.
- Beattie. M. (1992). *Codependência Nunca Mais*. (D. Silva Guimarães trad.). São Paulo: Best Seller.(Publicado originalmente em 1987).
- Blay, E. (2000). *Uma Questão de Classe Social e de Gênero* Em D. L. Levisky & David Leo *Adolescência e Violência*.(pp. 35-41) São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bozormeny- Nagy, I.& Sparks , G. (1976). *Invisible Loyalties*. New York: Harper Row.
- Bowen, M. (1961). The family as the Unit of Study and Treatment. *American Journal of Orthopsychiaty*, 31(1), 40-60.
- Bowen, M. (1974). *Therapy in Clinical Praticce*. New York: Jason Aronson.
- Bucher, J. (2003). Hapiness and suffering in the Experience of Brazilian Children and youth. [Resumo]. Em Costa, I.I; Martins, F.M.; Tafuri, M.(Orgs.), *I.Livro de Resumos. "VI Conferência Internacional Sobre Filosofia, Psiquiatria e Psicologia."*(p.38). Brasília: ABRAFIPP.
- Buriolla, M. A. & Marques, M. A.(1999). Fatores causadores e interagentes de violência contra criança. *Psico-USP*, 4 (1), 57-75.
- Calahan, D. (1988). *The Trouble Dream of Life: Living with Mortality*. New York: Simon and Shuister.
- Cardoso, M. R. (2006). *Adolescentes*. Escuta: São Paulo.

- Cassel, E. J. (1991). *The Nature of Suffering and the goals of Medicine*. New York: Oxford University Press.
- Castro, H. M. & Silva Filho, W. M. (1993). Avaliação do Programa de Atenção ao Alcoolista no Município de Carapicuíba. *Temas*, 23(46), 141-175.
- Chassin, L. J. T, Shuckit, M. A. , Johnson, J. L. & Sher, K. J. (1977). Historical Perspectives A Critical Analisis of COA Research. *Alcohol Health e Research World*, 21, 258-64.
- Chabrol, H. (1990). *Depressão do adolescente*. (G. Therezo, Trad.) São Paulo: Papirus.(Publicado originalmente em 1953).
- Clavreul, J. (1983). *A Ordem Médica: Poder e Importância do Discurso Médico*. (J. Noujaim, M. Jorge, P. Silveira, J. Trads.) São Paulo: Brasiliense. (Publicado originalmente em 1978).
- Clark, D.B., Parker, A.M., Lynch, K.G. (1999). Psychopathology and substance-related problems during early adolescence: A survival analysis. *Journal of Clinical Child Psychology*, 28,333-341.
- Costa, L. (2004). *E Quando Acaba em Mal me Quer?Reflexões acerca do Grupo Multipfamiliar e da Visita Domiciliar como Instrumentos da Psicologia Clínica na Comunidade*. Brasília: Universa.
- Costa, L. ,Maria J. S. (1999). A Adolescência Prolongada: Característica da Pós-Modernidade? Em Beijo, A, Oliveira, D, Lucindo, M. E., Filgueiras, S. (Orgs.). *O Adolescente e a Modernidade*. (pp.187-195),Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Costa, I. I. (2002). *Da Fala ao Sofrimento Psíquico Grave: Ensaio Acerca da Linguagem Ordinária e a Clínica Familiar da Esquizofrenia*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília; Brasília, DF.
- Crespi, T., Sabatelli, R. (1997). Children of alcoholics and adolescence: individuation, development, and family systems. *Adolescence*, 32,126, 407-418.
- Cruz, Beatriz C. (1999). A Adolescência e a Escolha Profissional – Fenômenos da Modernidade Em Beijo, A, Oliveira, D, Lucindo, M. E., Filgueiras, S. (Orgs.). *O Adolescente e a Modernidade*. (pp.144-152). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Demo, P. (1996). *Educação e qualidade*. (3ª ed.) Campinas: Papirus.
- Demo, P. (1998). Pesquisa Qualitativa: Busca de Equilíbrio Entre Forma e Conteúdo. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 6 (2), 1-31.
- Demo, P. (1999). *Conhecimento moderno: sobre ética e intervenção do conhecimento*. (3ª ed.) Petrópolis: Vozes.

- Demo, P. (2001). *Saber pensar*. (2ª ed.). São Paulo: Cortez / Instituto Paulo Freire.
- Demo, P. (2001). *Pesquisa e Informação Qualitativa: Aportes Metodológicos*. São Paulo: Papirus.
- Demo, P. (2001) *Pesquisa: Princípio Científico e Educativo*. São Paulo: Cortez.
- Demo, P. (2002). *Dialética da felicidade: olhar sociológico pós-moderno*.(Vol 1). Petrópolis: Vozes.
- Duras, M. (1986). *A Dor*. (V. Adami, Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Publicado originalmente em 1985).
- Dryfoos, J. (1990). *Adolescents at Risk*. New York: Oxford University Press.
- Edwards, G. (1987). *O Tratamento do Alcoolismo*. (J. M. Bertollote, Trad). São Paulo: Livraria Martins Fontes. (Publicado originalmente em 1982).
- Erikson, E. (1963). *Childhood and Society*. New York: Norton.
- Erikson, E. (1968). *Identity: youth and crisis*. New York:Norton
- Feyeraband, P (1988). *Contra o método*. (L. A Villao, Trad.) Rio de Janeiro: Fransisco Alves. (Publicado originalmente em 1975).
- Felsman, J. K.& Vaillant, G. E. (1987). Resilience Children as Adults: a 40 Year Study. *Health and Social Work*,41, 347-361.
- Ferreira, A B H. (1999). *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa/ Aurélio Buarque de Holanda Ferreira*. (3ª ed.) Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Figueredo, L. C. (1995). *Revisitando as Psicologias: Da epistemologia à ética nas práticas e discursos psicológicos*. São Paulo: Educ/ Vozes.
- Fishman, H. C. (1988). *Treating Trouble adolescents: A Family Therapy approach*. New York: Basic.
- Foucault, M. (1986). *Microfísica do Poder*. (R. Machado, Trad). Rio de Janeiro: Graal. (Publicado originalmente em 1979).
- Forbes, J. (2003). *Você quer o que deseja?* SãoPaulo: Best Seller.
- Forbes, J. (2005). *A Invenção do Futuro:Um Debate sobre a Pós-Modernidade*.São Paulo: Manole.
- Frank, Victor (1973). *Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos e análise existencial*.(A. M. Castro, Trad). São Paulo: Quadrante.(Publicado originalmente em 1986).

- Furtado, F. E.; Lauch, M. & Schmitz, M. (2002). Estudo longitudinal prospectivo sobre o risco de adoecimento psiquiátrico na infância e alcoolismo paterno. *Revista Psiquiatria Clínica*, 29 (2), 71-80.
- Fuller, B.E, Chermack, S.T, Cruise, K.A, Kirsch, E, Fitzgerald, H.E, Zucker, R.A. (2003). Predictors of aggression across three generations among sons of alcoholics: Relationships involving grandparental and parental alcoholism, child aggression, marital aggression and parenting practices. *Journal of Studies on Alcohol*, 64(4), 472-483.
- Galvão, A. (2001). *Considerações sobre o Conceito de Ciência*. UCB: Texto não publicado.
- Goldenbergh, I. & Goldenberg, H. (1985). *Family Therapy: Na Overview*. Monterey: Brooks/Cole.
- Gilligan, C. (2003). *O Nascimento do Prazer*. (Waldéia Barcellos Trad.). Rio de Janeiro: Rocco.
- Gomes, J. R. L. (1998). *Adolescência, embaraço, e sociedade*. Valência: Venezuela.
- González Rey, F. (1996). *Problemas Epistemológicos da Psicologia*. La Habana: Editorial Academia. (Publicado originalmente em 1993).
- González Rey, F. (1997). *Epistemologia Cualitativa y Subjetividad*. La Habana: Editorial Pueblo y Educación.
- González Rey, F. (2002). *Pesquisa Qualitativa em Psicologia: Caminhos e Desafios*. (M. A. F. Silva, Trad.) São Paulo: Pioneira Thompson Learning. (Publicado originalmente em 2000).
- González Rey, F. (2003). *Sujeito e subjetividade: uma Aproximação Histórico Cultural*. (R. S. L. Guzzo, Trad.) São Paulo: Thompson. (Publicado originalmente em 2003).
- González Rey, F. (2004). *Personalidade, Saúde e Modo de Vida*. (F. M. V.L. Silva, Trad.). São Paulo: Thompson. (Publicado originalmente em 2004).
- González Rey, F. (2005a). *Pesquisa Qualitativa em Psicologia: os Processos de Construção da Informação*. (M. A. F. Silva, Trad.) São Paulo: Thompson .
- González Rey, F. (2005b). *Subjetividade, complexidade e Pesquisa em Psicologia*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning. (Publicado originalmente em 2005).
- Gorad, S. L. (1971). A communications approach to alcoholism. *Quartely Journal of Studies in alcohol*, 32, 651-668.
- Grotberg, E. H. (2005). Introdução: Novas Tendências Em Resiliência Em Melilli, A.; Ojeda, E.N.S.(Orgs.). *Resiliência Descobrimo as Próprias Fortalezas*. (Valério Campos, Trad.). (pp.11-15), Porto Alegre: Artmed. (Publicado originalmente em 2001).

- Cruz, Beatriz C. (1999). A Adolescência e a Escolha Profissional – Fenômenos da Modernidade Em Beijo, A, Oliveira, D, Lucindo, M. E., Filgueiras, S. (Orgs.). *O Adolescente e a Modernidade*. (pp.144-152). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Guareschi, P. (1991). Epistemologia: para se dizer coisa com coisa. *Psico*, 22 (2), 155-164.
- Halpern, S.C. (2002) O abuso de substâncias psicoativas: repercussões no sistema familiar. *Pensando famílias*, 3, 120-5.
- Heidegger, M.(1989) *Ser e Tempo*. (M. S. Cavalcanti, Trad.) Petrópolis: Vozes. (Publicado originalmente em 1926).
- Hill, E. & Gauer, G.(1998). Uma análise semiótico-fenomenológica das mensagens auto-reflexivas de filhos adultos de alcoolistas. *Psicologia:Reflexa e Crítica*, 11, (1),1-19.
- Husserl, E. (1986). *A Idéia da Fenomenologia*. Lisboa: Edições 70.(Publicado originalmente em 1913).
- Jakson, M. (1996). Introducion. Phenomenology, radical empiricism, and antropological critique. Em M. Jakson (ed), *Things are they are: New directions in fenomenological antroplogogy*. Bloomington: Indiana University Press.
- Japiassú, H. (1996). *Dicionário de filosofia*(3ª edição). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Publicado originalmente em 1934).
- Jaspard, J. M. (2003). Significação Religiosa do Sofrimento e Posição. *Psicologia USP*, 14(3), 191-213.
- Jeammet, P. (2000). *Psicologia Médica*. (J. Alves, Trad.) (2ª ed.) Rio de Janeiro: Medsi. (Publicado originalmente em 1996.)
- Kalina, E. (1976). *Psicoterapia de Adolescentes: Teoria,Técnica e casos Clínicos*.(C. R. Amorim, Trad.) Rio de Janeiro: Livraria Fransisco Alves.(Publicado originalmente em (1937).
- Karpel, M. (1976). Individuation: from fusion to dialogue. *Family Process*, 15, 65-82.
- Kierkgaard, C. (2003). *O Desespero Humano*. (A. Marins, Trad.) São Paulo: Afiliada. (Publicado originalmente em 1849).
- Knight, R. (1987). The Dinamics and Treatment of Chronic Alcohol Addiction. *Bulletin. Menniger Clinical*. 1, (1), 233- 235.
- Krishnamurti, J. (1993). *Sobre o Amor e a Solidão*.(A. U. Sobral e M. S. Gonçalves, Trads.) São Paulo: Cultrix.(Publicado originalmente em 1849).

- Larson, JH & Thayne, TR. (1998). Marital Attitudes and Personal Readiness for Marriage of Young Adult Children of Alcoholics. *Alcoholism Treatment Quarterly* 16(4), 59-73.
- Larson, J.H, Holt, H.B, Wilson, S.M, Medora, N, Newell, K. (2001). Dating behaviors, attitudes, and relationships satisfaction of young adult children of alcoholics. *Alcoholism Treatment Quarterly* 19(1), 1-18.
- La Taille, Yves de (1992). *Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias Psicogenéticas em Discussão*. (M. K. Oliveira e H. Dantas, Trads). São Paulo: Summus. (Publicado originalmente em 1951).
- Lecoeur, Bernard (1992). *O Homem Embriagado: Estudos Psicanalíticos Sobre Toxicomania*. (Maria Lúcia Brandão Trad.) Belo Horizonte: FHEMIG.(Publicado originalmente em 1992).
- Laufer, M. & Laufer, E. (1984). Adolescence and Developmental Breakdown. *Journal Child Psychother*, 1, 47-64.
- Luz, M. T. M.& Castro e Silva, R. (1999). Vulnerabilidades e adolescências. *Caderno Juventude, saúde e desenvolvimento*, 1, 93-96.
- Maldonado, M. T. (2003). *Viver melhor*. Rio de Janeiro: Editora Saraiva.
- Mansur, J. (1990). *A Etiologia do Alcoolismo* Em S. P. Ramos. (org.), *Alcoolismo Hoje* (2ª ed.) (pp. 19-29) Porto Alegre: Artes Médicas.
- Marcelli, D. , Braconier, A. (1989). *Manual de Psicopatologia do Adolescente*. (Alceu Edir Filman Trad.) Porto Alegre: Masson.(Publicado originalmente em 1984).
- Merikangas, K. R.& Avenevoli, S. (2000). Implications of Genetic Epidemiology for the Prevention of Substance use Disorders. *Addiction Behavior*, 25, 807-20.
- Merleau Ponty, M.(1973). *Fenomenologia da Percepção*. (F. M. Cantarero, Trad.) São Paulo: Martins Fontes. (Publicado originalmente em 1945).
- Miermont, J. e cols.(1973). *Dicionário de Terapias Familiares: Teorias e Práticas*.(C. A. Molina Noza trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.(Publicado originalmente em 1973).
- Mioto, R. C. (1999). *Famílias de Jovens que Tentam Suicídio*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Campinas: São Paulo.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: Tratamento e Funcionamento*. (J. A. Cunha Trad). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Morin, E. (2002a). *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. (C. E. F. Da Silva e J. Sawaya, Trads.) São Paulo: Editora Cortez.(1921).

- Morin, E. (2002b). *Ciência com Consciência*. (M. D. Alexandre e M. A. Sampaio, Trads.). (6ª ed.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. (Original publicado em 1982).
- Morin, E. (2005). *Amor Poesia Sabedoria*. (Edgar De Assis Carvalho, Trad.) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. (Publicado originalmente em 1921).
- Morin, E. (2007). Pensar, Criar, Viver. *Cult*, 10, 9-15.
- Moss, H.B., Vanyukov, M., Majumder, P.P., Kirisci, L. & Tarter, R.E. (1995). Pre-pubertal Sons of Substance Abusers: Influences of Parental and Familial Substance Abuse on Behavioral Disposition, IQ, and School Achievement. *Addiction Behavior* 20(3), 345-58.
- Mota, M. P. (1998). Gênero e sexualidade: fragmentos de identidade masculina nos tempos da Aids. *Cadernos de Saúde Pública*, 14, 14-21.
- Nancie, Palmer (1997). Resilience in Adult Children of Alcoholics: A Nonpathological Approach to Social Work Practice. *Health and Social Work*, 22,(3), 201-210.
- Nascimento, Eurípedes C. (2000). Vidas Errantes e Alcoolismo: Uma Questão Social. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13, 1-16.
- Nietzsche, Friedrich W. (1986). *Assim Falou Zarastustra: Um Livro para Todos e para Ninguém*. (M. da Silva, Trad.) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Publicado originalmente em 1888).
- Neuberm , M. (2004). *Complexidade & Psicologia Clínica*. Brasília: Plano.
- Palmer, N. (1997) Resilience in adult children of alcoholics: A nonpathological approach to social work practice. *Health and Social Work* 22(3), 201-209.
- Paupits, J (1987). *O alcóolico: Análise, dependência e Recupera*. Rio de Janeiro: Editora Relisu.
- Pena, M. V. J., Correia, M. C., Bronkhost, B. V., Oliveira, I. R. (2005). *A Questão do Gênero no Brasil*. Brasília: Banco Mundial.
- Pena-alfaro, Alex A. (1993). *Os Seguidores de Baco*. São Paulo: Mercuryo.
- Penha, J. (2001). *O Que é o Existencialismo*. São Paulo: Brasiliense.
- Pereira, O.& Almeida, T. M. (2005). A formação médica segundo uma pedagogia de resistência. *Interface- Comunicação, Saúde, Educação*, 9, (16), 69-79.
- Pessini, Leo (2002). Humanização da dor e sofrimento humanos no contexto hospitalar. *Bioética*, 10(2), 72-51.

- Petry, N.M, Kirby, K.N, Kranzler, H.R. (2002) Effects of gender and family history of alcohol dependence on a behavioral task of impulsivity in healthy subjects. *Journal of Studies on Alcohol*, 63(1), 83-90.
- Penso,A&Sudbrack,M.F.(2004). Envolvimento em atos infracionais e com drogas como possibilidades para lidar com o papel de filho parental. *Psicologia USP*, 15(3), 29-54.
- Penso, A. (2003). *Dinâmicas Familiares e Construções Identitárias de Adolescentes Envolvidos em Atos Infracionais e com Drogas*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília; Brasília, DF.
- Popper, K. (1959). *A Lógica da Pesquisa Científica*. (L. Hegenberg, Trad.). São Paulo: Cultrix. (Publicado originalmente em 1935).
- Rabelo, M. C. (1999). *Experiência de Doença e Narrativa*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Ramires, V. R. (1997). *O Exercício da Paternidade Hoje*. Rio de Janeiro:Rosa dos Tempos.
- Ramos, S. P. (1990). *Alcoolismo Hoje*.(2ª ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ramos, F. R. (2001). *Adolescer: Compreender, Atuar, Acolher: Projeto Acolher*. Brasília: ABEN Associação Brasileira de Enfermagem.
- Ratner, C. (1997). *Cultural Psychology and qualitative methodology: theoretical and empirical considerations*. Nova York: Plenum Press.
- Ravazzola, M. C. (2005) Resiliências Familiares em Melillo, A. (2005). *Resiliência Descobrimos as Próprias Fortalezas*. (Valério Campos Trad.) Porto Alegre: Artmed.
- Ribeiro, Walter (1998). *Existência e Essência*. São Paulo: Summus
- Ribeaux, M. (1997). A Critical Analysis of COA Research. *Alcohol Health and Research World*. 21(3), 258-265.
- Rogers, C. (1981). *Tornar-se Pessoa*.(Manuel J. C Ferreira Trad.) São Paulo: Martins Fontes. (Publicado originalmente em 1961).
- Rosa, L. A. (1998). *Palavra e Verdade: na Filosofia antiga e na Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar .
- Rutter, M. , Silberg, J., Ó Connor, T.& Simonhoff, E. (1999). Genetics and Child Psychiatry; II Empirical Research Findings. *Journal Child Psychological Psychiatry*, 40, 19-55.
- Satir, C. (2004) . A Família como Ordem Simbólica. *Psicologia USP*,15, (3), 11-29.

Sartre, J. P. (1983). *A Náusea*. (Rita B., Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Publicado originalmente em 1938).

Schnitman, D. F. (1996). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. (J. A. Rodríguez, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Publicado originalmente em 1994).

Schopenhauer, A. (2006). *O Mundo como Vontade e Representação*. (Pietro Nasseti, Trad.). São Paulo: Martin Claret. (Publicado originalmente em 1818).

Schopenhauer, A. (2006). *Do Sofrimento do Mundo*. (Pietro Nasseti, Trad.). São Paulo: Martin Claret. (Publicado originalmente em 1818).

Sher, K. J. (1991) *Children of Alcoholics: a Critical Appraisal of Theory and Research*. Chicago: The University of Chicago Press.

Sher, K. L. (1977). Psicopatologia Characteristics of Children of alcoholics. *Alcohol Health & Research World*, 21(3), 247-54.

Sher, K.J., Walitzer, K.S., Wood, P.K.& Brent, E.E. (1991) Characteristics of children of alcoholics: Putative risk factors, substance use and abuse, and psychopathology. *Journal of Abnormal Psychology*, 100, 427-448.

Shuckit, M. (1984). Subjective Responses to Alcohol in Sons of Alcoholics and Control Subjects. *Archives. General. Psychiatry*, 41, 879-933.

Sluzki, C. (1997). *A Rede Social Na Prática Sistêmica: Alternativas Terapêuticas*. (Cláudia Berliner Trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Soar Filho, J. (2002). Novos Paradigmas da Psicologia e das Terapias Psicológicas Pós-modernas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 14(1), 85-93.

Sonenreich, C. (1971). *Contribuição para o Estudo da Etiologia do Alcoolismo*. Tese de Doutorado. Instituto de Psiquiatria. Universidade de São Paulo. São Paulo.

Souza, 2005. Maturidade emocional e avaliação comportamental de crianças filhas de alcoolistas. *Psicologia em Estudo*, 10,(2), 191-199.

Stamm, M. (2005). *Quebrando o Silêncio no Cuidado Transdimensional a Mulheres Alcoolistas em Família*. Tese de Doutorado. Curso de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Stanton, M. D.& Todd, T. (1985). *Terapia Familiar del abuso y adicción a las drogas*. Barcelona: Gedisa.

Steinglass, P. (1977). Experimenting with family treatment approaches to alcoholism in men and family history. *Journal of studies of alcohol*, 45(4),334-338.

Steinglass, P.(1989). *La Família Alcohólica* (F. Mazia, Trad.).Barcelona: Editorial Gedisa. (Original publicado em 1989).

Straus, M. (1994). *Violência na Vida dos Adolescentes*. (Maria Cristina Guimarães trad.).São Paulo: Best Seller.(Publicado originalmente em 1994).

Sudbrack, m. F, Conceição, M. I., Seidl, E. M.F. & Silva , M. T.(2003) *O Adolescente e as Drogas no Contexto da Justiça*. Brasília: Plano Editora.

Taber, Beatriz (1999). *Adolescência e Cidadania*. em *Adolescente e A Modernidade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Tarter, R.E., Blackson, T.C., Martin, C.S., Loeber, R.& Moss, H.B. (1993) Characteristics and Correlates of Child Discipline Practices in Substance Abuse and Normal Families. *The American Journal on Addiction*, 2(1), 18-25.

Tilmans-Ostyn, E. (2001) Novas tendências no tratamento dos maus tratos e do abuso sexual na família. *Pensando famílias*, 3, 30-49.

Trindade, E. M. (1994). *O Alcoolismo Através das Gerações*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília: Brasília, DF.

Tubert, Sílvia (1999). *O Enigma da Adolescência: Enunciação e Crise Narcísica em Adolescente e A Modernidade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Tweed, S.H & Ryff, C.D. (1996). Family climate and parent-child relationships: Recollections from a nonclinical sample of adult children of alcoholic fathers. *Research in Nursing and Health*, 19(4), 311-321.

Ullman, Albert (1994). Why Some Children Become Alcoholics: Emulation of The Drinker. *Adolescence*, 29(113),1-11.

Walsh, Froma (2005). *Fortalecendo a Resiliência Familiar*. São Paulo: Roca.

Werner, E. E. (1986). Resilient offspring of alcoholics: a longitudinal study from birth to age 18. *Journal of Studies of Alcohol*, 47,34-40.

Wilson, G. T & Oxford, J. (1978). Expectances alcohol and sexual arousal in women. *Journal of abnormal Psychology*, 83, 358-367.

Wilson, J. R.& Crowe, L. (1991). Genetics of alcoholism. *Alcohol Health and Research World*,15,11-17.

Yepez, M. T.; Pinheiro, V. S. (2005). Socialização de Gênero e Adolescência. *Estudos Feministas*, 13(1), 147-162.

Xiberras, M. (1989). *A Sociedade Intoxicada*. (Alexandre Correia. Trad.). Epistemologia e Sociedade. Lisboa: Instituto Piaget.(Publicado originalmente em 1989).

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

ANEXOS

O PISAS (Programa Integrado de Saúde do Alcoolismo em Sobradinho) representa um importante lugar de acolhimento e tratamento de pacientes e familiares com dificuldades de lidar com o problema da dependência alcoólica. Estou interessada em conhecer melhor e pesquisar qual o impacto do alcoolismo na família e o como filhos de alcoolistas adolescentes enfrentam este problema, se sofrem muito e o que pensam destas questões.

Estou realizando uma pesquisa na área de Psicologia Clínica relacionada ao tema do sofrimento psíquico de adolescentes filhos de alcoolistas, sob a orientação do Professor Dr. Dênio Lima, que será apresentada na Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências da Saúde

Aproveito para convidá-lo(a) a participar desta pesquisa que tem como a compreensão do sofrimento psíquico deste grupo. Fique totalmente à vontade para decidir se quer participar. Seu nome e identidade serão mantidos em sigilo e qualquer mudança no processo será comunicada. Você pode desistir da pesquisa em qualquer momento, sem nenhum prejuízo ou consequência. Seu pai e/ou sua mãe ou alguém considerado responsável também deverão estar de acordo com esta proposta. Em caso negativo não tem problema algum e em caso afirmativo, leia cuidadosamente este termo e aproveite para esclarecer todas as dúvidas.

Para qualquer esclarecimento entre em contato com a psicóloga Eliana Mendonça Vilar nos telefones: 96455250 e 33681959. Você receberá uma via assinada deste documento.

Declaro que li e entendi este formulário de consentimento e não tenho nenhuma dúvida e que gostaria de ser voluntário deste estudo.

Assinatura da voluntária.....data.....

Assinatura do responsável.....data.....

Assinatura do orientador..... data.....

Assinatura da psicóloga.....data.....